

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Angelo de Assis Fernandes dos Santos

O BLOG DE MÍRIAM LEITÃO E A LINGUAGEM DO
JORNALISMO ECONÔMICO

BAURU – SP

2011

Angelo de Assis Fernandes dos Santos

**O BLOG DE MÍRIAM LEITÃO E A LINGUAGEM DO
JORNALISMO ECONÔMICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões.

BAURU – SP

2011

À minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Ao PPGCOM da UNESP pela oportunidade concedida.

Ao professor Marcelo M. Bulhões pela confiança e incentivo.

Sinceros agradecimentos.

“O homem é a medida de todas as coisas”

Protágoras

SANTOS, Angelo de Assis Fernandes dos. **O blog de Míriam Leitão e a linguagem do jornalismo econômico**. 2011, 121 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2011.

RESUMO

A prática do jornalismo econômico tem sido criticada ao longo do tempo no Brasil por apresentar uma linguagem difícil, cheia de termos técnicos associados à economia, não raro tratando de temas distantes da realidade do leitor não especializado. Com base na teoria do filósofo italiano Norberto Bobbio, que estabelece critérios para situar as concepções ideológicas entre direita e esquerda, este trabalho analisa a influência de tais concepções na crítica de teóricos que abordam a produção em jornalismo econômico no Brasil. Com base em textos postados no blog de jornalismo econômico da jornalista Míriam Leitão entre agosto de 2008 e janeiro de 2009, período de agravamento da crise econômica iniciada nos Estados Unidos e que naquele ano tornou-se uma crise internacional, faz-se uma reflexão sobre a linguagem do jornalismo econômico atual com base não só nos teóricos que abordam o especificamente o jornalismo econômico, mas também nas concepções do teórico russo Mikhail Bakhtin sobre a linguagem. Também com base em Bakhtin, é feita uma abordagem da linguagem do jornalismo econômico enquanto gênero textual e suas possíveis relações com outros gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, Jornalismo Econômico, Gêneros Textuais, Crise Econômica, Dialogismo

SANTOS, Angelo de Assis Fernandes dos. **Míriam Leitão's blog and the language of economic journalism**. 2011, 121 p. Dissertation (Master's degree in Communication). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2011.

ABSTRACT

The praxis of economic journalism has been under criticism for a long time in Brazil for its language, which is considered hard to understand and filled with technical terms associated with Economics, sometimes dealing with subjects that have little meaning to non-specialized readers. Based on the theory of Italian philosopher Norberto Bobbio, which establishes criteria to set ideological conceptions between right and left wings, this dissertation analyses the role such conceptions play in the criticism made by theorists of economic journalism in Brazil. Based on texts posted at the economic journalism blog of journalist Míriam Leitão between August 2008 and January 2009, a period of worsening of the economic crisis that had begun in the USA and that had become an international crisis at that time, an analysis is made about the present day language of economic journalism. Such analysis is not only based on theorists who write specifically about economic journalism, but also on the ideas on language by Russian author Mikhail Bakhtin. Also based on his ideas, an analysis is done of the language of economic journalism as a text style and its presumed relations with other styles.

KEY WORDS: Language, Economic Journalism, Text Styles, Economic Crisis, Dialogism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Página inicial do blog de Miriam Leitão	22
Figura 2:	Vídeos exclusivos para o blog	23
Figura 3:	Vídeo do “Bom Dia Brasil”	24
Figura 4:	Vídeo da GloboNews	25
Figura 5:	Link para comentário na rádio CBN	26
Figura 6:	Gráficos do mercado financeiro	27
Figura 7:	Gráficos e “economês”	28

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 – O blog de Miriam Leitão e o mundo em crise	17
1.1. Abordagem do corpus	17
1.2. Perfil de Míriam Leitão	18
1.3. Uma palavra sobre blogs	20
1.3.1. Definições	20
1.3.2. Características	21
1.4. O blog de Miriam Leitão no portal de <i>O Globo</i>	22
1.5. A crise econômica internacional	34
1.6. Estouro da bolha	35
1.7. Sobre o significado do termo ideologia e seu uso	37
1.7.1. Conceito “fraco”	37
1.7.2. Conceito “forte”	38
1.7.3. Realidade invertida	39
1.8. Posicionamento ideológico e visão de mundo	40
1.9. Direita e esquerda	41
1.10. A posição de Bobbio	43
1.11. A posição de Bakhtin	44
Capítulo 2 – A (famosa) linguagem do jornalismo econômico	46
2.1. Críticas	46
2.2. “Economês”	48
2.3. Termos técnicos: quem pode usá-los?	52
2.4. Fora do dia-a-dia	55
2.5. Diferentes momentos	56
2.6. Além da linguagem: um assunto complicado	58
2.7. Distanciamento	60
2.8. Intuitividade	63
Capítulo 3 – O dialogismo de Bakhtin e o jornalismo econômico	67
3.1. A realidade por meio da linguagem	67
3.2. Unidades potenciais e unidades reais de comunicação	70
3.3. Conceitos do dialogismo de Bakhtin no blog de Miriam Leitão	74
3.4. O jornalismo econômico e a questão dos gêneros	78
3.5. Linguagem como meio	80
3.6. Narratividade	82
3.7. Interpretatividade	86
3.8. Crônica e jornalismo econômico	87
3.9. Em outras bases	92
Considerações finais	96
Referências bibliográficas	101
ANEXOS	105

Introdução

Agosto de 2008. O mundo se vê diante de uma das maiores crises econômicas enfrentadas pelo capitalismo desde a histórica crise de 1929. Mas o cenário desta vez é completamente diferente. A crise agora ocorre em um mundo muitíssimo mais interligado financeira e comercialmente do que o do final da segunda década do século passado. Dá-se em um cenário de grandes avanços nas tecnologias de comunicação. Ao contrário da crise de 1929, em que o socialismo se apresentava como uma alternativa palpável ao capitalismo industrial e financeiro do ocidente, a atual ocorre vinte anos após o declínio das experiências de socialismo real na Europa e num momento em que a mais importante nação politicamente socialista do planeta nos dias de hoje, a China, já alcança o patamar de gigante econômico, conciliando um regime de Estado diretor dos movimentos econômicos do país com políticas econômicas de características marcadamente liberais, deixando para trás bandeiras como a da distribuição igualitária de renda.

A crise desenrola-se num mundo em que uma rede mundial de computadores conecta pessoas e instituições em todos os continentes, gerando e disseminando informações, debates e notícias dia e noite, ininterruptamente, algo que sequer poderia ser imaginado em 1929. Acontece em um tempo em que não faltam publicações sobre economia e no qual a cobertura midiática sobre esse tema já tem mais de 50 anos, mesmo em um país até recentemente considerado periférico como o Brasil. E espalha-se mundo afora numa era em que o acompanhamento das bolsas de valores em todo o planeta é feito minuto a minuto pelos mais diversos veículos de comunicação. Mas, apesar do ritmo veloz da circulação de informações, pegou o mundo, se não completamente de surpresa, pelo menos despreparado para lidar com seus desdobramentos.

É sempre tentador, em momentos assim, culpar quem em tese deveria estar preparado para enxergar, nas frenéticas correntes dos fluxos comerciais e financeiros entre nações e instituições, os ventos tempestuosos que finalmente levariam à crise, e alertar a sociedade do perigo que se aproximava. Ou seja, é quase um movimento de

reflexo questionar economistas e a mídia especializada em economia sobre os porquês da crise e, mais importante ainda, inquirir sobre por que não foram capazes de prever sua deflagração, sua gravidade e seu alcance global.

Mas, como lembrou certa vez o economista Robert Heilbroner¹, no livro *A história do pensamento econômico*, a respeito da capacidade de previsão de seus colegas de profissão:

[...] a visão até dos maiores economistas foi limitada porque eles não conseguiram ver além das esquinas da História, nem notar as mudanças no cenário institucional e técnico no qual se realizam as atividades econômicas dos atores. O capitalismo como uma idade histórica parece ter virado estas esquinas três ou quatro vezes [...]. Em cada uma destas épocas, as idéias e visões de seus filósofos profanos abriram uma avenida lógica para o futuro, mas cada visão alcançou apenas o ponto que o cenário tecnológico e institucional permitiu. Quando uma esquina é alcançada, o prognóstico deixa de ser válido (HEILBRONER, pp. 292-3).

Assim, embora seja razoável esperar um mínimo de capacidade de previsão, nem que seja para fins de aconselhamento sobre o caminho a seguir frente à indissipável escuridão da incerteza, não há que se esperar milagres dos economistas, cujos jargões não raro pouco significam para os leigos, ou dos jornalistas encarregados de explicar o que dizem eles e outros agentes econômicos (ou descobrir o que não podem ou não querem dizer).

É com isso em mente que o presente trabalho propõe-se, a partir de postagens do blog de Míriam Leitão sobre a crise econômica mundial iniciada em 2008, a analisar a linguagem do jornalismo econômico, inclusive como gênero textual, além de fazer uma reflexão sobre as formas de abordagem do tema jornalismo econômico no Brasil. Conforme explicado no capítulo 1, foram analisadas postagens especificamente relacionadas à crise econômica ou que fazem referência direta a ela, colocadas no blog entre agosto de 2008 e janeiro de 2009.

¹ Embora pouco conhecido no Brasil fora dos círculos acadêmicos da economia, o professor e economista norte-americano Robert Heilbroner (nascido em 1919 e falecido em 2005) deixou importante contribuição como historiador do pensamento econômico e escreveu várias obras voltadas a esse tema. Seu livro mais famoso é *The Worldly Philosophers*, de 1953, traduzido no Brasil como *A história do pensamento econômico*.

Parte-se aqui do pressuposto de que ao jornalismo econômico cabe, em termos de previsão, não mais que informar adequadamente o leitor sobre temas referentes à economia e aconselhá-lo sobre o melhor (ou o “menos pior”) caminho a seguir em relação a determinado problema ou situação em que precise ou deseje tomar alguma decisão em relação à sua vida financeira. Leitor esse, vale lembrar, que no ambiente da comunicação on-line é cada vez mais um interlocutor dos geradores de conteúdos midiáticos.

Porém, por ser uma das áreas da comunicação com grande potencial para controvérsias e críticas no ambiente acadêmico, o jornalismo econômico está sujeito, talvez mais do que outros campos da comunicação, a considerações de natureza ideológica. Assim, por razões que serão melhor explicadas adiante, considera-se aqui que o jornalismo econômico não tem de assumir, *a priori*, compromissos ideológicos, embora ele próprio inevitavelmente se constitua, como também será explicado à frente, de discursos ideologizados.

E sobre as questões ideológicas, é feita uma abordagem do quanto elas são determinantes tanto para a produção de conteúdos em jornalismo econômico pelos profissionais da área quanto para a análise dessa produção pelos estudiosos desse campo da comunicação midiática. Como se verá no capítulo 2, por exemplo, o posicionamento ideológico dos autores mostra-se importante para determinar qual é, para eles, o verdadeiro papel do jornalismo econômico, e se, do ponto de vista deles, tal papel está ou não sendo desempenhado a contento.

Para o tipo de análise aqui proposta, optou-se por indicar critérios de referenciação ideológica de textos e de autores que escrevem sobre o jornalismo econômico, já que as citadas questões ideológicas eram determinantes tanto em relação à produção quanto à análise dos conteúdos².

A questão que se colocou então foi que – sem aspirar a uma duvidosa pretensão de neutralidade por parte do pesquisador – seria imprescindível encontrar bases para a

² Por referenciação ideológica entende-se, neste trabalho, situar determinado autor em um ponto de um arco teórico que vai da direita à esquerda, conforme detalhado no capítulo 1, com base em pressupostos assumidos em seus textos.

adoção de tais critérios e que eles fossem adequados a uma localização ideológica dos autores que abordam o tema jornalismo econômico. Isso porque esta localização seria determinante para esclarecer o que tal autor espera dessa modalidade de jornalismo e, com base em tal expectativa, como ele avalia a produção existente.

Após algumas pesquisas, reflexões e consultas, mostrou-se como a mais adequada para esse fim, dentre as teorias a que teve acesso o pesquisador, a tese do filósofo italiano Norberto Bobbio sobre as diferenças ideológicas fundamentais que dividem os homens, pelo menos nos últimos dois séculos, situando-os em um ou outro ponto de um arco no qual em um dos lados estão as posturas de esquerda e, no outro, as de direita. É portanto aos critérios propostos por Bobbio no livro *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*³ que este trabalho remete-se quando situa, no citado espectro ideológico, os autores abordados.

Havia a possibilidade de se utilizar, por exemplo, o método da análise do discurso em um dos campos de investigação a ela associados, o do sentido, conforme proposto por Márcia Benetti no livro *Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos*. Mas a própria autora admite que tamanha é sua complexidade dado seu quadro referencial que alguns autores a consideram não uma metodologia, mas sim uma teoria (BENETTI, 2008, p. 120).

Além disso, a análise do discurso é adequada quando o pesquisador se debruça sobre um determinado corpus para análise com os respectivos recortes de tema, veículo em que foi disseminado e período cronológico, mas não quando ele também trata de outros textos de análise, como no presente caso.

Não se procura, porém, fechar a questão sobre a importância da localização ideológica dos autores que abordam o tema jornalismo econômico para colocar em perspectiva sua abordagem e as conclusões a que chegam. O que se busca é antes propor essa reflexão por considera-la válida.

³ BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo, Editora UNESP, 2001.

Além das questões citadas, fez-se também uma reflexão sobre se a produção de conteúdos em jornalismo econômico (incluindo-se aí o on-line e consequentemente o corpus de análise do presente trabalho) poderia de alguma forma caracterizar-se como um gênero textual, talvez similar ao da crônica jornalística tradicional. Cogita-se se tal produção, mesmo voltada às questões de natureza econômica, de algum modo trouxesse elementos de uma preocupação estética, quem sabe mesmo literária, em seus conteúdos.

As reflexões sobre uma análise do jornalismo econômico com base em classificações tradicionais típicas dos gêneros literários são abordados no capítulo 3.

Como se verá, a abordagem de gênero que se mostrou mais adequada tanto ao corpus do trabalho quanto a outros textos de jornalismo econômico foi a dos gêneros do discurso, proposta pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin. Como se verá, a análise de Bakhtin para os gêneros afasta-se das classificações tradicionais baseadas em atributos que buscam enquadrar as produções de conteúdo neste ou naquele gênero proposto por determinado autor. Em vez disso, ele as analisa em suas relações com outros discursos, com o interlocutor do discurso produzido e com o contexto social em que se inserem o emissor do discurso e seu interlocutor: uma abordagem muito pertinente ao jornalismo econômico, em que as relações de interlocução são polêmicas.

Assim, no capítulo 3, a abordagem de gênero do corpus deste trabalho dirá respeito à dinâmica de sua relação com seus interlocutores e com a forma pela qual busca apresentar os temas tratados. Mas antes, no capítulo 2, em um contexto mais geral de análise histórica do jornalismo econômico no Brasil a partir da segunda metade do século passado, essa abordagem revelará uma dinâmica ora de aproximação ora de distanciamento em relação ao público leigo nas questões econômicas.

Finalmente, um esclarecimento se faz necessário. Já que se falará aqui também de posicionamentos ideológicos, uma questão poderia chamar a atenção dos iniciados no pensamento do autor russo Mikhail Bakhtin. Por que, no que se refere à abordagem de questões ideológicas, optou-se pelo trabalho do italiano Norberto Bobbio, e não (ou pelo menos também) pelo de Bakhtin, pensador que deixou relevante produção voltada

à temática ideológica associada aos usos da linguagem, principalmente em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*⁴?

A resposta a essa questão na verdade é bem simples. Conforme acima citado, uma das preocupações que se coloca neste trabalho é a de apresentar as visões ideológicas como determinantes tanto das produções de conteúdo em jornalismo econômico quanto das abordagens que pesquisadores fazem de tais produções. E para isso a teoria de Bobbio serve como critério suficiente para situar tais visões. Afinal, na obra de referência para isso usada, o autor italiano propõe-se justamente a explicar o que caracteriza o pensamento de esquerda, o de direita, e tudo o que se situa entre esses dois pólos, além é claro do que os diferencia.

Já a teoria de Bakhtin, no que toca à ideologia, tem um propósito totalmente diferente. Em “Marxismo e filosofia da linguagem”, o autor se propõe, a partir de uma análise marxista, a dar as orientações que uma reflexão sobre a linguagem deveria seguir e a metodologia que a deveria guiar ao tratar de questões linguísticas (BAKHTIN, 1988, p. 25).

Ou seja, não obstante a pertinência de sua temática, a obra de Bakhtin não se presta, pelo menos nos termos propostos no presente trabalho, à tarefa de situar ideologicamente determinado autor ou discurso. Em vez disso, a obra do autor russo se coloca imediata e explicitamente como discurso que apresenta uma visão socialista da filosofia da linguagem.

Não por acaso, ele chega a referir-se aos principais arquitetos do socialismo do século XIX, Marx e Engels, como “pais fundadores” (p. 25), talvez fazendo uma analogia com os líderes políticos que arquitetaram a revolução norte-americana, chamados de pais fundadores dos Estados Unidos.

Embora trate ricamente do tema ideologia, sua teoria não tem a intenção de ajudar a situar ideologicamente outros textos, pontos de vista e autores. Para essa finalidade específica, a teoria de Bobbio mostrou-se mais adequada. Mas no tocante a

⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo, Hucitec, 1988

uma análise de gêneros, Bakhtin aqui foi e merece ainda ser mais utilizado nos estudos de comunicação, inclusive nos voltados ao jornalismo econômico.

Uma última explicação merece ser dada nesta introdução em virtude de questionamentos levantados sobre a pertinência de, no cenário político brasileiro e mundial da segunda década do século XXI, ser ainda abordada a dicotomia entre direita e esquerda, como neste trabalho. Argumentou-se, por exemplo, que ela estaria superada pela adoção de políticas de direita por governos de esquerda, inclusive no Brasil. Com relação a isso, dois pontos devem ser lembrados.

Primeiro, o questionamento acima citado é rebatido pelo próprio Bobbio nos três primeiros capítulos de “Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política”. E em resumo, ele argumenta que a base dessa dicotomia não está na política, mas sim na forma própria como se encara a relação que o homem deve ter com seu semelhante, se mais igualitária (o que não implica ser esta a melhor situação possível para ambos) ou de forma menos igualitária (supondo-se que uma desigualdade relativa pode ser melhor para ambas as partes do que a igualdade absoluta). Mais detalhes sobre essa diferença estão no primeiro capítulo deste trabalho.

Segundo, seja a dicotomia entre direita e esquerda importante no plano político dos governos ou não, fica claro na abordagem de autores que escrevem sobre a produção do jornalismo econômico, como se pode ver no capítulo 2, que para os que são aqui estudados essa dicotomia é real, é levada em conta em suas análises e em muito determina a maneira como encaram e avaliam o jornalismo econômico. Assim, pelos motivos expostos, o uso da abordagem de Bobbio sobre a dicotomia direita *versus* esquerda foi considerado válido para o presente trabalho.

Capítulo 1 – O blog de Miriam Leitão e o mundo em crise

1.1. Abordagem do corpus

Sobre a forma como abordar o corpus de estudo deste trabalho, algumas considerações são relevantes sobre seu volume de produção e período de delimitação. As postagens no blog de Miriam Leitão são feitas diariamente e sempre há mais de uma postagem por dia. E estas tanto podem ter menos de mil caracteres como mais de três mil. Ou seja, a produção é grande.

Além disso, para a realização da pesquisa, havia a necessidade de que o período de análise delimitado fosse relativamente longo, uma vez que deveria acompanhar as postagens sobre um tema (a crise econômica de 2008) cujos desdobramentos ocorreram ao longo de vários meses (e na verdade repercutem ainda quando da produção do trabalho, três anos após a eclosão da crise).

Assim, quando da escolha do instrumental metodológico da pesquisa, tais características – o volume de conteúdo e a abrangência cronológica delimitada para o corpus – foram particularmente levadas em consideração. A abordagem deveria proporcionar tanto a possibilidade de selecionar partes relevantes dos discursos que compõem o conteúdo do blog quanto vislumbrar em sua totalidade a forma como ele fez a cobertura da crise econômica.

A respeito da metodologia da pesquisa, devido à natureza de seu objeto, a opção escolhida para sua delimitação foi a técnica da análise documental. Mas a abordagem não é somente qualitativa, mas também quantitativa. Vejamos o porquê da dupla abordagem para delimitação.

Por um lado, o grande volume de textos para análise impôs uma escolha qualitativa de acordo com o tema tratado e com análises específicas que são feitas sobre o discurso do blog. Assim, foram analisadas apenas postagens relativas à crise econômica de 2008, ou que faziam referência direta a ela, e colocadas no blog entre

agosto de 2008 e janeiro de 2009. E as análises feitas do discurso do blog, inclusive com relação a gênero textual, referem-se a essas postagens.

Mas, por outro, assume-se que é o conjunto das postagens no blog de Miriam Leitão, que reúne informações em quantidade sobre a crise econômica mundial de 2008, que permite analisar como o blog aborda o tema ao longo do recorte de tempo escolhido para análise. Nesse sentido, pode-se dizer que a abordagem é também quantitativa.

Outro aspecto deste trabalho é o fato de que sua fonte de análise é de origem secundária. Trata-se de informações já reunidas e organizadas no veículo de comunicação para o qual foram produzidas. Os textos do blog de Miriam Leitão estão organizados por ano e por mês na internet e gratuitamente acessíveis para consulta mediante preenchimento de um cadastro.

Apesar da contextualização histórica feita sobre a crise econômica mundial de 2008 na introdução do trabalho, sempre necessário, contextualizações mais precisas serão feitas para fins de esclarecimento em partes do corpus usadas no desenvolvimento da dissertação.

1.2. Perfil de Miriam Leitão

Quanto ao seu perfil profissional da jornalista, relata o “Columbia News”, jornal on-line da Universidade de Columbia, de Nova Iorque:

[Miriam Leitão] is a truly multimedia Brazilian journalist. (...) Leitão has been a journalist for more than 30 years, concentrating on economics and business in a country plagued by frequent economic crises, but as she notes in her columns, a country with great potential and a demonstrated role as an emerging global power⁵.

⁵ Disponível em: <<http://www.columbia.edu/cu/news/05/06/cabot.html>>. Tradução: [Miriam Leitão] é uma jornalista brasileira verdadeiramente multimídia. [...] É jornalista há mais de 30 anos, concentrando-se em economia e negócios em um país castigado por crises econômicas frequentes, mas conforme ela observa em suas colunas, um país com grande potencial e um papel já demonstrado como potência mundial emergente.

Ainda de acordo com a publicação, a jornalista conseguiu ir além das fronteiras do jornalismo econômico, desempenhando papel relevante na investigação da injustiça social no Brasil, contribuindo para o debate nacional e na busca por soluções.

Segundo a revista *Época*, que pertence ao grupo Globo, em edição de 15 de dezembro de 2007 sobre figuras de vulto na mídia brasileira:

Ela é a maior referência no jornalismo econômico e de negócios, desde Joelmir Beting nos anos 1980, porque domina os mecanismos de decisão e as fontes de notícia no setor público, no mercado e nas empresas. Como outros jornalistas de sua geração, Miriam foi militante de esquerda. Foi presa e torturada grávida, antes de iniciar a carreira de repórter.

Miriam Leitão, de 54 anos, está em toda parte porque é uma jornalista multimídia, mas também porque tem opinião sobre tudo o que considera relevante – da política ao meio ambiente, da diplomacia às políticas de inclusão social. Uma opinião que nos acompanha todos os dias⁶.

Com relação à forma como a jornalista defende seus pontos de vista, porém, o jornalista Reinaldo Azevedo sugeriu que ela não seria receptiva àqueles que dela discordam, chegando mesmo a dizer que ela teria um temperamento obsessivo. Escreveu ele:

Miriam, é verdade, nos tempos da sobrevalorização cambial [política de valorização da moeda local frente a moedas estrangeiras, posição com a qual a jornalista concordava na época], não abria muito espaço para o contraditório. Havia sempre a sugestão nada leve de que os que se opunham à sua teoria gostavam mesmo era de farra, de inflação, de ganância.

Compreendo. Há pessoas que têm esse temperamento, vamos dizer, obsessivo. Quando abraçam uma causa, consideram que o contraditório significa uma aposta na barbárie. Sentem-se, assim, donas da civilização, do moderno, do progresso⁷.

Miriam Leitão nasceu na cidade mineira de Caratinga em 1953. Tem dois livros publicados. *Convém sonhar*, de 2010, é uma coletânea de crônicas que publicou em diferentes momentos de sua carreira até então, mas principalmente em sua coluna no jornal *O Globo*⁸. Já *Saga Brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda*, de 2011, é um projeto mais ambicioso, no qual Míriam Leitão busca traçar um histórico de um

⁶ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG80297-9306-498,00.html>>

⁷ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/assim-nao-miriam-leitao>>

⁸ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/789954-miriam-leitao-lanca-coletanea-de-cronicas-que-retratam-historia-recente-do-pais.shtml>>

período, entre o fim da década de 1970 até meados da década de 1990, caracterizado por hiperinflação e planos econômicos que procuravam combatê-la.

1.3. Uma palavra sobre blogs

Questões foram apresentadas durante a produção deste trabalho sobre a concepção de blog: o que seria um blog? O que seria jornalismo blogueiro? Qual a relação deste com o jornalismo on-line de uma forma geral? Embora estes sejam questionamentos válidos, não são o foco de análise deste trabalho, pois a caracterização do que vem a ser um blog é em si um tópico que possibilita ampla discussão em trabalhos especificamente voltados para tal finalidade.

É importante esclarecer: este trabalho é sobre um determinado corpus e este foi delimitado a partir da produção de sentido disponibilizada em um espaço on-line que se autodenomina blog. Assim, o termo aparece mais aqui em virtude dessa denominação do espaço on-line onde se encontra o corpus estudado do que por ser o trabalho voltado à análise do que vem a ser um blog. Mesmo que o conjunto de textos do qual deriva o corpus aqui estudado não fosse chamado de blog, ainda assim o corpus do trabalho seria o mesmo. Feito esse esclarecimento, vale fazer algumas observações sobre o uso do termo blog.

1.3.1. Definições

Tal é a variedade de contextos em que a palavra é usada e as diversas finalidades a que se destinam as ferramentas comumente referidas como blogs que Adriana Amaral, Raquel Recuero e Sandra Portella Montardo apresentam três classes de definição para o termo (AMARAL, RECUERO & MONTARDO, 2008).

Segundo as autoras, há uma definição estrutural segundo a qual o que têm em comum publicações on-line chamadas de blogs é sua estrutura ou formato: textos organizados em ordem cronológica reversa e que são datados e atualizados com alguma frequência.

Uma segunda definição, que elas chamam de funcional, toma por base a função dos blogs como meio de comunicação com caráter “conversacional”: a funcionalidade dos espaços destinados a comentários de leitores, que aparecem logo abaixo do texto postado, potencializa o caráter de interlocução entre o produtor do conteúdo e seu leitor.

E finalmente uma terceira definição apresentada pelas autoras é de raiz etnográfica: blogs vistos como “artefatos culturais”, caracterizados pela apropriação que os usuários fazem das ferramentas de publicação digital para demarcar espaços culturais virtuais no hiperespaço com seus textos (AMARAL, RECUERO & MONTARDO, 2008).

1.3.2. Características

Das reflexões feitas por Amaral, Recuero e Montardo sobre o conceito de blog partindo das três definições acima apresentadas, elas ressaltam algumas características dessa forma de comunicação e a seguir são apresentadas as que dizem respeito mais diretamente ao blog de Miriam Leitão e à porção dele que constitui o corpus de análise do presente trabalho.

A primeira característica é a personalização. Blogs potencializam a expressão individual em público de opiniões e de pontos de vista. Esta característica aparece explicitamente no blog da jornalista a começar por sua própria denominação, que contém seu nome.

A segunda característica apresentada pelas autoras, que parte da primeira, é a de uma socialização on-line baseada em campos de interesse entre quem produz conteúdos e quem os lê (e eventualmente também produz). O material apresentado no blog, especialmente o que envolve posicionamentos e pontos de vista do autor motivam alguns leitores a se manifestar no espaço a isso reservado no blog ou em outros espaços on-line. É o que acontece, por exemplo, quando Reinaldo Azevedo responde em seu

blog, vinculado à revista *Veja*, do grupo Abril, conforme citação acima, a pontos de vista expressos por Miriam Leitão⁹.

E derivada da segunda, a terceira característica é a do impacto social dos blogs, contribuindo mesmo, segundo elas, para a construção de estruturas sociais moldadas por meio das trocas de comentários e links (AMARAL, RECUERO & MONTARDO, 2008). No caso de um blog de jornalismo econômico, e é o caso do de Miriam Leitão, ele serve como ponto de convergência para interessados em temas ligados à economia.

Há ainda uma característica apenas rapidamente citada pelas autoras, e que também está presente no blog de Miriam Leitão, mas que constitui importante mudança na forma como o jornalismo passa a ser feito: como meios de comunicação, os blogs também são “meios de práticas jornalísticas”. Como afirma Doctor, citando o jornalista Jonathan Landman, a respeito do jornal impresso *The New York Times* e seus blogs:

Para o *Times*, diz Landman, o blog é considerado mais como um recurso adicional do que uma forma separada de jornalismo. “Não penso no blog como uma coisa isolada. As pessoas exageram o verdadeiro significado do blog. Ele é sensível, pessoal”? Mais importante é o que o formato do blog pode oferecer aos jornalistas, ou seja, rapidez, informalidade e interatividade (DOCTOR, 2011, p. 181).

Os três últimos substantivos usados no trecho citado acima podem ser aplicados ao blog de Miriam Leitão, mas o que é mais importante é que não caracterizam apenas o que se convencionou chamar genericamente de blog, mas também o jornalismo on-line de forma geral.

1.4. O blog de Miriam Leitão no portal de *O Globo*

O blog de jornalismo econômico da jornalista Miriam Leitão foi criado em 22 de maio de 2006. Segundo conta ela, a motivação para criar a página surgiu quando foi

⁹ Em postagem sobre questões relativas a racismo e cotas raciais em universidades, e não especificamente sobre economia. O texto de Azevedo foi útil a este trabalho para ajudar na caracterização do perfil de Miriam Leitão a partir de um ponto de vista que não os de veículos vinculados ao grupo Globo.

abordada por um garçom após um debate e este perguntou qual era o seu “site”. Ao responder que não tinha um, garçom teria retrucado que ela precisava ter¹⁰.

O blog pode ser considerado uma extensão, na internet, do trabalho da jornalista como colunista do jornal impresso “O Globo” e também como comentarista de economia do telejornal matutino Bom Dia Brasil e da Rádio CBN, todos pertencentes às organizações Globo.

Desta forma, não poderia ser considerado um trabalho totalmente independente a ponto de vir a questionar, se preciso fosse, a linha ideológica e os interesses corporativos do grupo Globo. Isso não implica, porém, que haja um divórcio completo entre os interesses sob os quais é realizado o trabalho do blog e de acordo com os quais seus discursos são construídos e os interesses do público leitor, composto basicamente por pessoas que têm algum interesse em temas econômicos.

Uma análise do corpus deste trabalho, um recorte que abrange os meses de agosto de 2008 a janeiro de 2009, período de estouro e desdobramentos do que inicialmente era a crise do subprime e que se desdobrou numa crise econômica mundial, indica que, não obstante tais limitações, são variados os assuntos tratados e não pouca é a liberdade com que são abordados.

O blog tampouco é um trabalho solitário de Miriam Leitão. Para manter o ritmo de postagens diárias, ela conta com uma equipe de assessores que ajuda a alimentá-lo com notícias e análises econômicas. No período das postagens analisadas neste trabalho, ela contou com a ajuda da jornalista Débora Thomé e de Alvaro Gribel, que além de jornalista é também músico. A partir de 2009, a jornalista Valéria Maniero assumiu o lugar de Débora Thomé como contribuinte de conteúdo para o blog.

Embora tenha-se optado, neste trabalho (dentro do citado recorte que constitui o conjunto das postagens entre agosto de 2008 e janeiro de 2009 relativas à crise econômica iniciada em 2008), pelo uso preferencial das postagens creditadas a Miriam Leitão, postagens dos demais jornalistas que participam do blog também aparecem

¹⁰ Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2006/05/22/o-tempo-esta-quente-nos-mercados-10560.asp>>

ocasionalmente, uma vez que trata-se de uma análise do blog e este, embora sob responsabilidade e supervisão de Miriam Leitão, não é um trabalho individual feito exclusivamente por ela.

Assim, no que se refere à análise do texto em questões como a dos gêneros textuais, os textos analisados são os de autoria da própria Miriam Leitão. Mas na abordagem de questões como a relação do conteúdo textual com recursos audiovisuais e semióticos, o conteúdo gerado pelos outros colaboradores é levado em consideração. Por exemplo, A maior parte dos gráficos mais complexos mostrados o blog são de postagens atribuídas a Alvaro Gribel (figura 6, página 21).

Por pertencer a um grande grupo de comunicação e devido às características de suas postagens, abaixo melhor detalhadas, o blog de Miriam Leitão foge às características mais comumente associadas aos blogs, por assim dizer, convencionais. Deve ser mais visto como um espaço de que dispõe a jornalista, no portal do jornal “O Globo”, para aprofundar-se na análise de temas econômicos relevantes no momento.

São muitas vezes disponibilizados no blog, até mesmo na íntegra, textos seus utilizados na sua coluna da versão impressa de “O Globo”, além de participações em vídeo que faz no telejornal “Bom Dia Brasil” (figura 3, página 18), entrevistas com figuras relevantes da área de economia para o canal por assinatura Globo News (figura 4, página 19), áudios de seus comentários na rádio CBN (figura 5, página 20), também do grupo Globo. Ocasionalmente, há também vídeos feitos especialmente para o blog (figura 2, página 17). E além dos temas tradicionalmente econômicos, a jornalista abre espaço para os relacionados ao meio ambiente, tema pelo qual já foi premiada em 2007¹¹.

Na contramão das recomendações dos teóricos que defendem que a linguagem a ser usada nos blogs deve ser a mais objetiva possível, evitando períodos extensos, adjetivações e textos muito longos nas postagens, o blog muitas vezes apresenta textos com mais de três mil caracteres, períodos longos ou de composição mais complexa e, não raro, usa termos técnicos de economia (figura 7, página 22).

¹¹ Disponível em:

<<http://www.sosmatatlantica.org.br/index.php?section=content&action=contentDetails&idContent=122>>

Assumidamente opinativo, tampouco evita adjetivações no trato dos temas que aborda. Vejamos postagem de 14 de setembro de 2008, denominada “Bancos precisam ser fiscalizados”:

A AIG agora é a bola da vez nos mercados. Ontem, suas ações caíram 60% e as agências de risco rebaixaram sua classificação. Isso significa que a crise está chegando também ao mercado de seguradoras.

Essa contaminação financeira está acontecendo porque muitos bancos e fundos compraram ativos 'contaminados' pelas hipotecas subprime.

Tudo começou assim: as financeiras americanas financiaram a compra de imóveis para pessoas com baixo histórico de crédito. Essa dívida foi reempacotada e misturada com a de pessoas de bom crédito. Esse produto financeiro, o derivativo, foi se espalhando pelo mercado sem que o Fed fizesse nada. Como a economia estava crescendo, ou o Fed não via, ou fingia que não via. Ao mesmo tempo, as agência classificadoras davam aval a esses papéis, dizendo que eles estavam sólidos.

O que estamos vendo nos últimos meses, são esses papéis podres vindo à tona. E como os bancos emprestam muito uns para os outros, fica impossível prever qual o tamanho do buraco. Esses papéis podem estar espalhados pelo mundo e ninguém sabe quanto eles somam.

O que fica claro desde já, é que é preciso mais fiscalização e transparência sobre os bancos. O sistema financeiro mundial terá que ser revisto e estruturado de uma nova forma, para que isso não aconteça novamente. Ouçam aqui o comentário de hoje pela manhã na CBN¹².

Essa postagem é interessante primeiramente porque faz em um só parágrafo, o terceiro, um apanhado geral do que foi a crise financeira internacional que se desenrolava naquele momento. Segundo porque explicita, pelo uso de expressões adjetivadas como “ativos ‘contaminados’” e “papéis podres”, o caráter opinativo do blog, que fica ainda mais claro no último parágrafo, quando a jornalista defende “mais fiscalização e transparência sobre os bancos” e afirma que o sistema financeiro internacional deve sofrer mudanças. Além disso, mostra-se o caráter multimidiático do blog com a chamada, no último período, para o comentário de Míriam Leitão em outro meio, o rádio.

¹² Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/09/16/bancos-precisam-ser-fiscalizados-126493.asp>>

Já uma postagem do dia 10 do mesmo mês¹³, denominada “Babá do mercado”, que apresenta o panorama dos assuntos macroeconômicos mais relevantes do dia, incluindo a crise, tem mais de cinco mil caracteres. Ou seja, é maior que algumas matérias de revista e bem maior do que muitos textos de jornais impressos.

Pode-se afirmar enfim que o blog funciona mais como uma espécie de “ponto de encontro” para as várias mídias onde Míriam Leitão atua. Conforme a mesma edição de *Época* citada acima:

Para alguns milhões de brasileiros, o comentário matinal da jornalista Miriam Leitão no Bom Dia Brasil, da TV Globo, é o primeiro contato com os fatos econômicos mais importantes. A opinião da colunista vai acompanhá-los ao longo do dia. Antes de sair de casa, os leitores de O Globo e de outros jornais que publicam sua coluna diária terão uma análise mais ampla dos fatos. A caminho do trabalho, sintonizados na rádio CBN, também vão ouvir Miriam comentar acontecimentos de última hora. Miriam em pessoa pode estar na empresa ou na instituição em que seus leitores trabalham, porque é uma das jornalistas mais requisitadas para palestras no país. Em último caso, ela poderá ser encontrada em uma das páginas de mais alto índice de acesso na internet. Ou na Globonews, conduzindo entrevistas com perguntas claras e incisivas¹⁴.

¹³ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/09/09/baba-do-mercado-125181.asp>>

¹⁴ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG80297-9306-498,00.html>>

O GLOBO ECONOMIA

BUSCAR OK

Edição digital No celular No e-mail ASSINE

CAPA PLANTÃO MEU GLOBO BLOGS CULONISTAS EU-REPÓRTER OPINIÃO MULTIMÍDIA GUIAS E SERVIÇOS O GLOBO SHOPPING EXTRA ONLINE AGÊNCIA O GLOBO

PAÍS RIO CIDADES ECONOMIA MUNDO CIÊNCIA ESPORTES CULTURA RIOWHOW EDUCAÇÃO SAÚDE TECNOLOGIA VIAGEM O LIVREIRO CLASSIFICADOS ZAP

Enviado por Miriam Leitão - 1.8.2008 | 8h56m

NA CBN

Empresários brasileiros criticam governo chinês

Na CBN, comentário também sobre as críticas ao governo chinês, na mesma linha do post aí de baixo. Quem preferir, pode ouvir aqui.

RSS Permalink Envie Compartilhe Comente Ler comentários (0)

Enviado por Miriam Leitão - 1.8.2008 | 6h38m

JOGOS OLÍMPICOS

Ditadura, poluição e câmbio: China merece as críticas

A China merece que outros chefes de Estado façam como o presidente Bush e aproveite os jogos de Pequim para jogar luz sobre os absurdos da ditadura chinesa. É duro concordar com um Lame Duck (ou "pato manco" como os americanos chamam os governantes em fim de mandato) e mais duro ainda quando esse governante chama-se George Bush, mas a China abusa da sua importância comercial para os parceiros para tentar calar todos os que falam dos absurdos que acontece no país.

MULTIMÍDIA

Crédito: é melhor ter cuidado com endividamento

Qual o desdobramento do caso Dominique Strauss-Kahn?

Governo pagou R\$ 100 bilhões de juros no ano

Miriam Leitão

Figura 1: Página inicial do blog de Miriam Leitão

Página inicial do blog tal como publicada em 1º de agosto de 2008. Dentro da estrutura do site do jornal “O Globo”, o blog fica na seção de economia, uma das mais de vinte para escolha do internauta.

Enviado por Míriam Leitão - 30.12.2008 | 15h39m

VIDEO

Que os economistas errem de novo as previsões

O ano de 2009 será difícil de prever. Mas se for feita uma pesquisa, 10 em cada 10 economistas acreditam que será complicado para a economia mundial.

Mas como eles erraram muito em 2008, a esperança é que errem novamente em 2009 e que o ano não seja tão ruim com o agravamento da crise. Vejam a análise no vídeo abaixo.



 Permalink

Envie

Compartilhe

Comente  Ler comentários (18) 

Figura 2: Vídeos exclusivos para o blog

Além dos textos, o blog apresenta recursos audiovisuais, como vídeos exclusivos gravados por Míriam Leitão para o próprio blog.

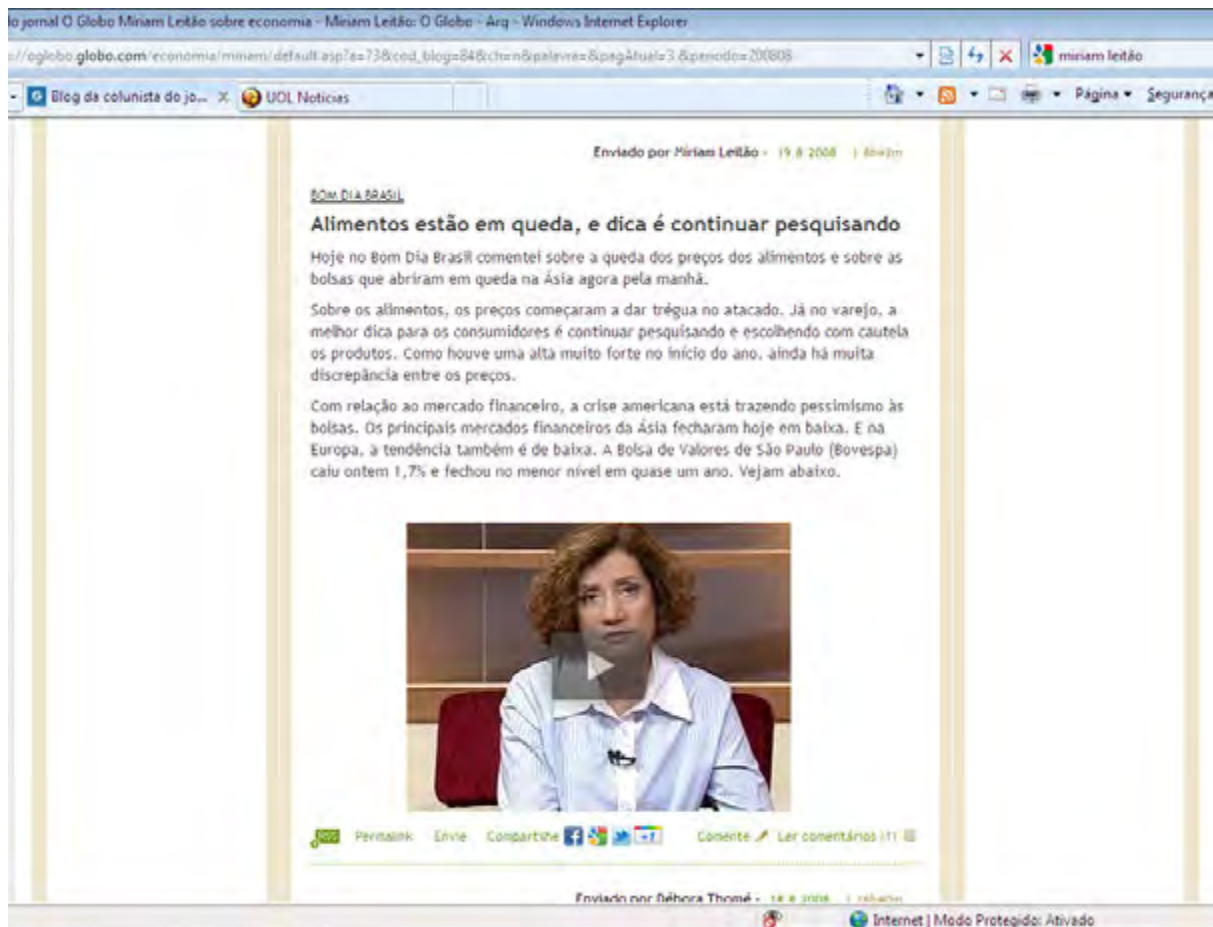


Figura 3: Vídeo do “Bom Dia Brasil”

O blog permite ver a atuação de Miriam Leitão na televisão, no caso, no telejornal “Bom Dia Brasil”, onde ela faz comentários ao vivo, conversando e respondendo perguntas feitas pelos apresentadores do telejornal .



Figura 4: Vídeo da GloboNews

Além de dar acesso ao trabalho de Miriam Leitão na televisão aberta, o blog também mostra seu trabalho na televisão por assinatura, como nesse caso de uma entrevista com o economista Armínio Fraga para a GloboNews.

Enviado por Miriam Leitão - 28.11.2008 | 13h28m

[NA CBN](#)

O resumo da semana

Mais uma vez, muita notícia importante ao longo na semana. Lá fora, Obama anunciou sua equipe econômica, o Citibank foi resgatado pelo Tesouro americano, e o governo anunciou um novo pacote de US\$ 800 bilhões. Na China, houve novo corte de juros, com o Banco Mundial reduzindo a previsão de crescimento do país. Também houve pacote na União Européia de 200 bilhões de euros.

Aqui no Brasil, muita discussão sobre o empréstimo de R\$ 2 bilhões da Caixa para a Petrobras; dados do BC mostrando que o crédito não sofreu forte queda em outubro; e reunião ministerial do governo para decidir criar uma campanha publicitária com a idéia de dizer que não há crise no país.

Ouçam aqui a análise com o resumo da semana.

[RSS](#) [Permalink](#) [Envie](#) [Compartilhe](#) [Facebook](#) [Google+](#) [Twitter](#) [+1](#) [Comente](#) [Ler comentários \(5\)](#)

Figura 5: Link para comentário na rádio CBN

Evidenciando o papel do blog não apenas como espaço alternativo da produção de Miriam Leitão, o link acima, um dos que dão acesso a seus comentários para a rádio CBN, mostram que o blog é tratado também como uma espécie de agregador dos vários canais em que a jornalista atua.

MULTIMÍDIA



Crédito: é melhor ter cuidado com endividamento



Qual o desdobramento do caso Dominique Strauss-Kahn?



Governo pagou R\$ 100 bilhões de juros no ano

BUSCA Ok



Siga o blog no Twitter

REGRAS DO BLOG

Leia aqui as normas de conduta para comentários dos leitores do blog

OUTROS SITES DE COLONISTAS

- [Ancelmo.com](#) [22]
- [Blog do Noblat](#) [22]
- [Patrícia Kogut](#) [22]
- [Rádio do Moreno](#) [22]

Enviado por Alvaro Gribel - 18.9.2008 | 14h01m

CRISE FINANCEIRA

Ibovespa de novo no vermelho

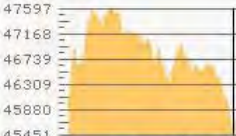
Como já indicava o mercado futuro, o Ibovespa acabou de virar, e pela primeira vez hoje opera no vermelho. Os investidores continuam desconfiando das ações dos bancos centrais.

Está sendo assim desde o início da semana: O Fed toma uma decisão para apagar um incêndio, as bolsas reagem bem num curtíssimo prazo e depois voltam a cair.

Pregão On-Line Acompanhe o pregão de hoje

15 minutos de atraso - Ações do Ibovespa ALL11 14:20 AMB

IBOVESPA



atualizar ↻

aberto: 45.908	máx: 47.614
mín: 45.413	méd: 46.773

Índices: ▼

dia: 18/Set

horário: 13:57

pontos: 45.689

-0,48% ▲

períodos:

10 h - 17 h ▼

Veja Também:

- Renda Fixa
- Fundos Imobiliários

? Dificuldade para ver o gráfico?

[RSS] Permalink
Envie
Compartilhe






Comente  Ler comentários (4)

VOTE

Figura 6: Gráficos do mercado financeiro

Os gráficos de desempenho do mercado financeiro típicos do jornalismo econômico impresso também estão presentes no blog, que portanto, ao lado de recursos só possíveis à comunicação on-line, como links diretos para outros textos e materiais audiovisuais on-line, lança mão das fórmulas tradicionais usadas nessa área do jornalismo.



Figura 7: Gráficos e “economês”

Gráficos e “economês” (palavra usada por críticos para referir-se ao linguajar do jornalismo econômico, muitas vezes cheio de termos técnicos da economia) como no caso da postagem acima, mostram que muitas vezes o blog se dirige a um público não totalmente leigo em questões relativas à economia.

1.5. A crise econômica internacional

A crise do subprime, que se desenrolaria posteriormente em uma crise financeira mundial, surgiu no coração financeiro do mundo capitalista, quando os juros baixos da economia norte-americana e incentivos governamentais facilitaram a emergência, a partir dos anos 90, de um vultoso mercado de empréstimos para compra de imóveis a tomadores de baixa renda. Um dos resultados desse conjunto de fatores que incentivava a compra de imóveis e em consequência aquecia o mercado imobiliário foi que, entre 1997 e 2006, o preço dos imóveis experimentou contínuos aumentos, chegando a triplicar seu valor (TORRES & BORÇA JR., 2008, p. 134)¹⁵.

Esse mercado de empréstimos, por sua vez, acabou por gerar um arriscado produto financeiro quando muitos dos empréstimos passaram a ser “securitizados” pelos que os concediam, ou seja, foram juntados em lotes por firmas de investimento e vendidos a bancos e outros investidores. Tal prática livrava quem concedeu os empréstimos de preocupações quanto à capacidade ou não dos tomadores de honrar os pagamentos, deixando esse problema aos incautos investidores que comprariam tais títulos sem noção do real risco neles embutido.

Algumas sutilezas da prática mercadológica e da legislação norte-americana ajudaram a tornar o problema ainda mais complicado. Por um lado, popularizou-se a prática de empréstimo a taxas de juro mais elevadas (taxas “subprime”) a tomadores que normalmente não teriam condições de oferecer garantias para se qualificar a empréstimos a taxas mais baixas (taxas “prime”). De outro, regras foram flexibilizadas para que tomadores de empréstimo de menor renda tivessem acesso a financiamentos garantidos por agências do governo. Porém, garantias legais permitiam que, se o valor da hipoteca se tornasse maior que o valor real do imóvel, o tomador poderia se livrar do problema simplesmente devolvendo as chaves ao banco (RICHARDS, 2008, p. 3).

¹⁵ Publicado em dezembro de 2008, em momento de plena efervescência da crise do *subprime*, o artigo de Gilberto Rodrigues Borça Junior e Ernani Teixeira Torres Filho, concentra-se em explicar suas causas, mas no final prognostica uma maior intervenção dos Estados na economia a partir dessa crise, o que de fato viria a acontecer nos anos seguintes.

Assim, muitos tomadores de empréstimo a taxas “subprime” (mais elevadas) não teriam muito a perder: além de não desembolsar dinheiro próprio, lucrariam se o preço dos imóveis subisse (ou pelo menos morariam neles por menos que o valor de um aluguel se o preço caísse) e, no final, sem capacidade para pagar o financiamento, poderiam simplesmente devolver o imóvel.

1.6. Estouro da bolha

O estouro da bolha veio com o “calote” de tomadores, o consequente prejuízo dos investidores que compraram papéis relacionados a lotes desses empréstimos de risco e o resultante declínio do preço dos imóveis – além, é claro, da perda de confiança dos investidores, levando a uma crise que se espalhou rapidamente para o que muitos chamam de “economia real”.

O momento decisivo que marcou a crise de 2008, o ponto em que ficou clara toda sua extensão no que diz respeito ao comprometimento do sistema bancário norte-americano e em que o pânico se alastrou para outras economias foi a quebra do banco Lehman Brothers. A esse respeito, escrevem Torres Filho e Borça Júnior, ainda no calor do desdobrar dos acontecimentos, em outubro de 2008, ao fazer um apanhado da situação:

Ainda em setembro, foi a vez do Lehman Brothers, o quarto maior banco de investimento americano, enfrentar dificuldades. Após o anúncio de um prejuízo de US\$ 3,9 bilhões no terceiro trimestre de 2008 e da negativa do governo americano em fornecer respaldo financeiro a uma possível operação de compra da instituição – o banco inglês Barclays e o americano Bank of America tinham interesse na aquisição –, o Lehman Brothers entrou com um pedido de concordata na Corte de Falências de Nova York.

A decisão das autoridades americanas de não prover apoio financeiro ao Lehman Brothers agravou profundamente a crise, gerando um forte pânico nos mercados globais. Bancos e empresas, mesmo possuindo condições saudáveis do ponto de vista financeiro, passaram a ter amplas dificuldades na obtenção de novos recursos e linhas de crédito de curto prazo. Na esteira da piora da crise financeira, cresceram as preocupações e desconfianças com relação à solvência do sistema bancário norte-americano e seus impactos recessivos sobre o lado real da economia. Nesse sentido, a quebra do Lehman Brothers é, efetivamente, o ponto nevrálgico de agravamento da crise financeira (TORRES & BORÇA JR., 2008, p. 132).

E a crise acabaria por se mostrar de tal forma devastadora nos países centrais do capitalismo que chega a configurar um ponto de inflexão no qual tais países perdem algo de seu peso na balança do poder econômico mundial e em que ganham importância no tabuleiro internacional países periféricos, especialmente os chamados emergentes. E isso traz à baila algumas questões importantes para a comunicação midiática. Conforme afirmava Maria Immacolata Vassallo de Lopes em 1990¹⁶:

É dentro dessa dinâmica cultural concreta e específica dos países capitalistas periféricos que se insere o objeto de estudo da Comunicação entre nós. Esse objeto é, em síntese, o domínio das relações entre Comunicação de Massa e Cultura das classes sociais numa sociedade subdesenvolvida (LOPES, 2001, p. 15).

Se então o objeto de estudo da comunicação no país era visto com base na condição de país periférico, de sociedade subdesenvolvida, essa lógica deve, num momento em que os países vistos como potências emergentes, entre eles o Brasil, movem-se em direção ao centro do capitalismo mundial, ser reavaliada.

No que diz respeito a implicações sociais mais amplas, a crise foi colocou em dúvida a capacidade de auto-regulação dos mercados e a eficácia dos instrumentos de supervisão existentes, uma vez que um risco sistêmico real foi criado. Foi a atuação do FED (o banco central dos EUA) e dos bancos centrais europeus que dissiparam, pelo menos naquele momento crítico, a possibilidade de efeitos mais catastróficos, não obstante os efeitos recessivos observados nas principais economias ocidentais desde então. Assim, um período de maior intervenção do Estado na economia deve ser a tendência para o futuro próximo em tais economias.

Como tratava de todos esses acontecimentos que punham em cheque a estabilidade da economia mundial o blog de Míriam Leitão é o que veremos neste trabalho, mas do ponto de vista da comunicação, levando em conta, como a seguir, aspectos como a própria linguagem do jornalismo voltado à cobertura dos acontecimentos econômicos. E quanto a esta, procura-se demonstrar que ela tem sido analisada mais a partir de um dos lados do arco ideológico proposto por Bobbio, levando a conclusões, se não são consensuais, são em muito parecidas, mas que merecem ser consideradas a partir de outros pontos de vista.

¹⁶ A edição de seu livro usada neste trabalho é de 2001, mas não informava modificações em relação à primeira edição de nove anos antes.

Em agosto de 2008, mês em que a crise norte-americana se transformaria finalmente em uma crise global, a primeira referência a ela no blog é no dia cinco, em postagem de Alvaro Gribel sobre os preços do petróleo:

Um relatório da International Energy Agency (IEA) indica que os preços do petróleo podem ficar menos pressionados até 2011, para então voltar a ter tendência de alta até 2013.

Isso tudo como resultado do desaquecimento da economia mundial, puxada pela crise americana. Segundo a IEA, nesse primeiro momento haverá crescimento da capacidade ociosa da OPEP (como mostra o gráfico abaixo). Depois, com o mundo voltando a consumir, a capacidade ociosa irá diminuir, até atingir a mínima em 2013.¹⁷

Naquele momento, supunha-se que por volta de 2011, o que então era uma crise da economia norte-americana, já estaria superada, o que, hoje se sabe, não foi o caso. Mas o fragmento serve para mostrar uma das características mais marcantes do jornalismo econômico: tanto quanto (ou mais do que) relatar os fatos, contextualizá-los e explicá-los, ele busca fazer previsões com base nesses fatos.

1.7. Sobre o significado do termo ideologia e seu uso

Derivados da posição de Marx em relação ao tema, segundo Stoppino, há dois usos para o conceito de ideologia. Um é chamado pelo autor italiano de “fraco” e refere-se à ideologia como uma forma de posicionar-se em relação à realidade das relações sociais (e portanto das relações de produção), forma esta que não traz em si conotação positiva ou negativa (BOBBIO et al., 1998, p. 585). O outro conceito é chamado por ele de “forte” e diz respeito à concepção original de Marx para o termo.

1.7.1. Conceito “fraco”

É como “conceito” fraco que pode, por exemplo, ser classificada a concepção de ideologia segundo Larrain apresentada por Althusser, como representação da relação imaginária que os indivíduos têm com suas respectivas condições de existência (ALTHUSSER apud BOTTOMORE, 2001, p. 186). Ela deriva da reinterpretação do

¹⁷ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/05/crise-pode-dar-alivio-ao-petroleo-ate-2011-118014.asp>>

conceito inicial de Marx proposta por Lênin, que torna ideologia um conceito neutro e o relacionado à consciência política das classes, tanto da dominante quanto da proletária. Conforme Stoppino, é este o conceito predominante nas ciências sociais (BOTTOMORE, 2001, p. 186). É principalmente nesse sentido que o termo será usado no presente trabalho pelas razões adiante apresentadas.

1.7.2. Conceito “forte”

O outro conceito de ideologia é o usado por Marx e chamado por Stoppino de “forte”. Tem conotação negativa, pois é associado à ideia de falsidade. Esta falsidade resulta da ideia marxiana de que qualquer ideologia seria uma representação mediada da realidade, mediação esta feita pelas relações de classe (BOBBIO et al., 1998, p. 585). A ideologia serviria ao propósito de ocultar as contradições das relações sociais.

Portanto, a própria noção de ideologia no sentido chamado “forte” implica a incapacidade de se abarcar a realidade em sua totalidade em virtude dos comprometimentos impostos a uma classe e outra pelas relações de produção. Sobre ideias equivocadas serem, segundo Marx, consequência das contradições reais da sociedade, afirma o sociólogo chileno Jorge Larraín:

[...] enquanto os homens, por força de seu limitado modo material de atividade, são incapazes de resolver essas contradições na prática, tendem a projetá-las nas formas ideológicas de consciência, isto é, em soluções puramente espirituais ou discursivas que ocultam efetivamente, ou disfarçam, a existência e o caráter dessas contradições (BOTTOMORE, 2001, p. 184).

Assim, somente pela superação da ideologia o real poderia ser apreendido, revelando a real natureza das relações de classe. Mas aqui surgem questões que devem ser abordadas quando se estuda o conceito de ideologia em sua acepção chamada “forte”.

1.7.3. Realidade invertida

Devemos lembrar que o marxismo propõe uma ação concreta de transformação da realidade que se contraponha à tendência de acumulação capitalista baseada exploração do trabalho da classe proletária (MARX, p. 535, 2010). Mas, para isso, pressupõe-se uma “visão” de sociedade diferente da sociedade real no estado em que se encontra. Mas lembremos também que Larrain atribui a Marx o termo “realidade invertida” ao referir-se à religião, pois esta seria resultante da necessidade de compensar no espírito, para além do mundo real, as adversidades de uma “realidade deficiente” (BOTTOMORE, 2001, p. 184). E a ideologia, por sua vez, ainda segundo Marx, se apresentaria como uma versão deturpada da realidade contingenciada pela condição de classe.

O problema é que qualquer projeto de transformação da sociedade (por exemplo, transformação em uma sociedade sem classes) parte também, de certa forma, de uma “realidade invertida”. Isso porque tal projeto afinal é, à sua maneira, uma contraposição à “realidade deficiente” (mas concreta) e suas contingências. Além disso, mesmo que planejada, não poderíamos tomar como garantido, sem uma experiência real, que tal sociedade pós-ideológica – livre de sua imagem deturpada resultante das relações de classe – seria necessariamente guiada pelo consenso, livre de conflitos motivados por outras razões que não os advindos das contradições de classe e, portanto, melhor que a sociedade ora existente (HEILBRONER, 1990, p. 155).

Ou seja, considera-se aqui que, dado que é preciso fazer uma representação imaginária para se planejar uma sociedade sem disputas de classe que se contraponha à sociedade de classes em que se vive de fato, deve-se ver com reservas a crítica à “realidade invertida” identificada na religião e a crítica à representação imaginária da relação do indivíduo com sua condição de existência associada ao significado “forte” de ideologia.

No que diz respeito à crítica à religião, a opção apresentada pelo marxismo, pelo menos até que se concretize de fato, também é uma visão idealizada de sociedade tanto quanto a religiosa, ainda que desenvolvida pelo raciocínio crítico, e não por suposta revelação espiritual. E no que diz respeito à crítica da ideologia como representação

imaginária da relação do indivíduo com sua condição, é preciso ter em mente que a própria aspiração à superação do modo de produção baseado na propriedade privada dos meios de produção (capitalismo) manifesta-se como consciência política ligada aos interesses da classe proletária e pode, portanto, ser caracterizada como a uma ideologia (porquanto tratar-se de representação imaginária), e não como superação da visão ideológica.

Além disso, veja-se o uso de adjetivos como “fraco” em contraposição a “forte”, conforme usados por Stoppino, ou de termos como “desigualdade e falta de liberdade” (associados à noção de ideologia) em contraposição a “igualdade e liberdade” (associados à superação da ideia de ideologia), nas palavras do próprio Marx (MARX, 2000, p. 117). Tais palavras indicam juízos de valor respectivamente em relação ao conceito de ideologia e à sociedade, juízos que por sua vez baseiam-se em pressupostos sobre como a sociedade deveria ser. Analisando-se tais adjetivações a partir do sentido “fraco” do termo, elas revelam pontos de vista ideológicos, críticos em relação à ideologia da classe dominante – mas ainda assim ideológicos.

Assim, por achar relevantes as ressalvas apresentadas acima em relação ao significado “forte” de ideologia, há neste trabalho um maior alinhamento com seu sentido chamado “fraco”, tradicional das ciências humanas segundo Stoppino, e entendido como consciência política dos indivíduos ligada aos interesses de sua respectiva classe (ou com os da classe com a qual se identificam). Mas há pelo menos um ponto do conceito forte que é mantido no trabalho: a necessidade de superação da visão ideológica, mas entendida aqui, é bom esclarecer, apenas como busca de superação da própria visão ideológica que se tem das relações sociais, não como superação da noção de ideologia.

1.8. Posicionamento ideológico e visão de mundo

Este trabalho parte de um pressuposto: as tendências ideológicas têm papel relevante na produção em comunicação de uma forma geral, na produção jornalística em particular e na produção do jornalismo econômico de forma ainda mais específica,

além de influenciarem a análise da produção em comunicação e na própria epistemologia da comunicação.

Assim, concluiu-se que era da maior importância recorrer a um referencial teórico que abordasse questões sobre posicionamentos ideológicos a fim de que este servisse como base para uma localização ideológica dos discursos aqui apresentados, sejam os discursos do corpus do trabalho, sejam os dos autores a que se faz referência ao longo do texto.

Isso é importante porque, como segundo pressuposto aqui adotado, temos que mais do que uma forma de avaliar a realidade, os posicionamentos ideológicos de um ator social determinam a forma como este vê tal realidade. Isso acontece porque, uma vez assumida determinada postura ideológica frente ao mundo – e seja ela bem fundamentada ou não, explicitamente assumida ou não –, é a partir dessa postura que a realidade social será medida e avaliada.

1.9. Direita e esquerda

Dessa forma, para fins de referencial teórico sobre questões de posicionamento ideológico, optou-se por usar o trabalho do filósofo e político italiano Norberto Bobbio, especificamente as teorias expostas em seu livro *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*, que sustenta a prevalência, ainda hoje, de uma divisão básica das posturas ideológicas entre direita e esquerda. Segundo Bobbio, “a árvore das ideologias está sempre verde” e “não há nada mais ideológico do que a afirmação de que as ideologias estão em crise” (BOBBIO, 2001, p. 51). Assim, seria ingenuidade subestimar o papel das tendências ideológicas na produção em comunicação e principalmente no jornalismo econômico, uma vez que é nos campos econômico e político que se realizam, no mundo real, os embates que inflamam os discursos ideológicos.

Não obstante a diversidade posições e proposições ideológicas que caracteriza a contemporaneidade, que experimentou desde a queda dos regimes socialistas do leste europeu no final do século XX até a presente crise do modelo neoliberal ao final da

primeira década do século XXI, passando pela elevação de status de temas que até pouco tempo tinham menor relevância política, como a preservação ambiental, Bobbio lembra que:

Os sistemas democráticos com partidos numerosos continuam a ser descritos como se estivessem colocados num arco que vai da direita à esquerda, ou vice-versa. Não perderam nada de sua força significativa expressões como “direita parlamentar”, “esquerda parlamentar”, “governo de direita”, “governo de esquerda” (BOBBIO, 2001, p. 79).

De fato, direita e esquerda ainda são pólos de orientação nos mais diversos níveis e campos, incluindo-se aí o da comunicação, o do jornalismo e do jornalismo econômico. A orientação ideológica é um fator que influencia a análise da produção de conteúdos em comunicação – perpassando inclusive as próprias questões epistemológicas.

Mas antes, para entender o impacto das tendências ideológicas na produção em comunicação e em sua epistemologia, é necessário explanar a distinção fundamental, segundo a visão de Bobbio, que a um tempo polariza e confere identidade às visões de mundo dos indivíduos no mundo contemporâneo.

Para o autor, “os homens são entre si tão iguais quanto desiguais. São iguais por certos aspectos e desiguais por outros” (BOBBIO, 2001, p. 119). Assim, são iguais, por exemplo, no sentido de que todos morrem, mas desiguais quanto às diferentes formas de encarar a morte. Como esclarece ele:

A aparente contrariedade das duas proposições – “os homens são iguais” e “os homens são desiguais” – depende unicamente do fato de que, ao observá-los, ao julgá-los e ao extrair disso consequências práticas, se enfatize mais o que têm em comum ou mais o que os distingue (BOBBIO, 2001, p. 120).

A partir de tal premissa, ele assume que:

é precisamente o contraste entre estas opções últimas [optar por ser igualitário ou optar por ser desigualitário] que, em minha opinião, consegue melhor do que qualquer outro critério salientar os dois opostos alinhamentos que nos habituamos, por longa tradição, a chamar de esquerda e direita. De um lado, estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais que desiguais, de outro, aqueles que consideram que são mais desiguais que iguais (BOBBIO, 2001, p. 120).

Mas tais opções, lembra o autor, não são apenas uma escolha totalmente racional, consciente e calculada. Pelo contrário, apresentam uma carga emocional, denominada por ele de paixão, o que o leva a observar que:

A razão, ou melhor, o raciocínio que produz argumentos pró e contra para justificar as escolhas de cada um diante dos demais, e acima de tudo diante de si mesmo, vem depois (BOBBIO, 2001, p. 143).

Assim, assume-se aqui que a díade proposta por Bobbio tem reflexos importantes no campo da comunicação e, como se verá, os critérios por ele propostos são suficientes para identificar também no campo das comunicações, os discursos que partem de uma ou outra das orientações da díade por ele apresentada. Aliás, conforme exposto abaixo, o próprio Bobbio situa-se ideologicamente em seu trabalho.

1.10. A posição de Bobbio

Bobbio, no trabalho citado, assume-se um homem de esquerda, tendo militado politicamente em alguns momentos de sua vida levado, alega ele, por um:

desconforto diante do espetáculo das enormes desigualdades, tão desproporcionais quanto injustificadas, entre ricos e pobres, entre quem está em cima e quem está embaixo na escala social, entre quem tem poder [...] seja na esfera política e ideológica, e quem não o tem (BOBBIO, 2001, p. 141).

Curiosamente, neste ponto em que ele se permite um tom mais passional em relação às questões apresentadas sobre a díade direita *versus* esquerda, é que se desvelam os limites de sua própria visão ideológica. Embora no trecho acima citado Bobbio faça uma correlação comum em relação à desigualdade como uma diferença entre riqueza e pobreza, é preciso assumir que tal correlação é relativa e não absoluta e que, por esse motivo, pode ser enganosa.

Não seria o caso aqui estender-se em uma digressão (que seria muito mais a respeito de economia do que de comunicação) sobre o porquê, ao contrário do que supõe o senso comum, uma situação de desigualdade não ser necessariamente uma situação de opulência contraposta à miséria absoluta. Basta admitir que é possível haver mais desigualdade numa relação “A” que não implica riqueza *versus* miséria (basta que os pobres não vivam na miséria, mesmo que os ricos sejam muitíssimo mais abastados

do que eles) do que numa relação “B”, menos desigual, em que os mais pobres sejam de fato miseráveis ainda que os ricos não sejam tão ricos quanto os ricos da situação “A”.

É esse tipo de sutileza que parece muitas vezes escapar às análises ideologicamente igualitárias, inclusive as relativas à comunicação, que não raro apresentam questões como melhor distribuição de renda como prementes para aliviar problemas como a pobreza¹⁸. Curiosamente, parece escapar também a Bobbio, embora sua teoria sobre a díade direita *versus* esquerda seja suficiente, como exposto acima (e isso é o que nos interessa aqui), para referenciar abordagens no campo da comunicação, de fenômenos sociais como de viés igualitário ou não.

1.11. A posição de Bakhtin

Na introdução deste trabalho, explicou-se porque, apesar de sua relevância para o estudo da comunicação midiática e de ser usado aqui no capítulo em que se discutem as questões de gênero em relação ao jornalismo econômico, o pensamento do russo Mikhail Bakhtin não é aqui aplicável para situar ideologicamente os discursos. Conforme lá observado, ao abordar a ideologia na linguagem, Bakhtin pode não servir de base, mas sim de exemplo de abordagem a partir de determinado ponto de vista ideológico. Abaixo, seguem-se um exemplo de como sua visão ideologizada pode ser registrada.

O caráter explicitamente de esquerda de sua abordagem pode ser verificado no trecho abaixo¹⁹, em que ele resgata as noções de infra-estrutura e superestrutura propostas por Karl Marx, aplicando-os à comunicação:

¹⁸ Uma discussão teórica e ética sobre a distribuição de renda, sua validade e os resultados de experiências políticas governamentais que tentaram implementá-la pode ser encontrada no capítulo X de *Capitalismo e liberdade* (1985), do economista e vencedor do Prêmio Nobel de economia Milton Friedman (1912-2006).

¹⁹ O trecho é de *Marxismo e filosofia da linguagem*, obra escrita no final da década de 20 do século passado e que coincide, portanto, com o início da mais grave crise que enfrentou o capitalismo mundial até o presente. Assim, o livro foi concebido no momento em que talvez mais se acreditou que o socialismo de estilo soviético fosse uma alternativa viável à economia de mercado e em que pressupostos marxistas eram tomados praticamente como certezas científicas, como no caso do trecho citado.

“A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos (BAKHTIN, 1988, p. 36).

Colocar a consciência individual como subordinada aos signos ideológicos e relegar estes à condição de tributários da base econômica da sociedade, como faz Bakhtin no trecho acima citado, pode levar a questões interessantes. Por exemplo, como se pode chegar a tal conclusão, que ele individualmente propôs, sobre a consciência individual, se esta é, em última análise, determinada pelas relações econômicas e portanto não deveria, em princípio, questioná-las? Mas a colocação do autor russo é aqui apresentada apenas como exemplo de manifestação conscientemente alinhada com ao pensamento de marxista, inclusive ao conceito “forte” de ideologia, conforme apresentado em 1.7.2.

Posicionar-se em algum ponto do arco ideológico proposto por Bobbio é não apenas uma forma de julgar como a realidade das relações sociais deveria ser, mas é também (e quem sabe principalmente) uma forma de enxergar essa realidade – embora tal visão possa ser eventualmente questionada e reavaliada, ao contrário do que aparentemente supunha Bakhtin ao subordinar a consciência individual aos signos ideológicos.

A visão ideológica da realidade das relações sociais, como será visto mais à frente, gera impactos na produção de conteúdo e na análise dessa produção em jornalismo econômico, e justamente por isso é a teoria de Bobbio que será usada para situar ideologicamente alguns autores que escrevem sobre jornalismo econômico.

Capítulo 2: A (famosa) linguagem do jornalismo econômico

2.1. Críticas

Se há uma coisa à qual os autores que analisam a produção de conteúdos no jornalismo econômico ao longo do tempo se dedicam a ponto de isso se constituir um aspecto histórico dessa análise é a crítica à linguagem usada em jornais, revistas e outras mídias que veiculam cotidianamente conteúdos nessa modalidade de jornalismo.

Edna de Mello Silva (2010, p. 4), cuja análise da produção em jornalismo econômico é mais recente em comparação com alguns outros autores analisados, argumenta que o uso da linguagem é um desafio para o jornalista que se dedica à cobertura econômica em virtude dos jargões da área da economia que não são comuns ao público leigo.

Quintão (1987, p. 102), escrevendo duas décadas antes de Mello e Silva, bastante crítico em relação ao papel desempenhado pelo jornalismo econômico no Brasil e igualmente crítico no tocante à linguagem por ele utilizada, chega a afirmar que esta passa a constituir um “quase-socioleto”, com termos que pouco dizem ao leitor e tornam a leitura de textos econômicos “excessivamente hermética e elitista”. Para ele:

Os jornalistas permitem-se introduzir no texto do noticiário do cotidiano conceitos, palavras e outros símbolos da linguagem que só têm sentido enquanto abstrações na área da ciência, ou enquanto práticas de operação no mundo dos negócios (QUINTÃO, 1987, p. 102).

Embora reconheça que a economia é um processo dinâmico e que avanços tecnológicos, ao produzirem reflexos na economia, implicam mudanças também na linguagem do jornalismo econômico (1987, p. 104), mostra-se especialmente refratário ao uso de neologismos:

A nível da linguagem jornalística de Economia, significa que cada nova prática econômica, sem correspondente interno, envolve a introdução de novas explicações, conceitos, gírias e palavras, nem sempre existentes ou traduzíveis para a língua portuguesa falada no Brasil, onde estas práticas são desconhecidas (QUINTÃO, 1987, p. 104).

Sua postura crítica não poupa nem as siglas utilizadas pelos jornalistas, mesmo quando estas referem-se ao nome de empresas e em tese poderiam ser facilmente distinguíveis umas das outras no contexto da notícia:

Embora de sentido mais brando, porque pode-se perceber com um pouco de atenção as diferenças de campo de atuação, as siglas Embraer (aeronáutica) e Embrater (extensão rural) criam também uma grande confusão para o leitor menos avisado (QUINTÃO, 1987, p. 107).

Quintão critica ainda o que considera um excesso de estatísticas do jornalismo impresso, informando que o leitor é submetido “a uma série de indicadores, cuja composição, embora desconheça, deve aceitar” (QUINTÃO, 1987, p. 108), o que segundo ele ajudaria a comprometer a verdade.

Faz ressalvas à linguagem técnica que “elitiza a informação prestada pelo Jornalista de Economia que, apesar disso, insiste em usá-la” (1987, p. 108). Porém, critica também os jornalistas que, na tentativa de explicar o sentido das notícias, tornariam a informação ainda mais confusa (p. 109), assim como também aqueles que pecam por excesso de zelo ao prestar explicações simples e acabam tornando o texto mais difícil de compreender (p. 109).

Partindo de um ponto de vista de fundamentação marxista em sua obra, Quintão coloca o jornalismo econômico praticado pela mídia como parte da superestrutura de organização social assentada em um alicerce que vem a ser um sistema econômico baseado na exploração da classe operária pela classe dominante detentora dos meios de produção. Na explicitação da proposta metodológica de sua obra, ele explica que:

são tomados os conceitos de infraestrutura e superestrutura em Marx e a sua explicitação em Gramsci, avançando-se em direção aos Aparelhos de Dominação do Poder do Estado, em Althusser, bem como as discussões sobre o papel do Estado, em Lênin e Poulantzas (QUINTÃO, 1987, p. 25).

Sua avaliação das relações de produção no Brasil dos anos 60 e 70, período que considera de consolidação do jornalismo econômico no Brasil, remete a uma visão tradicional de esquerda, a um cenário de capitalismo periférico injusto e concentrador de renda no qual há um pacto entre o Estado repressivo que se estabelece ao assumir a defesa dos interesses da elite econômica. O trecho a seguir, sobre o papel do Estado e do empresariado nesse pacto, citando ainda “os segmentos editoriais”, ilustra bem a

posição de Quintão no leque proposto por Bobbio, conforme explicado no capítulo 1, que tem por limites a extrema esquerda de um lado e a extrema direita de outro:

o Estado passa de mediador das lutas sociais a fiador dos interesses financeiros privados, de que se beneficiam também os segmentos editoriais. A contrapartida do empresariado é operar em direção à modernização da estrutura produtiva, de modo a permitir seja apropriado o valor contido na mais-valia do trabalho para alimentar a concentração da renda e a consequente reprodução do capital (QUINTÃO, 1987, p. 172).

Observar a práxis do jornalismo econômico a partir de pressupostos caros à esquerda encaminha a análise de Quintão a rumos que caracterizarão também as abordagens de outros autores: a de observar, na prática e na linguagem do jornalismo econômico, fatores determinantes não apenas para afastar as classes trabalhadoras dos assuntos econômicos, mas até mesmo vê-las como instrumentos ativos de alienação. Afirma ele:

O Jornalismo Econômico vem no bojo de alterações estruturais ocorridas na imprensa brasileira e desempenhará um papel não apenas de informante e analista dos negócios econômicos e financeiros, mas vai agir ainda como aliciador da consciência nacional e viabilizador, como tal, de uma rápida e segura reprodução do capital (QUINTÃO, 1987, p. 13).

Embora hoje ainda vigente na análise de vários autores, essa visão do jornalismo econômico tem suas limitações. Como será explicado logo adiante neste capítulo, considerar o jornalismo econômico e as particularidades de seu discurso como suficientes para determinar um maior ou menor interesse da sociedade pelas questões econômicas é uma ideia que merece ser reavaliada.

2.2. “Economês”

Kucinski é outro importante autor a observar detalhadamente o jornalismo econômico praticado no Brasil e sua linguagem. Crítico como Quintão, ele chega a comparar o que considera eufemismos do jornalismo econômico aos artifícios de um governo totalitário em uma obra de ficção:

Os eufemismos emasculam a linguagem jornalística. Fala-se em ‘plano de ajuste’ em vez de plano recessivo, ou ‘livre negociação de salários’ para designar o seu oposto, a proibição à livre negociação; em ‘fundo de garantia’ para designar o sistema que acabou com a garantia no emprego. O artifício é

semelhante à da ‘novilíngua’ descrita por George Orwell em 1984 e se destina a obscurecer os conceitos (KUCINSKI, 2007, p. 169).

Ecoando as críticas de Quintão e de Kucinski, Reinaldo Cafeo também fala do já citado “quase socioleto” do jornalismo econômico ao afirmar que este:

é caracterizado pelo uso de dezenas de palavras que pouco ou nada significam para o público leitor e que por isso tornam também a leitura do texto de economia excessivamente elitista. Essa linguagem tecnocrática é acompanhada de novos termos provenientes de textos oficiais, que amenizam a descrição ou o sentido de denúncia da existência de problemas sociais graves, contida na retórica do discurso de políticos, dissimulando, dessa maneira, a realidade (CAFEIO, 2002, p. 48).

E Kucinski aponta ainda outros problemas do linguajar do jornalismo econômico. Segundo ele, muitas vezes os jornalistas não entendem bem os temas que devem cobrir, e optam por se “proteger” com termos específicos da linguagem econômica, às vezes em outro idioma, causando mais confusão do que explicando situações ao público. Quanto a isso, ele chega a dizer que o “economês” é um “vício que se tornou característico do jornalismo econômico brasileiro” (KUCINSKI, 2007, p. 169).

Com relação ao “economês”, Sandroni, em definição também citada por Cafeo (2002, p. 45) lembra que o termo originalmente refere-se ao:

linguajar, geralmente de difícil compreensão, utilizado por economistas em suas análises, textos, discursos etc. sobre a conjuntura econômica de um país (SANDRONI, 2005, p. 270).

Curiosamente, porém, Kárita Cristina Franciso propõe uma definição mais personalizada e ainda menos enaltecadora do termo ao afirmar que, no fim dos anos 1960:

foram os jornalistas que apelidaram de ‘economês’ a linguagem empolada e arrogante com que os economistas do Regime descreviam cenários e fenômenos macroeconômicos (FRANCISCO, 2006, p. 123).

Só que, completa ela, os jornalistas teriam acabado por assimilar o economês em suas matérias, primeiro pelo hábito de fazer citações literais da fala dos economistas e finalmente tornando-o parte integrante do texto jornalístico.

Sidnei Basile faz avaliação similar à de Kátira Cristina Francisco ao referir-se ao uso do termo no mesmo período histórico. Segundo ele:

Os líderes dessa arrancada desenvolvimentista [o chamado “milagre econômico” brasileiro], administradores de elevada competência técnica mas pouco dispostos a discutir as condições sob as quais esse desenvolvimento está sendo obtido, se expressam em uma estranha língua, parecida com o Português, mas ininteligível para a população. É o *economês* (BASILE, 2002, p. 71-2).

Voltando a Kucinski, também importante é a crítica dele à pura e simples imprecisão nas informações econômicas, como a confusão entre fenômenos básicos e distintos do cotidiano da economia, como entre desaceleração da subida de preços (preços subindo menos em determinado período de tempo) e queda dos preços (preços de fato caindo mais ou menos lentamente em um certo período de tempo).

O uso de eufemismos de motivação ideológica é outro artifício identificado pelos autores em textos jornalísticos sobre economia. Muitas vezes, argumenta-se que tal uso nem chega a ser voluntário, seria apenas porque, segundo argumenta Jacobini, muitos dos jornalistas na verdade não entendem muito do assunto que estão tratando, não estão preparados e simplesmente reproduzem o discurso emitido por suas fontes (JACOBINI, 2008, p. 196).

Porém, não é difícil encontrar motivações ideológicas em textos sobre economia de veículos não alinhados com o que alguns, como Kucinski, chamam de “elites econômicas”, com a diferença apenas de que as motivações ideológicas são diversas daquelas das elites. Mas voltaremos a essa questão mais adiante.

Uma análise do perfil ideológico de Bernardo Kucinski nos mostra um autor de esquerda. Em “Jornalismo econômico”, por exemplo, ele enumera três paradoxos que, em sua opinião, marcariam a economia brasileira (KUNCINSKI, 2000, p. 11). Sobre o primeiro, considerações serão tecidas adiante. O segundo seria um histórico de crises na economia brasileira por falta de moeda forte. E o terceiro, a incapacidade de acumular capitais necessários à industrialização autossustentada do país.

Sem a pretensão de fazer uma digressão rumo a uma discussão econômica que não seria o foco deste trabalho, basta lembrar, quanto ao segundo paradoxo, que no momento em que o presente trabalho foi escrito, um dos problemas enfrentados pelo país era justamente a valorização, vista como excessiva, da moeda nacional frente ao dólar, levando ao encarecimento dos produtos de exportação do Brasil no exterior. Além disso, uma crise grassava em território europeu pelo endividamento de países como

Portugal e principalmente a Grécia²⁰, nos quais circula a mesma moeda forte dos vizinhos mais desenvolvidos França e Alemanha. Ou seja, o fato de um país ter moeda forte não significa que estará livre crises, inclusive de crises muito graves.

Quanto ao terceiro paradoxo, a falta de capacidade para acumular capitais que garantam uma industrialização que sustente o crescimento, há que se admitir, ele continua tão válido no Brasil à época da produção deste trabalho quanto no tempo da publicação do livro de Kucinski²¹.

Mas interessa aqui principalmente o primeiro paradoxo apontado por Kucinski:

o contraste entre abundância e indigência. Não apenas entre ricos e pobres, mas entre uma natureza estocada em terras, energia e minérios, e sua população depauperada, carente (KUNCINSKI, 2000, p. 11).

Essa percepção remonta à mesma ideia, já apresentada no capítulo 1, da desigualdade como uma relação que pressupõe, de um lado, os abastados e, do outro, a “população depauperada, carente” citada por Kucinski. Como já explicado no referido capítulo, esta pode até ser, mas não necessariamente é, uma visão que corresponde à realidade. Conforme argumentado, uma situação de desigualdade nem sempre corresponde a uma situação de riqueza *versus* miséria. E, da mesma forma, uma situação de maior igualdade nem sempre significa uma situação de abundância – aliás, não raro uma maior igualdade social se dá justamente em situação de carência quase generalizada.

Sua predileção pelo lado à esquerda do arco ideológico proposto por Bobbio fica mais clara no trecho abaixo, sobre o que teria sido uma guinada da política econômica brasileira em favor de pressupostos neoliberais nos anos 90:

Com o colapso da economia soviética, planificada e estatal, deu-se a vitória ideológica da tese neoliberal, que sacrifica o princípio da solidariedade social no altar de uma suposta eficiência econômica. Foi decisivo o jornalismo como linha auxiliar na campanha neoliberal dos anos 90 pelo desmonte do Estado social-democrata, na sedução dos jovens ao ideal do sucesso pessoal, na disseminação da nova utopia das classes médias: a de possuir o próprio

²⁰ Um bom resumo das razões do drama da crise grega está na matéria “Greece's sovereign-debt crunch: A very European crisis”, de *The Economist*, disponível em: <<http://www.economist.com/node/15452594>>

²¹ Embora a edição utilizada seja de 2007, o texto original é de 1996.

negócio. O jornalismo econômico, veículo por excelência dessa nova ideologia, tornou-se o principal agendador do debate político. Assim, a disfunção de sua linguagem talvez tenha uma função ideológica. Um jornalismo que não se propõe a explicar e sim a seduzir (KUNCINSKI, 2000, p. 14-5).

Dado o argumento acima, seria válido perguntar se realmente teria vigido, no caso do Brasil, em algum momento de sua história anterior aos anos 90, algum “princípio de solidariedade social” até ser este vítima da ideologia neoliberal. Mas não é o caso aqui julgar se a percepção e as conclusões de Kucinski têm fundamento ou não, se estão corretas ou equivocadas.

O que interessa é demonstrar que elas ilustram o desconforto do autor em relação à desigualdade, seu pendor pelo igualitarismo e constatar que tal pendor, assim como no caso de Aylê-Salassié Filgueiras Quintão, se reflete em sua visão e avaliação da realidade econômica, assim como em sua avaliação da forma como os fatos econômicos e as relações sociais e econômicas são retratados pela mídia. E, é claro, reflete-se também na forma como avaliam a linguagem do jornalismo econômico.

2.3. Termos técnicos: quem pode usá-los?

Apesar de tudo o que foi citado acima na abordagem de autores como Quintão e Kucinski, não se pode simplesmente assumir que o uso de jargões técnicos seja uma barreira que por si só impede a comunicação e a compreensão dos textos de jornalismo econômico. Se assim fosse, termos técnicos jamais se popularizariam e até impediriam que as pessoas entendessem ou manifestassem interesse por diversos assuntos que são, por assim dizer, populares.

Tomemos como exemplo, para fins de comparação enquanto assunto passível de abordagem jornalística tanto quanto a economia, o futebol. Não obstante as óbvias diferenças entre um esporte de grande apelo popular e um assunto árido como a economia, o primeiro tem comum com a segunda o fato de ter regras e jargões técnicos próprios. Mas isso não impediu sua popularização e a assimilação de termos como “impedimento”, “falta técnica”, “condução” ou “escanteio” pelo público em geral.

Lembremos: não se deve esquecer que a relação das pessoas com um esporte é diferente da relação com um tema complexo como a economia. Mas a apreensão de vocabulário específico, e mesmo técnico, sobre um determinado assunto tem muito a ver com necessidade e com interesse social. Sobre a apropriação de vocabulário técnico por uma questão de necessidade, Diego Braga Norte²², em matéria intitulada “Quem tem medo da economia?”, cita Ieda Maria Alves, linguista e lexicóloga da Universidade de São Paulo:

à medida que mais pessoas entraram no mercado de consumo passaram a adquirir o vocabulário próprio da atividade de consumir. Hoje muita gente já sabe, por exemplo, o que é “compra a prazo com juros embutidos”.

Portanto, a capacidade para assimilação de jargões técnicos pode estar diretamente relacionada à necessidade, à convivência do indivíduo com o assunto que emprega tais jargões. Ao contrário do que imaginam alguns, não é o hermetismo do linguajar associado a determinada atividade que por si só determinará o maior ou menor interesse, o maior ou menor acesso das pessoas ao universo dessa atividade ou campo do saber.

Sobre a apropriação de vocabulário técnico por uma questão de interesse social, comparemos agora o futebol com outro esporte, o tênis. Os dois possuem suas próprias regras e termos técnicos. Mas o que determina que, no Brasil, as pessoas gostem mais de futebol do que de tênis não é nada relacionado a seus respectivos termos técnicos ou às regras de cada um. A simples substituição dos termos usados no tênis por outros mais fáceis de entender, mais populares, não terá sozinha a capacidade de despertar um interesse maior por esse esporte no Brasil, pois a maior ou menor popularidade do tênis dependeria de outros fatores, não somente de sua “linguagem”.

Da mesma forma, um esforço de “descomplicação” do vocabulário de uma atividade ou campo do saber, como as relações sociais de produção e consumo, que vem a constituir o campo de estudo da economia, jamais será capaz de, por si só, despertar um interesse generalizado por esse campo do saber por mais que ele tenha implicações práticas na vida das pessoas.

²² Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11801>>

Quintão afirma que economistas e banqueiros, além de “segmentos privados ou de instituições estatais”, usando seus jargões:

Introduzem no discurso noticioso uma linguagem acadêmica e tecnicista e um vocabulário recheado de estrangeirismos, neologismos, siglas e gráficos. Seu texto torna-se por isso hermético, razão pela qual deve ser veiculado por jornalistas especialmente treinados na área da Economia (QUINTÃO, 1987, p. 168).

Jacobini ecoa basicamente as mesmas preocupações mais de 20 anos depois ao defender que:

a clareza necessária ao jornalismo só é possível se o jornalista entender do que está sendo tratado, o que possibilita a simplificação, o uso de exemplos e de comparações para com isso evitar palavras difíceis e expressões técnicas, principalmente aquelas em língua estrangeira e que não possuem tradução (JACOBINI, 2009, p. 397)

Porém, tais argumentos precisam ser vistos com alguma reserva. Tome-se, para fins de comparação, a informática, um tema que, como a economia, apresenta considerável complexidade e tem impacto direto na vida das pessoas.

Nem mesmo o vocabulário cheio de estrangeirismos e neologismos, com muitos jargões próprios e herméticos aos leigos que caracteriza a informática impediu a popularização do uso de computadores pessoais a partir dos anos 1990 e nem a disseminação de uma profusão de termos técnicos e em língua estrangeira, como “deletar”, “fazer backup”, “dar boot”, “formatar”, “pen-drive”, ou siglas como “HD”, “USB”, “MB”, “GB”, “CD-ROM” e tantos outros.

Assim, é válido argumentar, em contraposição ao acima exposto por Quintão e Jacobini, e também referenciado por Kucinski, como se viu mais atrás, que o “economês” sozinho não seria uma espécie de dispositivo dissimulador capaz de, a um só tempo, distorcer a percepção que o público leigo tem dos fenômenos econômicos e mantê-lo afastado do mundo complexo e obscuro da economia. Outros fenômenos muito além das fronteiras do jornalismo que cobre os fenômenos sócio-econômicos e suas implicações para cidadão-leitor têm um papel relevante nesse processo que mantêm o público leigo a certa distância dos assuntos econômicos.

2.4. Fora do dia-a-dia

Alguns críticos questionam o fato de o jornalismo econômico apresentar temas que muitas vezes não fazem parte do dia-a-dia do leitor. Porém, muito embora alguns temas realmente sejam de interesse apenas para um conjunto mais seletivo de leitores, há outros que afetam a vida dos cidadãos mesmo que eles não se deem conta disso nem tomem conhecimento de tais fatos conforme será abaixo explicado. E ainda há outros pontos em que esse tipo de argumento pode ser questionado.

Primeiro, o mesmo argumento não poderia então ser aplicado também ao jornalismo cultural no que tange a temas como o teatro, de menor apelo em termos de público? Se considerarmos que a maioria das pessoas que compõem as classes menos abastadas da população jamais foi a um teatro, isso valeria de argumento para se afirmar que esse é um tema por demais “elitizado” para ser tratado em um veículo que visa a falar de fatos, inclusive culturais, que dizem respeito a um número maior de leitores? Ou será que, ao tratar do tema teatro, o veículo em questão não estaria disponibilizando a um público que de outra forma não teria contato com essa manifestação cultural uma informação que lhe pode despertar o interesse? Então se esse segundo argumento é válido, por que não deveria valer também para temas menos “populares” do jornalismo como a economia?

Conforme lembram Siqueira e Matter²³, citando o então editor de economia do jornal Correio Braziliense:

Raul Pilati reconhece a dificuldade em escrever para economia, mas salienta que o uso de palavras específicas não é novidade no jornalismo. ‘Qualquer editoria usa o jargão. O jornalista que cobre cultura, por exemplo, não é pressionado a traduzir um termo específico. Ao contrário da economia. Eu ainda não entendi porque alguns segmentos jornalísticos têm o direito de utilizar esse recurso e a economia não, reclama (SIQUEIRA & MATTER, 2007).

Segundo, no que diz respeito à internet, veículo de que trata o presente trabalho, o fato de serem apresentados temas que não fazem parte do dia-a-dia do leitor que para veículos como jornais ou revistas seria considerado o “leitor médio” perde força se

²³ Disponível em: < <http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/77edicao/reportagem.htm> >

levarmos em conta que uma das principais características desse meio de comunicação é justamente a segmentação.

2.5. Diferentes momentos

Além do exposto nas páginas anteriores, é de se esperar também que, em diferentes momentos da vida econômica do país, a relação do público com a economia sofra transformações e que, portanto, ocorram mudanças também no tratamento que os veículos de comunicação dispensam ao tema economia.

Nos anos 60 e início dos 70, o país vivia um momento de grande crescimento econômico e o principal veículo de comunicação do jornalismo econômico eram os jornais diários. Portanto, é neles que o jornalismo econômico se desenvolve. Sobre o espaço por ele conquistado nesse período nos jornais, Quintão afirma:

os jornais abrem a partir daí amplos espaços para a publicação do noticiário especificamente de Economia. Criam para administrar esses espaços as Editorias de Economia. Passam a selecionar, ou a contratar repórteres especializados na cobertura da área (QUINTÃO, 1987, p. 169).

No final dos anos 70 e nos 80, o panorama mudou. O país entrou em um longo período de crise, com a inflação impactando diretamente a vida econômica dos cidadãos, em uma fase em que a televisão já havia se tornado o principal veículo de disseminação das informações econômicas. A esse respeito, vale citar artigo de Hérica Lene. Segundo ela:

a partir da dessa época [anos 1980], com os sucessivos planos econômicos que foram implementados na tentativa de conter a inflação, o jornalismo vai tentar divulgar e traduzir os fatos econômicos, e, além disso, tentar atender a uma demanda crescente do leitor por informações sobre os impactos desses pacotes em suas vidas. O jornalista dessa área passa, então, no final do século XX, a atuar voltado para atender a um leitor-cidadão-consumidor.

Observa-se, portanto, que o jornalismo econômico, a partir da década de 1980, passa a ter um cunho mais pedagógico e se volta para a tentativa de atender e dar respostas às dúvidas de seus leitores. Não se trata de uma mudança apenas para servir o leitor, mas de uma estratégia de adaptação da imprensa econômica, que se consolidou durante o regime militar e depois tem de encontrar novos rumos a partir da redemocratização. Tem de se adaptar, portanto, a uma necessidade de sobrevivência no mercado (LENE, 2005, pp. 13-14).

E em 1990, conforme lembra Basile:

Poucos eventos em nossa História recente terão tido tanta importância para o crescimento da imprensa econômica quanto o confisco da poupança empreendido pelo presidente Fernando Collor de Mello em 1990 (BASILE, 2002, p. 76).

Segundo o autor, o confisco efetuado pelo governo Collor acabou dando impulso à cobertura jornalística voltada às finanças pessoais. Essa tendência ganharia ainda mais força em meados dos anos 90, quando a internet apenas ensaiava os primeiros passos no país, mas a estabilidade financeira já havia sido retomada com o Plano Real, levando a uma nova relação dos brasileiros para com a economia.

Desde então, toda uma geração já cresceu sob um ambiente de maior estabilidade econômica que seus pais e tendo a internet a dividir com a televisão o posto de principais veículos para busca de informações de uma forma geral e também na área econômica. Como afirma Basile:

As novas tecnologias colocam à disposição de todos a informação *on line*, *real time*, pela qual é possível, a cliques de computador, saber o que se passa no mundo das finanças globais e tomar as decisões necessárias para tirar partido dessas informações, ou ser menos ou não prejudicado por elas (BASILE, 2002, p. 76).

Assim, houve muitas mudanças, principalmente se compararmos a situação dos trabalhadores na década de 50 do século passado, em que era incomum sequer que estes tivessem conta em banco, com a da atualidade, onde é corriqueiro que tenham conta em banco, cartão de crédito e acesso a crédito – e, portanto, participação ainda que indireta no mercado financeiro do país²⁴. Apesar disso, muitas das críticas acadêmicas encontradas em relação ao jornalismo econômico pouco mudaram nas últimas quatro décadas.

²⁴ É claro, por exemplo, que os valores referentes ao pagamento de salários de trabalhadores que são depositados todo mês em sua conta corrente em determinado banco não ficam simplesmente parados, à espera dos saques dos correntistas. Tais valores são utilizados pelos bancos em suas operações financeiras visando ganhos. Não há nada de ilegal nisso, mas significa que recursos dos trabalhadores circulam no mercado financeiro quando eles simplesmente deixam seu dinheiro nos bancos, ainda que não optem por fazer diretamente operações neste mercado por meio do banco ou outra instituição financeira.

Alheios a isso, os meios de comunicação buscam adaptar-se para abordar essa nova relação do público com a economia e, pelo menos nas palavras dos responsáveis por sua construção, esforços são feitos para isso, não necessariamente passando pela simplificação da linguagem. De acordo com Siqueira e Matter:

Vale tudo para cativar o público. Infográficos, tabelas comparativas, personagens, charges e até histórias em quadrinhos. O aumento no preço do leite em saquinho, a liquidação de inverno e a dívida pública dividem espaço com a queda do dólar e os novos números do PIB [...]. Porém, a tarefa mais importante para esses editores é incluir a agenda pública na pauta econômica. E mostrar ao leitor que a economia também tem função social. ‘Mostramos os efeitos práticos da economia não apenas em nível macro – que é o mais complicado – mas o impacto disso tudo nos mercados, nas arrecadações, nos impostos e assim por diante’, esclarece a editora do Diário de Pernambuco, Leianne Correia (SIQUEIRA & MATTER, 2007).

Embora fazendo ressalvas quanto às motivações das mudanças ocorridas após a redemocratização do país, que teriam como base também (senão principalmente) uma valorização e incentivo do consumismo, Hérica Lene afirma que:

preferimos conceber essa mudança no tratamento das notícias de economia como um jornalismo que se volta para atender um leitor que é, cada vez mais, consumidor de bens e produtos, e, por isso, desenvolve uma cobertura de cunho mais pedagógico (LENE, 2005, p. 12).

2.6. Além da linguagem: um assunto complicado

Apesar das considerações acima, há que se admitir que economia ainda é um assunto complicado para o público médio que busca informações nos jornais, revistas, televisão e internet. Mesmo com esforços de simplificação da linguagem, substituição de termos técnicos por outros mais facilmente inteligíveis ou por rápidas explicações de termos de compreensão mais difícil, além da utilização de recursos como infográficos, entender os fenômenos econômicos e suas implicações não é tarefa simples. Por que isso acontece?

Antes de tudo, é necessário ter em mente não é proveitoso concentrar todas as críticas na linguagem do jornalismo econômico, uma vez que tais críticas não explicam os poréns que já foram levantados até aqui e nem os que serão discutidos adiante.

Tampouco seria aconselhável apontar como principais culpadas as relações nem sempre transparentes entre o jornalismo de economia e atores públicos ou privados detentores de poder de influência sobre sua linguagem, sobre a produção de seu conteúdo e sobre as questões que ele pode ou não abordar. Isso porque, pelo menos na internet, uma série de particularidades relativas à dinâmica de produção e assimilação de informações questiona esse poder de influência conforme explicado a seguir.

Primeiro, a internet é capaz de assimilar diferentes modelos de conteúdo. Não há jornais com seus próprios espaços nas revistas ou vice-versa; não há rádios com inserção própria nos horários da televisão ou vice-versa; mas todos esses meios buscam seu espaço na internet.

Segundo, à medida que aumenta o acesso da população à internet, há uma segmentação também maior. Ao contrário de outros meios, onde a mesma mensagem é dirigida a um grande número de pessoas, na internet cada um tem a possibilidade de buscar os conteúdos que lhe interessam e dizem respeito.

Terceiro, tão importante quanto a presença dos outros meios de comunicação na web é o fato de que as tecnologias da informação hoje possibilitam que o público que tem acesso à rede interaja cada vez mais com os produtores de conteúdo e gere ele próprio seus conteúdos.

Quarto, as formas de apresentação de conteúdo na internet também se diversificam. Não apenas conteúdos de áudio, vídeo e textos são digitalizados, mas se subdividem em suas características próprias. Um texto acadêmico em formato “PDF” é bem diferente de uma postagem de 140 caracteres no Twitter, por exemplo, embora trate-se de texto nos dois casos.

E, finalmente, toda essa multiplicação de vozes e formas de gerar conteúdo com maior ou menor teor noticioso, com maior ou menor qualidade e confiabilidade, dilui o poder de influência real de atores que têm poder de influenciar conteúdos nas demais plataformas. Isso pôde ser visto de forma dramática em episódios como o das manifestações populares que agitavam o mundo árabe quando da produção deste

trabalho e que culminaram, por exemplo, na deposição do presidente do Egito, que estava no poder havia décadas²⁵.

Em todos os casos de protestos como os ocorridos no país africano, uma das primeiras atitudes dos governantes, geralmente acomodados há tempos no poder, foi justamente determinar o que poderia e o que não poderia ser veiculado pela imprensa. Ainda que historicamente esse tipo de artifício fosse eficaz no caso dos meios tradicionais de veiculação de conteúdos jornalísticos, como televisão, jornais, revistas e rádio, a mesma eficácia não se deu em relação à internet, onde o acesso a informações exteriores, que um governo local não pode controlar, é mais fácil.

E não seria descabido afirmar que, sem a internet, manifestações como as do Egito ou não teriam ocorrido ou não teriam a visibilidade e impacto que tiveram. Ela relativiza, portanto, o impacto que relações pouco transparentes entre o jornalismo e atores públicos ou privados influentes têm sobre o conteúdo do que é veiculado.

2.7. Distanciamento

Mesmo assim, no caso do jornalismo econômico, ainda que ele seja praticado na internet desde que o jornalismo surgiu na rede, isso não significou uma maior aproximação entre a economia e o público.

Tampouco se pode eleger como grande culpada desse distanciamento entre o público e os temas econômicos a visão ideológica do veículo de comunicação, ou do jornalista que produz as matérias econômicas, ou mesmo dos citados atores públicos ou privados capazes de influenciar a produção de conteúdo de acordo com seus interesses. A visão ideológica também não determinará, por si só, o divórcio entre o público e os temas econômicos.

²⁵ Sobre a crise política no Egito, ver a matéria “Egypt Erupts in Jubilation as Mubarak Steps Down”, do *The New York Times*, disponível em:
<<http://www.nytimes.com/2011/02/12/world/middleeast/12egypt.html>>

Segundo Kucinski, eufemismos de motivação ideológica ocorreriam porque “as elites econômicas esmeram-se em criá-los para camuflar os conteúdos de suas políticas econômicas” (KUCINSKI, p. 169, 2007). Mas, se vivêssemos em um regime baseado em um Estado forte, seria válido, usando os mesmos argumentos por ele apresentados, especular que as elites políticas poderiam esmerar-se para criar eufemismos de motivação ideológica com a finalidade de camuflar os conteúdos de suas políticas econômicas.

Da mesma forma como atores com poder de influência podem fazer com que jornalistas usem termos que acobertam problemas em uma sociedade em que prevalece uma economia de mercado, como “plano econômico” em vez de “plano recessivo” como sugere Kucinski, atores influentes em uma economia de Estado forte, que defendem bandeiras simpáticas à planificação estatal, poderiam usar exatamente o mesmo artifício. Poderiam cunhar expressões como “grande salto para frente” no lugar de termos como “planificação econômica compulsória” para encobrir consequências de uma tal política, como por exemplo o fato de que agricultores teriam de produzir não o que desejam ou sabem, mas o que seriam orientados produzir²⁶.

Ou seja, a instrumentalização ideológica da linguagem jornalística praticada por grandes grupos ligados aos setores detentores do poder econômico ou político, embora apontada como associada à defesa da economia de mercado e de princípios como o neoliberalismo, também pode ocorrer sob outros regimes. Nesse caso, a diferença básica seria a orientação ideológica seguida, mas não a intensão – manipular a linguagem jornalística em função dos interesses defendidos por um grupo dominante – e as consequências daí decorrentes. O que, reafirma-se aqui, não implicaria necessariamente em sucesso.

²⁶ Foi exatamente o que ocorreu na China entre 1958 e 1960, no período do chamado “Grande Salto para Frente” (ou “Grande Salto Adiante”), que foi basicamente um programa econômico lançado por Mao Zedong, com objetivo de transformar a China socialista de um país de economia agrária em uma nação industrial autossuficiente. O resultado foi um fracasso que levou à morte, principalmente pela fome, de nada menos que 20 milhões de pessoas. Uma análise a respeito dessa experiência chinesa pode ser encontrado em “Do grande salto para frente à grande fome: China de 1958-1962”, artigo do professor Shu Chang-Sheng. Disponível em:
<<http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=199&path%5B%5D=0>>

Pode-se mesmo afirmar que há certa disparidade entre meios e fins ao se propor, por um lado, que o excesso de termos técnicos, pejorativamente chamado de “economês”, dificulta o entendimento dos textos jornalísticos voltados à economia e que isso deixa o leitor médio confuso, e por outro lado, que atores capazes de influenciar o conteúdo da produção de sentido no jornalismo econômico utilizariam recursos para escamotear a realidade econômica tornando-a fantasiosa e escondendo seus problemas e contradições.

Com relação ao acima disposto e ainda comparando a economia com o futebol, é verdade que após o golpe militar de 1964, e principalmente após o endurecimento do regime, cujo marco é a instauração em 1968 do Ato Institucional Número 5 (mais conhecido como AI 5), que suprimiu direitos e garantias constitucionais, o jornalismo econômico passou a ocupar um lugar de maior destaque nos jornais com a dupla função de ocupar o espaço tirado do noticiário político e de dar destaque à agenda econômica do governo. Mas também é verdade que o futebol foi igualmente usado pelo regime para enaltecer o nacionalismo e desviar a atenção da sociedade para problemas como o combate à oposição, inclusive armada, ao sistema e a artifícios como o da tortura e das prisões arbitrárias. O ápice desse uso instrumental do futebol foi a conquista da Copa do Mundo de 1970.

Mas nem por isso, note-se, poder-se-ia dizer que houve, em qualquer momento, alguma preocupação oficial em facilitar a assimilação de regras e termos específicos desse esporte pela massa. Pelo contrário, o nome do esporte, embora aportuguesado há tempos, jamais foi traduzido. Termos como beque, craque, corner, escrete (este muito usado durante os anos 70) nunca foram traduzidos de sua língua de origem ou explicados aos torcedores menos familiarizados com o futebol. Simplesmente foram sendo assimilados aos poucos.

Ou seja, houve realmente um uso instrumental e ideologizado do jornalismo econômico pelo regime militar da mesma forma que houve com o futebol, mas é mais provável que não tenha ocorrido com o nível de competência que alguns fazem supor em relação à manipulação de sua linguagem.

Assim é que a questão do distanciamento entre o público em geral e os temas econômicos transcende o problema da linguagem técnica, o do meio de comunicação utilizado e até mesmo o da ideologização dos temas e da forma como eles são tratados. Mas então o que haveria de comum entre assuntos tão diversos quanto futebol e informática para conseguirem um nível de aceitação junto ao público leigo que a economia não consegue, muito embora também usem termos técnicos próprios que precisam ser assimilados pelos interessados?

Um levantamento exaustivo de todos os motivos para isso e a abordagem de cada um implicaria um tempo e abrangência de análise que estão fora da proposta deste trabalho. Mas pelo menos uma causa é a seguir sugerida.

2.8. Intuitividade

Ao contrário do futebol e da informática, que por razões diversas apresentam características de intuitividade, a economia é um tema que geralmente não se mostra inteligível ao leitor por meio de abordagens intuitivas, como relações facilmente observáveis de causa e efeito.

Embora isso não seja regra para todos os esportes (as regras do tênis, por exemplo, não são tão intuitivas quanto as do futebol), as regras básicas do futebol não são difíceis de assimilar por quem assiste ao desenrolar de uma partida. No caso da informática, usar um computador não é tão fácil, as regras não são tão simples, pois cada sistema operacional e cada software têm suas particularidades e regras de usabilidade, mas a visualização imediata dos resultados dos “inputs” pelo usuário e recursos gráficos cada vez mais sofisticados tornam a prática em geral intuitiva até mesmo para crianças.

Mas nada disso vale para a economia. Vejamos um exemplo apresentado pelo economista Robert Heilbroner, referindo-se por sua vez a um exemplo dado por Adam Smith:

“Um luto oficial”, escreve Adam Smith, “faz subir o preço das roupas pretas”. Nós sorrimos, aprovando. Mas isto é uma previsão? Não exatamente. É

possível imaginar que o próximo luto oficial não vá fazer subir o preço das roupas pretas se, por exemplo, os comerciantes de tecido tiverem em mãos um estoque muito grande de pano negro que sobrou do último luto (HEILBRONER, 1996, p. 288).

Prosseguindo no raciocínio dos desdobramentos econômicos do exemplo usado pelos dois autores, poderíamos também especular que os consumidores, já abastecidos da indumentária negra do luto anterior, simplesmente optassem por repeti-la no luto seguinte mesmo que o estoque de pano negro dos comerciantes não fosse grande. E isso levanta uma questão relativa aos estoques.

Mesmo aumentos de demanda seguidos podem implicar – ou não – em aumento na atividade industrial do bem demandado, pois isso dependerá de se as indústrias do setor adotam ou não uma política de formação de estoques reguladores desse bem. Assim, é possível que um inesperado aumento da demanda seja devidamente contemplado por estoques já existentes, como no caso citado por Heilbroner. Mas se o setor, por uma razão ou outra, não trabalha com estoques reguladores, pode ser que a atividade industrial aumente. Ou não, se ainda que isso seja desejável, houver falta de determinada matéria-prima para produção do tal bem.

Do acima exposto, pode-se logo concluir que, da mesma forma que há explicações plausíveis para os fatos históricos, também as há para os fatos econômicos. Porém, isso não significa que as relações de causa e efeito na economia sejam óbvias, facilmente observáveis e previsíveis nem mesmo para os economistas. Portanto, menos ainda são para os leigos.

Conforme declara Heilbroner:

A sociedade [...] vive sendo constantemente abalada ou perturbada às vezes pela incursão da própria natureza, porém mais comumente pelo fato de que os planetas e átomos da sociedade — suas instituições e indivíduos — têm o incômodo hábito de se assenhorear dos assuntos e agir de maneiras que não têm correspondentes no ‘comportamento’ de planetas e átomos reais (HEILBRONER, 1996, p. 288).

Outra particularidade que depõe contra a previsibilidade e intuitividade da economia diz respeito às expectativas e percepções dos atores econômicos, ou seja, todos nós. No caso de um esporte como o futebol, as pessoas geralmente torcem por um determinado time, têm noções básicas das regras do jogo e sabem que os resultados

possíveis de uma partida são a vitória ou derrota de seu time, ou empate entre este e o adversário.

E no caso do uso de computadores, ainda que a pessoa tenha dificuldade em relação à forma como realizar certa tarefa (ou sobre como fazer com que o computador execute a tal tarefa), ela sabe ou pelo menos tem uma boa ideia do que deseja. Mas não é bem isso que ocorre no caso da economia.

Ainda que determinado fato ou fenômeno econômico que se passa em outra parte do mundo venha a afetar o dia-a-dia do cidadão, ou afetar até mesmo seu emprego, não é tão óbvio para o senso comum estabelecer uma causalidade imediata entre os fatores. Por exemplo, é natural que as pessoas sintam-se felizes vendo um surto de crescimento em países de populações pobres, mas não é comum que observem como isso pode afetar suas vidas, seja em virtude da possibilidade de um aumento em seu próprio custo de vida, seja em uma nova oportunidade profissional.

Embora o cidadão comum não perceba, é tecnicamente possível que, por exemplo, o aumento da demanda de açúcar em um país distante que melhorou seu padrão de vida (e consequentemente de consumo) se reflita, pelo menos no curto prazo, em aumento do preço local do açúcar que ele consome.

São características como essas – considerável indeterminação nas relações de causa e efeito, dificuldade de perceber como fatores supostamente irrelevantes podem afetar a vida econômica de indivíduos e empresas, entre outras – que mantêm a economia como assunto difícil de entender e de explicar apesar de sua reconhecida importância.

Ainda que se considere que o uso de termos de seu vocabulário técnico nas matérias jornalísticas afaste os leitores médios, com conhecimento apenas superficial sobre o tema, ou que os interesses de atores econômica e politicamente poderosos determinem em certa medida o que é abordado, não se pode afirmar que apenas esses fatores determinam a percepção do tema economia no jornalismo como difícil e “impenetrável”.

Conforme foi explanado, um tema jornalístico como o futebol tem vocabulário técnico específico, também reproduzido pela mídia como no caso do vocabulário de economia, e já foi, tanto quanto esta, politicamente utilizado durante o regime militar brasileiro. Mesmo assim, está entre os temas mais populares no jornalismo. E a informática, da mesma forma que a economia, tem uma grande quantidade de termos técnicos próprios (que muitas vezes sequer são traduzidos do inglês para o português), é um tema complexo e abrangente, mas mesmo assim, a exemplo do futebol, também é popular e cota com grande cobertura midiática.

Assim, as dificuldades da cobertura jornalística da economia começam pelas características do próprio tema, e se há uma falha dos jornalistas em relação a essa cobertura – mais determinante até que o uso de jargões técnicos ou as relações nem sempre isentas com grandes atores interessados no que será tratado – é a de não tornar claro para o leitor o quanto e como a economia impacta sua vida.

Embora esteja fora do âmbito deste trabalho uma análise de caráter geral sobre as características da produção nacional em jornalismo econômico, certamente há exceções em relação a essa omissão informativa, mas exceções são exceções e elas não invalidam essa conclusão.

Capítulo 3: O dialogismo de Bakhtin e o jornalismo econômico

A dúvida surgiu logo que foi recebida a sugestão de se fazer uma análise do *corpus* do qual trata o presente trabalho à luz do referencial teórico do russo Mikhail Bakhtin. Seria adequado estudar conteúdos publicados em um blog sobre jornalismo econômico tomando como base um filósofo ligado à crítica literária, que nasceu no século XIX e morreu décadas antes da popularização da internet como ela é hoje conhecida, e que passou a maior parte da vida sob um regime socialista de economia fechada?

Mas, verificadas as possibilidades do dialogismo bakhtiniano como ferramenta de análise, sobre o qual o pesquisador já tinha um conhecimento pelo menos inicial em virtude de trabalhos acadêmicos na graduação em jornalismo, logo a dúvida se dissipou e, como o desenvolvimento da pesquisa mostrou, longe de ser inadequado à finalidade deste trabalho, o referencial teórico de Bakhtin mostrou-se útil e suficiente para demonstrar as relações discursivas existentes no corpus de análise. Vejamos.

3.1. A realidade por meio da linguagem

Segundo Bakhtin, na comunicação, todos os enunciados são dialógicos. A palavra é sempre perpassada pela palavra do outro, de forma que quem constrói um discurso sempre leva em consideração outros discursos, que assim estarão, de uma forma ou de outra, presentes no seu (FIORIN, 2006, p. 19). Assim, todo enunciado se reporta a outro ou outros enunciados. E a delimitação do que ele define como enunciado é precisa, embora abrangente:

Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão) (BAKHTIN, 2000, p. 294).

Ele desenvolveu tal teoria a partir da constatação de que havia em seu tempo uma percepção equivocada da função comunicativa da linguagem. Segundo ele:

A linguagem é considerada do ponto de vista do locutor como se este estivesse sozinho, sem uma forçosa relação com os outros parceiros da comunicação verbal. E, quando o papel do outro é levado em consideração, é como um destinatário passivo que se limita a compreender o locutor (BAKHTIN, 2000, p. 289).

Assim, ele reagiu a essa visão da linguagem reavaliando e enfatizando o papel do destinatário, que, resgatado de uma imagem distorcida de passividade no processo comunicacional, passa a ser encarado como peça fundamental deste processo:

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor (BAKHTIN, 2000, p. 290).

Bakhtin, já referindo-se aos gêneros do discurso, dá um novo sentido até mesmo ao papel do locutor:

O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve (BAKHTIN, 2000, p. 291).

Um bom exemplo de resposta esperada, seja para “uma concordância, uma adesão” ou para “uma objeção” pode ser visto logo na página inicial do blog de Míriam Leitão, do lado esquerdo das postagens. Lá estão as regras do blog: “Leia aqui as normas de conduta para comentários dos leitores do blog”, diz o texto, que tem um link para a página onde estão as regras.

Diz essa página:

O blog da colunista Míriam Leitão mantém um sistema de comentários para estimular a troca de ideias e informações entre seus leitores, além de aprofundar os debates sobre assuntos econômicos, políticos, ambientais e sociais.

Este espaço respeita as opiniões dos leitores, independentemente da corrente ideológica ou divergência de ideias.

Mas o blog tem regras de conduta que devem ser respeitadas e que consideram princípios de moralidade, ética e bons costumes²⁷.

²⁷ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2009/07/31/regras-de-comentarios-do-blog-210047.asp>>

E segue o texto elencando os tipos de comentários considerados não aceitáveis para reprodução no blog. É à “compreensão responsiva ativa” citada por Bakhtin que diz respeito o texto acima, deixando claro que Míriam Leitão e seus colaboradores no blog esperam respostas, manifestações dos leitores, e não apenas uma compreensão passiva em relação aos textos postados.

Além do papel protagonista de que passa a desfrutar o receptor e da percepção do locutor não apenas como emissor de uma mensagem, mas como interlocutor que espera uma resposta, a teoria do dialogismo também reavalia a relação dos indivíduos com a realidade. Ela propõe que a realidade não estaria acessível senão por meio da linguagem. É a linguagem que faz a mediação da nossa relação com o mundo. A respeito da relação entre o real e o discurso, diz Fiorin a respeito de Bakhtin:

[...] todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (FIORIN, 2006, p. 19).

E, como um desenvolvimento dessa premissa da linguagem como mediadora de nossa relação com o real, pode-se afirmar que o real estendido, ou seja, a realidade que não está imediatamente ao alcance da percepção individual de cada pessoa, como os fatos que acontecem em outras cidades, estados ou países, só estaria acessível, pelo menos de forma mais imediata, por meio da comunicação midiática. E mais, seria um real mediado, totalmente sujeito à influência do discurso midiático que o reporta e que, por sua vez, dialoga com outros discursos.

Assim é que, em postagem de 29 de agosto de 2008 em seu blog, ao se referir à convenção do Partido Democrata, então na oposição, durante a campanha presidencial norte-americana daquele ano, Miriam Leitão afirma:

Até os jornalistas admitiam: nunca tinham visto isso na história daquele país. Nunca tinham visto uma convenção tão grande, uma multidão tão impressionante numa reunião política. Também nunca viram um negro chegar tão longe²⁸.

²⁸ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/29/obama-cenas-nunca-vistas-123070.asp>>

Nesse caso, seu enunciado não está apenas se reportando, com total objetividade e assepsia verbal, a algo que se passou durante a convenção democrata, já realizada em meio à crise que naquele momento atingia a economia norte-americana e que enfraquecia o apoio da população ao candidato do Partido Republicano, então na situação. Na verdade, o enunciado remete a outros enunciados, dialoga com eles e com o leitor/interlocutor.

Uma das características atribuídas às falas do então presidente Lula era a de repetir a frase “nunca antes na história desse país”. Tratava-se de um artifício cujo objetivo era ressaltar a importância de seus feitos à frente do executivo nacional. Tal característica sempre foi muito lembrada, às vezes em tom irônico, outras simplesmente em tom de brincadeira, pela mídia, nas mais diversas situações, especialmente em contextos relacionados à política. Daí Miriam usar a frase “nunca tinham visto isso na história daquele país” em seu texto.

Assim, seu enunciado não distorce os fatos sobre a convenção do Partido Democrata estadunidense, mas interpreta-o de uma maneira própria, dialogando com outros enunciados que se referem à política interna do Brasil.

3.2. Unidades potenciais e unidades reais de comunicação

Embora Bakhtin reconhecesse os fonemas, palavras e orações como unidades da comunicação, ele os contrapunha à sua noção de “enunciado”, que são as palavras e sentenças em um determinado contexto, ganhando assim um significado e entonação próprios e únicos daquele momento em particular. Portanto, para ele, “a fonologia, a morfologia ou a sintaxe não explicam o funcionamento real da linguagem” (FIRION, 2006, p. 20). Para isso, ele introduz a “translinguística”, que em vez de estudar as unidades constitutivas da linguagem, estuda os enunciados e as relações dialógicas entre os enunciados. Desta forma, ele cria uma diferença entre as “unidades potenciais da língua (objeto da linguística) e as unidades reais de comunicação (objeto da translinguística)” (p. 20).

Para Bakhtin, o que caracteriza o enunciado como objeto passível de ser abordado para análise é o fato de ele ser “a réplica de um diálogo” (p. 21). Assim, cada novo enunciado produzido não surge alheio a qualquer contexto. Na verdade, ele constitui a participação em um diálogo com outros discursos. Segundo Fiorin:

[Em cada enunciado] estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. Um enunciado ocupa sempre uma posição numa esfera de comunicação sobre um dado problema (FIORIN, 2006, p. 21).

Em postagem de 19 de agosto de 2008, Miriam Leitão afirma:

Segundo estudo da Morgan Stanley, se a queda [das commodities] persistir nos próximos meses, o Brasi poderá sofrer uma redução na taxa de crescimento. O banco de investimentos afirma que a correlação entre exportações e crescimento do PIB é muito mais forte do que se imagina.

O gráfico abaixo [imagem do gráfico é mostrada na página do blog] dá uma boa idéia da correlação entre exportações brasileiras e taxa de crescimento. Reparem que as curvas estão sempre seguindo a mesma tendência. Nos últimos anos, as commoditites dispararam, e não por acaso, segundo o banco, o crescimento do Brasil tem sido elevado. Agora, este "paraíso" estaria ameaçado²⁹.

Assim, o enunciado acima é uma participação em um diálogo anterior, neste caso, um estudo da Morgan Stanley, uma empresa internacional de serviços financeiros, segundo o qual, se persistisse a queda no preço das *commodities* (mercadorias pouco ou não processadas, de baixo valor agregado, como as matérias-primas), o Brasil poderia sofrer, naquele momento, uma redução em seu crescimento econômico.

Isso ocorreria porque, conforme argumentava a empresa, haveria uma forte relação entre as exportações brasileiras e o crescimento do Produto Interno Bruto no país. No texto, portanto, o discurso de Miriam Leitão dialoga com o da Morgan Stanley e, além disso, está disponível para réplicas por parte dos leitores.

Para Bakhtin, as unidades da língua não pertencem a ninguém, existem sem que tenham autor, de forma que as relações que têm entre si são de ordem semântica ou lógica (FIORIN, p. 22). Em economia, pode-se dizer que inflação (aumento do nível geral de preços) é antônimo de deflação (redução do nível geral de preços) e que

²⁹ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/19/queda-nas-commodities-crescimento-brasileiro-121111.asp>>

commodity pode ser sinônimo de matéria-prima. Mas, sem estarem presentes no discurso de alguém, não têm significado em determinado contexto e, portanto, nem permitem uma resposta.

Os enunciados, ao contrário, por terem sempre um autor, ganham um determinado contexto e uma posição desse autor, permitindo réplicas (FIORIN, p. 22). Afirma Bakhtin (BAKHTIN, 2000, p. 335):

Dentro dos limites de um único e mesmo enunciado, uma oração pode ser reiterada (repetição, autocitação), porém, cada ocorrência representa um novo fragmento de enunciado, pois sua posição e sua função mudaram no todo do enunciado.

O todo do enunciado se constitui como tal graças a elementos extra-lingüísticos (dialógicos), e este todo está vinculado aos outros enunciados. O enunciado é inteiramente perpassado por esses elementos extra-lingüísticos (dialógicos).

Isso é justamente o que muitas vezes acontece em relação à linguagem do jornalismo econômico. A palavra “descolamento”, por exemplo, não obstante o sentido que tem em si – deixar de estar colado – pode gerar certa imprecisão em relação a seu sentido quando usada no contexto econômico. Por isso é que, ao fazer uso dela em postagem de 17 de agosto de 2008, Miriam Leitão apresse-se em esclarecer o sentido em que a palavra foi utilizada naquele contexto específico:

A tese dourada do mercado financeiro no ano passado, que ainda tem defensores, é a do descolamento: o mundo continuaria crescendo a despeito da crise americana. A tese acaba de sofrer mais um duro golpe. A Europa e o Japão encolheram no segundo trimestre, e a inflação subiu nos Estados Unidos. O que continua válido é que um dos piores desafios é enfrentar, ao mesmo tempo, os riscos de inflação e recessão³⁰.

Ou seja, ela se referia à possibilidade de que os demais países talvez continuassem a crescer apesar da crise que assolava a economia norte-americana.

Da mesma forma, a palavra “pacote” tem seu sentido completo. Pode até gerar, na mente de quem a ouve, uma imagem que também poderia ser associada também à palavra “embrulho”, um de seus possíveis sinônimos. Porém, vejamos sua utilização em uma postagem de 26 de agosto de 2008 sobre os problemas econômicos de algumas das maiores economias do planeta:

³⁰ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/17/fim-dos-descolados-120455.asp>>

A situação nas maiores economias do mundo está ficando pior, com o encolhimento das economias da Alemanha e do Japão. Ao mesmo tempo, a China está preparando um pacote para estimular o consumo interno. Hoje, houve um número bom da economia americana, que foi uma pequena recuperação do mercado de imóveis americano. Mesmo assim, os economistas dizem que isso não é sustentável. A crise imobiliária ainda continua³¹.

a palavra “pacote” refere-se, no texto de autoria de Miriam Leitão, a um contexto específico: diz respeito a medidas econômicas adotadas pela China, grande exportadora de manufaturados, para estimular seu consumo interno. Além do mais, a palavra permite, nesse contexto, um juízo de valor, uma avaliação, tanto por parte de quem a utilizou, dando-lhe um sentido determinado, quanto por parte de seu interlocutor ou interlocutores, sobre se o tal “pacote” é oportuno ou não, se poderá ser uma medida eficaz ou não, ou mesmo em como ele pode afetar outros países e agentes econômicos. Como diz Fiorin, enquanto as unidades linguísticas são neutras, os enunciados são marcados por emoções, juízos de valor e paixões (FIORIN, p. 23).

Outra diferenciação feita por Bakhtin entre unidades linguísticas e enunciados dialógicos é que as primeiras possuem significação, que pode ser também verificada em sua relação com outras unidades da língua. Já os enunciados possuem sentido e este não pode ser depreendido somente do significado das unidades da língua. Para ser percebido, ele depende da relação com outros enunciados dialógicos (FIORIN, p. 23).

Na frase “sim, eles puderam fazer uma revolução”, cada unidade linguística possui seu significado e, em conjunto, conseguem informar que alguém conseguiu fazer uma revolução. Porém, como título de uma das postagens feitas em 5 de novembro de 2008³², a frase tem um sentido que depende de uma contextualização dialógica.

Referindo-se à vitória de Barack Obama nas eleições para presidente nos Estados Unidos, o trecho “sim, eles puderam”, na frase do título, é uma referência direta a um slogan de campanha do candidato: *Yes, we can* (sim nós podemos). E tanto esse slogan usado pelo então candidato Barack Obama quanto o trecho “fazer uma revolução”, segunda parte do título da postagem no blog, fazem, por sua vez, referência

³¹ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/26/maiores-economias-estao-com-problemas-122469.asp>>

³² Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/11/05/sim-eles-puderam-fazer-uma-revolucao-138134.asp>>

à até então inédita eleição de um negro para a presidência dos Estados Unidos, país de maioria branca com uma longa história de discriminação racial contra a minoria negra.

Na verdade, sentidos que se realizam dialogicamente são muito comuns no jornalismo, principalmente em títulos de notícias, artigos e reportagens, onde são comuns referências a frases ditas por pessoas que aparecem com frequência nos meios de comunicação, como políticos e artistas. São comuns também títulos que fazem trocadilho ou se reportam a músicas ou livros conhecidos. Por exemplo, em matéria de 1º de outubro de 2008 sobre o endividamento das famílias norte-americanas, muitas das quais, com o estouro da crise econômica, encontravam-se na difícil situação de encarar o despejo por não puderem mais cumprir com suas obrigações em relação aos imóveis adquiridos, a revista *Veja* usou como título a frase “Donos de casa desesperados”³³. O título faz alusão a uma famosa série de ficção da televisão norte-americana chamada “Desperate House wives”, que tratava dos problemas e conflitos de donas de casa de classe média daquele país.

3.3. Conceitos do dialogismo de Bakhtin no blog de Miriam Leitão

De acordo com Bakhtin, o dialogismo diz respeito a postulados básicos, ou conceitos. Um deles refere-se justamente ao modo como a linguagem realmente funciona, ou seja, como vínhamos falando até agora, todo enunciado se constrói a partir de outros enunciados. Não há, portanto, enunciado que não diga de uma ou outra maneira, respeito a outro ou outros já existentes (p. 30). Como diz Fiorin:

Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em posição à qual ele se constrói (FIORIN, p. 24).

Para Bakhtin, os enunciados, em suas relações os outros que lhe são réplicas, refletem as diferenças e conflitos que encontramos na sociedade, “são inevitavelmente o

³³ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/011008/p_084.shtml>

lugar da contradição” (p. 25). Vejamos o seguinte texto, publicado no blog em 30 de dezembro de 2008 e intitulado “Por que os economistas erraram tanto em 2008?”:

Os economistas erraram muito em 2008. E isso aconteceu porque eles embarcaram na idéia furada de que mesmo com a desaceleração da economia americana, os países emergentes se descolariam e garantiriam o crescimento mundial. A tese, que não veio do Brasil, se mostrou completamente equivocada. Todos foram atingidos, inclusive a China, que era apontada como carro-chefe do descolamento.

A verdade é que a globalização é um processo de aumento de relações comerciais entre os países. O que vale para o bem, também vale para o mal. Essa foi a premissa básica ignorada.

Outro erro foi o de achar que a economia americana iria só desacelerar, mas não entrar em recessão. O ponto fora da curva aqui foi que ninguém contava com a crise de confiança no sistema financeiro. A incompetência do governo americano, dos bancos e das agências de risco foi tão grande que um banco do porte do Lehman Brother decretou falência.

Isso criou pânico, e o pânico nunca está na previsão dos economistas³⁴.

O tom utilizado pela autora no texto é de reflexão, de avaliação sobre a postura dos economistas ao longo do ano em função da grave crise econômica. Começa com a constatação de que eles cometeram um erro: a ideia de que os países emergentes iriam garantir um crescimento mundial apesar da crise, citando inclusive o conceito de descolamento, ou seja, a teoria segundo a qual problemas econômicos em determinado país ou região do mundo talvez não afetem outros países ou regiões. Como ela deixa claro, não houve descolamento no caso da crise de 2008, ela afetou também as economias emergentes.

Em seguida, ela apresenta motivos para o engano: o aumento das relações comerciais entre os países tem seu lado negativo, ou seja, os problemas econômicos de um país podem “contaminar” outros, fato que os economistas não levaram em consideração. Além disso, eles não levaram em consideração que a economia norte-americana entraria em recessão em função da falta de confiança no sistema financeiro, por sua vez causada pela inépcia do governo e dos bancos em lidar com a crise, gerando pânico, fator que, segundo a jornalista, nunca é levado em consideração pelos economistas.

³⁴ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/12/30/por-que-os-economistas-erraram-tanto-em-2008-150304.asp>>

No texto, a jornalista assume um ponto de vista sobre a postura dos economistas, avalia as conclusões a que eles chegaram sobre a situação econômica mundial em 2008, tira suas próprias conclusões – eles erraram muito – e propõe razões para os motivos que levaram os economistas a tais erros de avaliação.

Mas, para Bakhtin, mesmo opiniões individuais como as apresentadas no texto acima na verdade refletem, muitas vezes, opiniões sociais. Além disso, ou também por esse motivo, todo enunciado que emitimos dirige tanto ao nosso destinatário ou interlocutor imediato quanto a um superdestinatário que determina nossa as posições que assumimos em nossos discursos (p. 27). Segundo Fiorin:

A identidade desse superdestinatário varia de grupo social para grupo social, de uma época para outra, de um lugar para outro: ora ele é a Igreja, ora o partido, ora a ciência, ora a “correção política”. Na medida em que toda réplica [...] dirige-se a um superdestinatário, os enunciados são sociais (FIORIN, 2006, p. 27).

Vejamos o trecho abaixo, de postagem do dia 03 de novembro de 2008:

As eleições americanas mobilizaram o país num momento de crise econômica. Os partidos conseguiram envolver muito eleitores, principalmente os democratas. Hillary Clinton, durante as primárias, mesmo tendo perdido, conseguiu 18 milhões de votos. Obama usou novas tecnologias e contagiou os mais jovens, que estavam desencantados com a política. Se vencer, Obama conseguirá aumentar a influência americana pelo mundo, mas não de uma forma velha, pelo uso da força, mas da forma correta, com autoridade moral. Se perder a disputa para John McCain, com certeza será um momento de luto pelo mundo. Assitam a análise no comentário abaixo, no vídeo feito com exclusividade para o blog³⁵.

Um aspecto do conteúdo social dos enunciados acima é facilmente perceptível: para a autora, a “autoridade moral” é uma forma correta de aumento do poder de influência de uma nação no mundo; já o “uso da força” é uma maneira antiquada e errada de tentar chegar ao mesmo objetivo. Tal postura demonstra um alinhamento com pontos de vista “politicamente corretos” que são refratários a demonstrações de autoridade por meio de instrumentos ligados à violência, à força.

Há também uma clara opção pelo candidato que representava uma oposição à postura política conservadora e associada ao imperialismo que caracterizava o governo

³⁵ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/11/03/eleicoes-americanas-foram-eletrizantes-137590.asp>>.

norte-americano de então já por dois mandatos, totalizando praticamente uma década da chamada doutrina Bush. É também uma posição de sintonia com a opinião majoritária naquele momento em que praticamente o mundo todo fora dos Estados Unidos dava clara preferência à candidatura de Barack Obama contra o candidato que representava uma continuidade do governo Bush.

É importante notar também, embora isso não seja imediatamente óbvio (talvez nem mesmo para sua autora) que o fragmento apresentado dialoga com a própria concepção do discurso do jornalismo econômico. Ou seja, ele dialoga com a forma como a ideia de jornalismo econômico construiu-se ao longo do tempo, tendo, de um lado, o compromisso de cobrir os fatos econômicos considerados relevantes e, de outro, a busca da melhor forma de se dirigir à sociedade. E tudo isso tendo ainda a preocupação de tentar atualizar-se para acompanhar as transformações por que passava a sociedade ao longo da história e as mudanças da relação dessa sociedade com a economia.

Assim, nota-se que o fragmento não lida diretamente com fatos econômicos específicos. Não se limita a informar o impacto de uma então provável vitória do candidato Barack Obama nas eleições presidenciais estadunidenses num momento de crise econômica aguda. Não utiliza uma linguagem carregada de termos técnicos ou, mesmo que não tão técnicos, mais associados à economia. Ou seja, o fragmento registra, pelo menos nessa postagem, uma preocupação em afastar-se da frieza dos números, em procurar um tratamento mais abrangente sobre um tema que afinal terá, sim, impactos econômicos relevantes.

Dessa forma, essa postagem pode ser vista como um grande enunciado que, por um lado, reporta-se diretamente aos leitores do blog, mas, por outro, também tem um conteúdo social que dialoga com uma concepção (negativa) do jornalismo econômico, que tradicionalmente o associa a números referentes ao mercado financeiro, a palavras difíceis que dificultam a compreensão do texto e a assuntos que pouco significam para o cidadão comum.

3.4. O jornalismo econômico e a questão dos gêneros

E no que se refere aos gêneros textuais, seria possível de alguma forma enquadrar o discurso do jornalismo econômico em algum gênero específico de texto, talvez a crônica? Bem, se a pergunta referir-se a gêneros literários, a resposta é não. Mas antes de explicar o porquê da negativa, vamos nos concentrar na própria discussão dos gêneros.

Como lembra Bulhões, a questão dos gêneros remonta à Antiguidade, a Platão e Aristóteles. E já com referência ao período do Renascimento, diz o autor:

Nessa fase, a do chamado Renascimento, os gêneros literários foram encaminhados como entidades fixas e imutáveis. Cada um dos três – épico, lírico e dramático – subdividia-se em gêneros menores e todos se delimitavam com o rigor da obediência a regras absolutas, as quais diziam respeito tanto a aspectos temáticos quanto aos de natureza estilístico-formal (BULHÕES, 2007, p. 36).

Portanto, primeiro na Antiguidade Clássica e depois no Renascimento, que retoma a questão, a caracterização dos gêneros na literatura aparece como de ordem prescritiva, uma questão de “como fazer” mais do que um processo de identificação de características comuns de uma produção existente. A situação só mudaria de fato em fins do século XVIII e início do XIX com o chamado Romantismo.

Tributário da emergência da burguesia e dos novos valores que esta representava, como o gosto pelo individualismo, e com sua “entusiasmada confiança nos poderes irreprimíveis da imaginação e da criatividade do gênio artístico”, como lembra Bulhões (2007, p. 37), o Romantismo rejeita os modelos clássicos associados à aristocracia, até então detentora do status de validadora do que devia ou não ser considerado possuidor de qualidades estéticas com base em padrões normativos da tradição da Antiguidade clássica, incluindo, é claro, a literatura.

Em fins do século XIX e início do XX, o italiano Benedetto Croce propõe que o caráter normativo dos gêneros estava superado, mas que estes seriam ainda úteis como parâmetro para os estudos sobre as transformações históricas que a literatura passara ao longo do tempo. E já no século XX, surge o chamado formalismo russo, com teóricos

como Viktor Chklovsky e Roman Jakobson, que buscava conciliar uma visão autônoma da linguagem literária com sua análise científica, de forma que, como afirma Bulhões:

a ênfase recairia sobre os elementos construtivos do texto literário e a identificação do estudo das transformações dos gêneros deveria levar em conta o quadro geral do *sistema* literário, o qual, por sua vez, nunca estaria desligado da dinâmica do sistema social (BULHÕES, 2007, p. 37).

É com base na trilha aberta por Croce e nos estudos dos formalistas russos que Lígia Cadermatori, por exemplo, afirmava em 1985, em um texto básico sobre períodos literários que:

Todo momento histórico apresenta um conjunto de normas que orienta e caracteriza suas manifestações culturais, constituindo o que se chama de estilo de época. Ou seja, o estilo de época que caracteriza a produção cultural de um determinado momento histórico se orienta por normas que agem como princípio regulador, estabelecendo regras para a criação, prescrevendo os traços que devem apresentar e circunscrevendo sua abrangência (CADEMARTORI, 1985, pp. 5-6).

Seja como for, primeiramente com o caráter prescritivo de normatização do fazer literário, depois como ferramenta balizadora útil ao estudo da literatura, o estudo dos gêneros é quase tão antigo quanto a própria literatura e acaba por ir além dela, passando a dizer respeito, principalmente a partir do século XX, com a grande reportagem, também ao fazer jornalístico.

E embora o conceito de jornalismo seja bem mais recente que o de literatura, a questão dos gêneros no jornalismo é, por sua vez, também quase tão antiga quanto o jornalismo. Mas Bulhões defende que ela seguiu, no caso do jornalismo, percurso oposto ao da literatura, em movimento de aproximação, e não de afastamento, das regras de normatização:

Enquanto na literatura [...] a trajetória histórica conduziu à superação do caráter normativo, com a negação de regras e prescrições, no caso do jornalismo, exigências profissionais e mercadológicas acabaram por sedimentar a delimitação de padrões expressivos e estilísticos (BULHÕES, 2007, p. 39).

Ele chega a afirmar que a necessidade de eficácia comunicativa tenderia a levar a uma “fossilização formal dos gêneros”, a um “aspecto viciado e repetitivo de sua fisionomia textual” (2007, p. 39). Cabe no entanto ressaltar que se uma tal fossilização formal fazia sentido no jornalismo impresso, predominante até a primeira década do século XXI, no ambiente do jornalismo on-line, a questão formal ganha novas

configurações, mais afastando-se do que aproximando-se da cristalizações de formato e gênero.

O ponto de aproximação inicial que Bulhões vê entre literatura e jornalismo é o conto, identificando, na concisão que o caracteriza, atributos que encontra no que chama de gêneros essenciais do jornalismo: a notícia e a reportagem (2007, p. 42). E é na reportagem, que ele considera uma forma desenvolvida de notícia (2007, p. 44), que estariam as mais promissoras possibilidades de formação de uma literariedade no texto jornalístico. Afirma ele:

Na dilatação do evento noticioso, a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de um personagem ou na coloração de um cenário. Ou desdobrar-se plenamente na narratividade, em que estão implicados personagens em processo de mudança de estado. É desse modo que ela ensaia alguma proximidade com realizações da prosa de ficção ou transporta marcas da própria literariedade (BULHÕES, 2007, p. 45).

3.5. Linguagem como meio

Mesmo assim, é preciso lembrar, para o jornalismo, ao contrário da literatura, a linguagem não é um fim em si mesma. Ela está a serviço da comunicação. E o jornalismo econômico, de sua parte, não tem como prioridade o tratamento literário de seus conteúdos.

Embora possamos assumir que uma aproximação entre o tratamento informativo e o estético-literário de fatos relevantes do cotidiano relativos a questões econômicas não seja uma impossibilidade, há razões para essa falta de aproximação e elas não são difíceis de explicitar.

A complexidade e aridez dos temas tratados, que precisam ser analisados e explicados a um público heterogêneo e muitas vezes leigo nos conhecimentos econômicos, leva o jornalista, principalmente no meio impresso, onde afinal surgiu o tratamento literário do material jornalístico, a privilegiar (ou pelo menos tentar privilegiar) a clareza dos conteúdos em detrimento da forma. Busca-se, pois, uma valorização do conteúdo informativo, não da estética do texto.

Some-se a isso outro fator importante: a necessidade de rapidez na elaboração e repasse da notícia, pois não só os temas factuais, mas também as análises mais elaboradas feitas em artigos e reportagens relativas a lapsos de tempo maiores têm, no jornalismo econômico, um considerável grau de caducidade. No caso do jornalismo econômico on-line, a caducidade do noticiário é ainda maior e conseqüentemente a urgência na elaboração e publicação das notícias, também.

Para se ter uma ideia da celeridade que caracteriza o jornalismo on-line, vejamos o texto abaixo, postado no blog de Míriam Leitão por ela mesma na tarde de 4 de setembro de 2008:

O ministro Carlos Minc me ligou, após ler a coluna Panorama Econômico de hoje [...], e garantiu que não vai fazer acordo para adiar o cumprimento da resolução do Conama que obriga a Petrobras a fornecer o Diesel menos poluente (com 50 partes de enxofre por milhão) e as indústrias automobilísticas a produzirem ônibus e caminhões adaptados a esse novo combustível.

- A resolução estabelece que em janeiro de 2009 as empresas têm que estar preparadas e o Ministério não aceitará adiamento. O assunto está na Justiça. Elas só podem descumprir a resolução se conseguirem liminar - garantiu o ministro.

Minc disse que a única mudança que fará será propor a antecipação da segunda etapa do acordo que é a produção de um combustível ainda menos poluente que é o diesel com o enxofre na proporção de 10 partes por milhão, o padrão europeu, para o ano de 2012³⁶.

Ou seja, segundo o que afirma a jornalista na postagem, em um mesmo dia, o então Ministro do Meio Ambiente Carlos Minc leu uma notícia em coluna do jornal “O Globo” assinada pela própria Míriam Leitão, ligou para ela para falar de sua posição em relação a determinado assunto tratado na coluna (não fazer acordo para adiar cumprimento de resolução sobre fornecimento de Diesel menos poluente e produção de veículos adaptados a ele) e ela, por sua vez, publicou a posição do ministro sobre o tema no blog.

É com esse nível de dinamicidade que o jornalista econômico tem de lidar diariamente, uma situação bem diferente da do escritor que se abstrai da realidade para produzir sua obra, ou mesmo que lança um olhar próprio sobre tal realidade para recriá-

³⁶ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/09/04/ministro-diz-que-nao-fara-acordo-124278.asp>>

la em sua linguagem, mas sem o compromisso de explicá-la em suas possíveis implicações, nem sempre à primeira vista claras para seu leitor/interlocutor.

Além disso, não se formou, pelo menos no Brasil, uma tradição de valorização da estética do texto no jornalismo econômico. Nas escolas de comunicação, de onde afinal saem os futuros jornalistas econômicos, não são comuns nem mesmo disciplinas especificamente relacionadas ao jornalismo econômico ou ao literário. Não é de admirar então a carência não só de estudos a respeito, mas mesmo de experiências de aproximação entre conteúdos estético-literários e informativo-econômicos. A depender das escolas de comunicação, portanto, uma tradição de refinamento estético que busque valorizar ou tornar menos áridos os textos de jornalismo econômico, sejam impressos ou on-line, não deve firmar-se tão cedo. Com relação a isso, uma última reflexão está nas considerações finais deste trabalho.

3.6. Narratividade

Mas uma outra questão igualmente importante pesa contra as tentativas de caracterização de gênero no sentido literário para o jornalismo econômico: é a questão da narratividade. Sobre ela, diz Bulhões:

Um ponto essencial de confluência de gêneros do jornalismo e da literatura, sem dúvida, atende pelo nome de *narratividade*. Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a *temporalidade*, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro (BULHÕES, 2007, p. 40).

Pois bem, a narratividade, esse ponto de aproximação entre literatura e jornalismo conforme colocado pelo autor, é justamente um dos pontos fracos do jornalismo econômico pelo menos no que diz respeito a uma aproximação com o fazer literário. Dada sua natureza, ele se presta mais ao papel de interpretar os fatos ligados à economia e as possíveis implicações destes para a vida dos interessados do que a narrá-los.

Sobre o texto do jornalismo econômico, escreve Suely Caldas:

O texto de economia exige esforço extra do repórter para traduzir, em linguagem clara e acessível, a frieza dos números, os termos técnicos e herméticos usados pelas fontes de informação, pesquisas, balanços, relatórios e documentos do governo. É preciso, sobretudo, saber interpretar com simplicidade e agregar novos dados para projetar e oferecer ao leitor indicações de tendências, para que ele possa planejar sua vida ou seus negócios (CALDAS, 2008, pp. 84-5).

Como se vê, pela cabeça do jornalista que escreve sobre economia passam preocupações que estão distantes da de quem escreve um trabalho literário.

Para atentarmos à relação entre narratividade no sentido usado por Bulhões e “interpretatividade” – que aqui usaremos no sentido de busca pela contextualização e explicação ao leitor das possíveis implicações que os fatos ligados à economia têm para sua vida ou para a sociedade como um todo – no jornalismo econômico, vejamos o texto a seguir, postado no blog de Míriam Leitão em 1º de dezembro de 2008 por Alvaro Gribel:

Dois indicadores divulgados pelas economias da China e da Alemanha levaram pessimismo aos mercados neste início de semana. Na China, foi divulgado o índice da atividade industrial, que caiu para 38,8 pontos em novembro, com queda de 5,8 pontos frente outubro. É o pior resultado desde o início da pesquisa, em 2005. Quando o indicador marca abaixo de 50 pontos significa contração da atividade industrial.

Na Alemanha, as vendas no varejo tiveram forte queda em outubro, 1,6%. O resultado pegou o mercado de surpresa, que projetava alta de 0,5%. Este é o segundo mês consecutivo de queda nas vendas.

Aqui no Brasil, o índice Ibovespa operava com -3,70% por volta do meio-dia. Na Europa, as principais bolsas também operavam no vermelho, e o índice futuro do Dow Jones indicava abertura de pregão também em queda.

Os investidores estão atentos a todos os indicadores e sinais da economia chinesa, que é considerada por muitos como a única locomotiva capaz de impedir uma queda maior do PIB mundial.

A Alemanha depende muito do comércio internacional para crescer. Com o agravamento da crise, não há muito o que o governo possa fazer para evitar a desaceleração de sua economia³⁷.

Como se pode ver, a narratividade no texto não apresenta nenhum brilho especial, não tem nada que chame atenção para si devido à forma como a mensagem foi apresentada. Sua intenção é bem diferente. O texto deseja chamar atenção apenas para o

³⁷ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/12/01/indicadores-da-china-alemanha-derrubam-bolsas-143935.asp>>.

fato que narra, ou seja, que a divulgação de certos indicadores econômicos causou pessimismo nos mercados da Alemanha e da China.

Em seguida, a narração direta e sintética sobre o comportamento do mercado financeiro no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos mantém a mesma tônica de apresentar a informação com foco no conteúdo narrado, sem maiores preocupações estéticas em relação à forma como a mensagem é comunicada.

E os dois últimos parágrafos são explicativos. São eles que buscam contextualizar e explicar os possíveis impactos do que foi informado nos parágrafos anteriores: a China seria a única economia em condições de mudar a tendência de queda do produto interno bruto mundial e a Alemanha, em condição menos favorável, pouco poderia fazer para evitar os impactos da crise em seu próprio mercado interno. Mas esses dois parágrafos tampouco têm apelo literário. São tão diretos e lacônicos quanto os anteriores.

Vejamos agora uma postagem, de 23 de janeiro de 2009, sobre a liberação de dinheiro público para BNDES, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, com a finalidade de repasse a grandes empresas:

O governo está transferindo dinheiro para o BNDES, que vai repassar às empresas sem estabelecimento claro de critérios. Esse dinheiro vai acabar parando no caixa das grandes empresas do país, que já tem acesso ao crédito, como Petrobras, Vale, e outras empresas do setor petroquímico e de commodities. Com taxas mais baratas, obviamente elas vão pegar dinheiro com o BNDES.

Enquanto isso, as pequenas, micro, e médias empresas continuarão sofrendo para ter acesso ao sistema bancário, que não está emprestando. São elas quem estão estranguladas pela crise do crédito, não as grandes.

Esta semana, por exemplo, o BNDES investiu R\$ 2,4 bilhões para a concretização da fusão entre a VCP e a Aracruz, como já cometamos ontem aqui no blog. Além de ajudar duas empresas grandes, o BNDES está virando sócio de uma empresa nova que tem R\$ 10 bilhões de prejuízo por apostas erradas antes do agravamento da crise.

De acordo com o presidente do BNDES, Luciano Coutinho, isso foi feito para que as empresas não se "espatifassem". Mas elas estão mal porque fizeram movimentos errados. Então seus grupos que arquem com o prejuízo, e não o BNDES.

A forma mais eficiente de liberar dinheiro público para a economia é reduzir impostos. Se reduzir para pessoa física, aumenta o consumo. Se reduzir sobre a folha de pagamento, diminui o ritmo de demissões.

Agora o Tesouro e vai se endividar em R\$ 100 bilhões para capitalizar o BNDES. Tudo indica que o gasto público está sem rumo. Estamos voando às cegas.

Ouçam aqui a análise completa na CBN³⁸.

Nesse texto, a narração dos fatos pode ser resumida da seguinte forma: o governo transfere dinheiro para o BNDES repassar a empresas, mas este será destinado às grandes, que já têm acesso a crédito; o BNDES investiu R\$ 2,4 bilhões na fusão entre duas empresas de grande porte, VCP e a Aracruz, e está associando-se a uma outra, deficitária; mas seu presidente afirma que a razão para isso é evitar a quebra das empresas.

Em meio à narrativa, porém, aquilo que é noticiado é objeto de contextualização, análise e crítica por parte da jornalista:

- o repasse se dará sem o estabelecimento de critérios claros;
- empresas menores continuariam com dificuldade de acesso a crédito, pois naquele momento os bancos não estavam concedendo empréstimos;
- a empresa deficitária à qual o BNDES estava se associando se encontrava deficitária devido a “apostas erradas” em período anterior ao agravamento da crise;
- as dificuldades enfrentadas pelas empresas nas quais o banco investiu são decorrentes de “movimentos errados”, ou seja, má administração dos próprios recursos;
- elas é que devem arcar com o próprio prejuízo, não o BNDES;
- para liberar dinheiro público à economia, a maneira mais eficiente seria a redução de impostos, o que poderia aumentar o consumo ou resultar em menos demissões;
- o endividamento do Tesouro para capitalizar o BNDES seria um indicativo de descontrole nos gastos públicos.

³⁸ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2009/01/23/tesouro-nao-deveria-se-endividar-para-capitalizar-bndes-155798.asp>>.

Mais uma vez, portanto, a contextualização e análise das implicações dos fatos econômicos são priorizadas em detrimento do tratamento estético da narratividade. Vale notar ainda, no caso dessa postagem, uma característica já citada do jornalismo on-line: a interação com outros conteúdos, inclusive, como nesse caso, em outro formato (áudio) e em outro veículo, embora associado, deve-se lembrar, ao mesmo grupo de comunicação.

Há uma narração e o texto conta fatos ocorridos que são de interesse jornalístico. Mas não há um valor estético especial nessa narração. É claro que tal estética narrativa poderia ser buscada, mas isso não acontece. Podemos conjecturar que a pressão do tempo, sempre presente no jornalismo – e mais ainda no jornalismo on-line – conspira para relegar a preocupação com a estética da linguagem para um segundo plano.

3.7. Interpretatividade

Os dois textos acima apresentados servem para ilustrar a pouca relevância que o jornalismo econômico dá ao valor estético da forma como a mensagem é apresentada e como ele se preocupa em apresentar uma interpretação que contextualize para o leitor/interlocutor o sentido, as implicações do que foi narrado. A preocupação maior é com a interpretatividade – ou seja, não apenas com a explicação, mas com a relação que aquilo que é explicado tem com (ou com o impacto que porventura venha a ter para) a vida o leitor/interlocutor.

É claro que esse apelo à concisão e à explicação não é exclusividade do jornalismo econômico, mas é nele que se caracteriza com mais premência devido à complexidade da temática econômica em comparação, por exemplo, com a factualidade das notícias policiais, a maior leveza do jornalismo cultural, ou a superficialidade das histórias sobre celebridades.

O jornalismo econômico não vive sem as características acima citadas. Para ele, interpretar e explicar os fatos econômicos significa apontar tendências, sugerir problemas ou oportunidades, esclarecer relações de causa e efeito não imediatamente perceptíveis à primeira vista ou ao olhar do leigo. Ou seja, ele está intimamente ligado a

uma das expectativas de seu público, ainda que esta muitas vezes não se concretize: elencar possibilidades em relação aos fatos econômicos e assim ajudar a embasar decisões a serem tomadas.

3.8. Crônica e jornalismo econômico

A crônica é, de acordo com Bulhões, um gênero tanto jornalístico quanto literário (2007, p. 47). Um híbrido, portanto. Seria o gênero no qual então encontraríamos um meio termo entre o tratamento da linguagem verbal como fim, que caracteriza o fazer literário, e o tratamento dela como meio, característica do jornalismo. É o espaço onde, por um lado, o jornalismo se despe de suas formalidades, mas, por outro o escritor perde algo de sua aura:

Sob a guarida financeira de um estabelecimento jornalístico, uma casa comercial como qualquer outra, o escritor-cronista faz parte da dinâmica do sistema produtivo. Com isso, pode perder um pouco a aura que o emoldura como um ser “especial”, com algo de louco, santo ou visionário, em contato com as estrelas. Ele integra a agitação e a urgência comerciais das grandes cidades. De fato, na modernidade o cronista é familiar ao ambiente da redação jornalística, e pode ter preferência por lá estar: situar-se no espaço tumultuado da produção de um jornal, sentir o clima em que se agitam repórteres, diagramadores, diretores, focas, articulistas, revisores. O jornal é uma máquina a ser colocada em movimento a cada dia e o cronista ali comparece para escrever um texto com prazo de entrega e espaço delimitado (BULHÕES, 2007, p. 49).

Se a crônica é um gênero também jornalístico, há espaço para ela no jornalismo econômico? A resposta é sim, mas com algumas importantes ressalvas, abaixo expostas, que devem ser levadas em consideração.

Embora seja mais fácil delimitar, por exemplo, como crônica esportiva aquela cujo assunto é o futebol, ou que pelo menos o tome como mote para daí deixar-se levar descompromissadamente por associações entre este esporte e outras temáticas abordadas pelo cronista; ou como crônica política aquela que se ocupa dos políticos ou de acontecimentos ligados à política, mesmo que daí faça digressões para outras direções; uma crônica econômica nem sempre seria tão facilmente delimitável como tal.

O mais provável é que não fosse percebida como “crônica econômica”, mas simplesmente como crônica do cotidiano, não diretamente associada a questões

econômicas. Mas, para esclarecer esse ponto, vamos nos aprofundar um pouco mais do próprio conceito de crônica.

Em seu livro *Crônica: a arte do útil e do fútil*, Wellington Pereira adota o critério interessante, mas ao mesmo tempo um tanto polêmico, de conceituar a crônica ao longo do tempo, no Brasil, a partir não só de análises teóricas a respeito das obras que compõem essa categoria textual, mas de proposições sobre o que ela vem a ser na visão de dois grandes escritores: Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. Seja como for, já no fim do livro, Pereira apresenta sua própria definição da crônica:

Definimos a crônica no espaço jornalístico como uma narrativa que tem independência estética e pode inscrever várias linguagens em seu espaço gráfico, não se limitando apenas aos preceitos da literatura ou do jornalismo (PEREIRA, 2004, p. 170).

Curiosamente, Bulhões também busca referência em um escritor, no seu caso Mário de Andrade, para caracterizar a crônica:

Informalidade, despojamento, despreensão, humor, irreverência, eis algumas marcas cronísticas que buscam levar prazer. O modernista Mário de Andrade chega a falar em leviandade, identificando tal comportamento como algo representativo da crônica. Ou, pelo menos, das crônicas que ele escreveu (BULHÕES, 2007, p. 60).

Mas seja como um fazer textual que extrapola as fronteiras tanto dos preceitos da literatura quanto os do jornalismo, na proposição de Pereira, seja como um espaço de alívio momentâneo do peso do “hard news”, em que se prima pelo despojamento e descompromisso, na visão de Bulhões, a verdade é que tais características da crônica não se observam no corpus de análise deste trabalho ou no blog de Miriam Leitão na totalidade de suas postagens anteriores e posteriores ao período estudado.

Indo mais além, podemos mesmo afirmar que, na verdade, simplesmente não há, pelo menos até o momento, uma tradição que ligue o jornalismo de economia à prática da crônica descompromissada e descontraída, que trate, com humor e ironia, das temáticas típicas desse fazer jornalístico.

Muito pelo contrário, não se observam essas características nem em textos sobre temas econômicos de jornalistas conhecidos que poderiam ser associados à crônica, como Joelmir Beting ou Luis Nassif. O primeiro é famoso por utilizar metáforas da vida

cotidiana para explicar fatos econômicos, não raro com traços de humor e ironia (que afinal são características comuns em um cronista). O segundo é fértil produtor não apenas de textos sobre economia, mas também de crônicas nos termos expostos por Pereira e Bulhões.

Em seu site joelmirbeting.com.br, o jornalista Joelmir Beting tem um espaço denominado “botocúndia s.a.: tragicomédia da economia”. A julgar pelo nome dessa seção e pela foto que a ilustra, o jornalista fazendo pose com uma máscara de teatro em uma das mãos, poder-se-ia imaginar que se trata de um espaço mais lúdico, sem lugar para a formalidade, com textos mais ao estilo de crônica na concepção apresentada por Bulhões. Mas não é o que acontece.

Em postagem de 21 de janeiro de 2009, por exemplo, ao tratar da forma como a crise econômica internacional iniciada no ano anterior atingiu a Islândia, um dos países mais afetados da Europa, a abordagem de Joelmir Beting não foge à típica formalidade do jornalismo econômico:

O governo do primeiro-ministro islandês, Geir Haarde, anunciou sua renúncia em bloco, em consequência da crise econômica, que teve na Islândia uma de suas primeiras vítimas. A principal estrela do país, a cantora Björk, criou um fundo, Audir Capital, para recuperar a economia, onde a dívida bancária equivale a nove PIBs.

A própria Björk aplicou os US\$ 790 mil iniciais do fundo, que deve somar US\$ 1,2 milhão até março. A Islândia, ilha do norte da Europa com 320 mil habitantes, tinha na pesca sua maior fonte de riqueza, mas tornou-se, nos últimos anos, um paraíso fiscal e de alavancagem financeira e não resistiu aos primeiros impactos da crise financeira internacional³⁹.

Ou seja, não se nota no fragmento sequer traços da ironia que caracteriza o jornalista em seus comentários para a televisão.

Comedimento similar, ou até maior, pode ser observado nos textos de Luis Nassif. Para começar, em seu site advivo.com.br, ele toma o cuidado de separar as postagens (que não são só suas) em categorias, de forma que as referentes a economia estão separadas das que ele denomina “cultura”. E nesta categoria, uma das subcategorias é justamente chamada “crônica”. De fato, não há lá textos relativos à

³⁹ Disponível em: <<http://www.joelmirbeting.com.br/noticiadetalhe.aspx?IdNews=31493&IdGnews=8>>

economia; e os que são do próprio Luis Nassif têm tom memorialista e literário, como uma crônica postada em 14 de agosto de 2011 sobre seu pai⁴⁰.

Já na categoria “economia”, uma das subcategorias (há doze, incluindo “matemática financeira” e “bioenergia”) chama-se “crise”, mas o que Nassif nela apresenta é um apanhado de textos de vários autores e websites diferentes sobre a crise econômica iniciada em 2008.

Finalmente vejamos abaixo um trecho de crônica, com as características típicas de despojamento e descompromisso, que fala especificamente da crise econômica e de como ela afeta o Brasil, refletindo os acontecimentos da época que apareciam nos noticiários da mídia impressa e on-line.

O Brasil não tá em crise! Olha o outdoor em Fortaleza: "Comece o ano com o pé direito... na bunda da crise". É que o Lula mandou gastar. Por isso que o site Comentando lançou um novo filme: "MANDAGASTAR 2". Com Lulalélé, Dilmão e Guido Manteiga. Aliás, o Brasil tá em crise: o rei Momo agora só pesa 90 quilos. Tiraram dez quilos do rei Momo. É o corte de verba do Kaxab! Esse país é muito louco: o rei Momo é saradão e o maior atacante de futebol é gordão. O rei Momo é saradão e o Fenômeno é gordão⁴¹.

Analisando o conteúdo do trecho apresentado, de José Simão para a Folha de São Paulo, não há dúvida de que ele faz referência à crise econômica mundial que, agravada no final do ano anterior, pairava como ameaça ao desempenho econômico do ano que se iniciava (2009). Faz referência inclusive à estratégia indicada na época pelo governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva para diminuir os impactos da crise: a população deveria consumir, ou não parar de consumir, para que a economia brasileira não perdesse força, mantendo o equilíbrio graças ao mercado interno.

Com seu jeito próprio de escrever, o cronista José Simão ironiza tal estratégia, citando inclusive, e igualmente de forma irônica, a então ministra chefe da Casa Civil Dilma Rousseff e o próprio ministro da economia Guido Mantega. Apesar de tudo isso, estaríamos diante de uma crônica tipicamente econômica?

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-olhar-de-meu-pai-0>>

⁴¹ “Socuerro! O Brasil tá muito louco!”, publicado na Folha de S. Paulo de 11 de janeiro de 2009. Em: <<http://acervo.folha.com.br>>

Ainda no mesmo parágrafo citado, José Simão indica que não ao mudar o foco da economia para o carnaval e o futebol. Em relação a estes, ele também fala de questões que eram de atenção na mídia naquele momento: a escolha de um rei Momo que não era gordo para o carnaval paulista em contraste com a forma rotunda do então atacante corintiano Ronaldo. Fica claro, portanto, que Simão faz na verdade uma crônica de cotidiano. Temos então o exemplo de um cronista que se reporta de forma descompromissada ao noticiário do momento, misturando política, economia e entretenimento em um mesmo parágrafo.

Não se trata, fica claro, de uma crônica especificamente econômica. Tanto é assim que ao trecho acima citado podem ser aplicadas mesmas observações feitas por Bulhões a outra crônica de Simão cujo conteúdo é totalmente diferente e não faz qualquer referência à economia:

José Simão é cronista porque acolhe o noticioso para transfigurá-lo radicalmente. Ele realiza um movimento de transgressão de sentido manejando um material noticioso. Tira proveito humorístico dos acontecimentos sisudos, parodiando-os, deformando-os grotescamente, quase em atitude surrealista, explorando efeitos por emio de recursos fônicos, numa espécie de jogo infantil e insólito, às vezes com o uso de trocadilhos, chegando à beira da crise de significado. Com ele, atinge-se o despojamento em máxima altitude, no caminho da irreverência (BULHÕES, 2007, p. 59).

Portanto, pode-se concluir que, se por um lado nada impede a produção de crônicas a partir do noticiário econômico, tampouco se pode dizer que esta é uma prática corriqueira, pois:

- a) os jornalistas econômicos, talvez ciosos da própria reputação de seriedade e credibilidade junto ao público, afastam-se do despojamento típico da crônica ao falar de economia; e
- b) de tal forma o noticiário econômico se mistura ao político, ao cotidiano e outros discursos noticiosos no dia-a-dia da imprensa que, mesmo quando abordados como crônica, os temas econômicos não chegam a ser o único ou principal foco do cronista.

3.9. Em outras bases

Assim, a questão dos gêneros no jornalismo econômico deve ser analisada em outras bases, que não as das divisões tradicionais em que os gêneros literários são analisados e nem como um híbrido entre o literário e o jornalístico, como no caso da crônica. E é a Bakhtin que se pode recorrer para extrair algumas alternativas teóricas para tal análise.

A respeito dos gêneros na literatura, diz Bakhtin:

[Os gêneros literários], tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais contudo têm em comum a natureza verbal (linguística) (BAKHTIN, 2000, p. 280).

De acordo com ele:

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica (BAKHTIN, 2000, p. 281).

Uma primeira etapa então é situar os conteúdos do jornalismo, e consequentemente do jornalismo econômico, no gênero secundário ou complexo do discurso, diferenciando-o do gênero primário (a linguagem oral, familiar, social, de reuniões etc., conforme exemplo do próprio Bakhtin). Mas é importante levar em conta que, segundo ele, os gêneros se relacionam, o que gera o processo de formação dos gêneros secundários e esclarece a natureza dos enunciados.

É a partir de tal dinâmica do processo histórico de construção da língua, que envolverá também os processos de visão de mundo e de posturas ideológicas, que pode ser analisado o discurso jornalístico econômico enquanto gênero, e não apenas com base em classificações ligadas a gêneros estéticos e literários, nos quais tal discurso não pode, dadas as particularidades de sua constituição, conforme acima demonstrado, enquadrar-se com facilidade e sem ressalvas.

Mais à frente em seu texto sobre gêneros, afirma Bakhtin:

Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado. As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2000, p. 326).

Assim, aplicando o raciocínio do autor, é essa diversidade de “formas típicas de dirigir-se a alguém” que delineará a diversidade das formas discursivas no jornalismo econômico, uma vez que a diversidade de formas de manifestação (os diferentes estilos, por assim dizer) desse tipo de jornalismo, variações tanto em termos cronológicos quanto em termos da mídia em que é veiculado, estão relacionadas principalmente à “variável” público a que se dirige, ou seja, com o destinatário pretendido ou imaginado.

E aqui é relevante ter em mente que, no caso do jornalismo on-line, esse destinatário é potencializado como interlocutor, pois, em comparação com o meio impresso, tem à disposição mais ferramentas para se fazer ouvir – e não só pelo locutor/jornalista, mas também por outros destinatários/interlocutores.

Referindo-se à literatura, Bakhtin afirma que a concepção que o locutor/escritor faz de seu destinatário é de grande importância, pois cada movimento (gênero) literário e cada época têm sua própria concepção e compreensão do destinatário pressuposto da obra (p. 325). Ou seja, o gênero dependerá da concepção e da percepção que o autor tem de seus leitores/destinatários e de como ele decide dirigir-se a ele. É essa relação que determinará as características do gênero do discurso.

O mesmo princípio acima exposto pode ser aplicado ao jornalismo econômico. Ele não apresenta por si só um conjunto de características cristalizadas que surgiram dentro de seu próprio discurso e à revelia de seu público. Muito pelo contrário, suas características têm como base sua relação com o leitor/destinatário, com seu interlocutor, com as formas pelas quais o jornalista/locutor opta por se comunicar com ele por achar tais formas mais eficazes, além é claro do apego às formas já consagradas dessa relação. É dessa relação dinâmica que nascem o que se pode chamar de nuances de gênero no jornalismo econômico.

Vejamos, por exemplo, a postagem abaixo, intitulada “BC atua para combater diminuição do crédito”, publicada por Miriam Leitão em 24 de setembro de 2008:

A decisão que o Banco Central acabou de baixar (leiam aqui) mostra que o BC está atento ao que está acontecendo no mercado de crédito brasileiro desde a semana passada: uma forte redução da oferta de dinheiro.

Por isso, o Banco Central está usando a ferramenta clássica: reduzindo compulsório, reduzindo as exibilidades e aumentando o dinheiro livre para oferta de empréstimo por parte do banco. Uma parte de todo o dinheiro depositado no banco, seja na conta corrente, seja nas aplicações, tem que ser recolhida ao Banco Central; outra parte tem que ser aplicada em coisas específicas, como agricultura e construção civil, as chamadas "exibilidades".

O que o Banco Central fez nesta resolução foi aumentar a parcela livre das exibilidades e adiar o recolhimento que recairia sobre as empresas de arrendamento mercantil. Em poucas palavras, o BC quer irrigar mais o mercado de crédito, que deu uma travada na semana passada.

São efeitos da crise americana no Brasil⁴².

O que é apresentado acima no discurso da jornalista tem sinais da relação que ela estabelece com seu público leitor/interlocutor, sendo possível, com base na postagem, imaginar até mesmo um perfil presumido desse público. Daí a opção por, logo após citadas palavras técnicas do vocabulário econômico, como “compulsório” e “exigibilidade”, explicar o que significam tais termos: parte recolhida ao Banco Central do dinheiro depositado pelos clientes no banco em contas correntes ou aplicações no caso do primeiro; e parte que deve ser aplicada em “em coisas específicas, como agricultura e construção civil” no caso do segundo termo.

Conforme observa Bakhtin:

A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e sobretudo o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero (BAKHTIN, 2000, p. 321).

Assim, a opção por explicar os movimentos do Banco Central com palavras mais facilmente assimiláveis pelo leitor – “irrigar mais o mercado de crédito”, que dera “uma travada” na semana anterior – indicam que a jornalista busca fazer o que

⁴² Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/09/24/bc-atua-para-combater-diminuicao-do-credito-128171.asp>>

tradicionalmente se espera de um jornalista econômico: falar, de uma forma que o leitor entenda, as motivações para os acontecimentos econômicos.

No caso de Miriam Leitão, assim como de outros jornalistas econômicos que também atuam na internet e não foram objeto de análise direta neste trabalho, pode-se argumentar que seu trabalho pode ser caracterizado mais como de colunista do que de cronista. Com relação a isso, basta lembrar que:

- a) na versão impressa de “O Globo”, Miriam Leitão atua justamente como colunista; e
- b) no blog, ela costuma reproduzir integralmente o teor dos textos de suas colunas impressas.

E aqui podemos considerar o colunista como alguém que, tanto quanto o cronista, tem o olhar atento em relação ao cotidiano retratado nos espaços reservados ao noticiário factual nos veículos de comunicação, mas com objetivo diferente. Sem o despojamento e descompromisso do cronista, o colunista, e em especial o que escreve sobre economia, tem uma abordagem mais sóbria, convidando o leitor não a “relaxar”, mas a raciocinar.

Mas embora tenham objetivos diferentes, talvez mesmo opostos, levando em conta o caráter racionalista da coluna econômica, tanto a crônica quanto a coluna moldam-se como gêneros textuais a partir da relação dialógica com o leitor, da dinâmica entre a concepção que quem as elabora tem do destinatário e da expectativa presumida de suas reações ou de suas necessidades.

Considerações finais

Como defende Norberto Bobbio, a dicotomia entre posições de direita ou de esquerda em relação à visão que se tem da vida social tanto em nível local quanto global ainda é válida e vigorosa. É uma forma de afirmar-se frente à realidade e de se relacionar com o mundo por quem reflete sobre o que se passa à sua volta ou sobre o que lhe é apresentado via veículos de comunicação.

Porém, especialmente na prática de misteres como o jornalismo, e principalmente o jornalismo econômico, e também na produção de conhecimento epistemológico sobre a comunicação, é importante tentar o esforço de sair do relativo conforto de perspectivas ideológicas já assumidas e cristalizadas e buscar ver além da angulação que a elas submetem a leitura do real.

Como escreveu o pensador húngaro István Mészáros, o discurso ideológico domina a determinação de nossos valores de tal forma que com frequência nem chegamos a suspeitar que fomos levados a aceitar, sem questionar, um certo conjunto de valores ao qual poderíamos apresentar uma oposição, um ponto-de-vista alternativo bem fundamentado (MÉSZÁROS, 2004, p. 58). Ao dizer isso, ele se referia ao que chama de sociedades capitalistas liberais e conservadoras do ocidente. O mesmo argumento, porém, pode ser usado também quando falamos da produção de conteúdos em comunicação e da produção de teorias e reflexões sobre essa produção.

Assim, não é de estranhar que a pesquisa bibliográfica para este trabalho tenha mostrado que a avaliação da produção de jornalismo econômico nos veículos de comunicação depende muito dos pressupostos ideológicos de quem se dispõe a analisá-la. Não teria cabimento postular aqui a não adoção de qualquer posição ideológica, mas problemas podem surgir quando se verifica um excesso de consensos ideológicos e quando posições alternativas bem fundamentadas, conforme fala Mészáros, encontram dificuldade para emergir e se estabelecer.

E pode ser ainda pior quando pressupostos muito disseminados criam “certezas” que, de tão repetidas, dificilmente têm a oportunidade de ser objetos de questionamento.

A suposição de que a linguagem do jornalismo econômico é por si só um fator suficiente para afastar uma considerável parte de seu público potencial das notícias e das coberturas econômicas dos veículos de comunicação é uma dessas certezas a julgar pelos textos analisados na produção deste trabalho.

Embora possa ser difícil pensar assim para quem faz jornalismo econômico ou escreve sobre ele, uma reflexão que se propõe aqui, conforme explanado no capítulo 2, é a de que o despertar do interesse pela cobertura econômica midiática por parte do público que a ignora não depende principalmente – e muito menos somente – do próprio jornalismo.

Proposta a reflexão acima, é válido ponderar que o despertar de um maior interesse pelo jornalismo voltado à economia dependerá então muito mais da dinâmica das relações de produção no âmbito da sociedade do que do próprio jornalismo. O jornalismo econômico de maneira específica e a circulação de informações de uma forma mais geral são parte dessas complexas relações de produção e consumo, criação e apropriação, de lutas por espaços de poder e de troca de interesses, enfim do vasto conjunto das relações sociais. Mas, no caso do jornalismo econômico, trata-se de um componente com capacidade relativamente baixa de protagonismo.

É difícil imaginar que ele venha a ser determinante a ponto de, com mudanças ainda que eficazes na forma como é veiculado nos diversos canais midiáticos, promover um grande despertar das massas pelas relações econômicas nas quais atuam de forma ativa ou passiva. Talvez ocorra justamente o contrário. A dinâmica das relações econômicas pode vir a fazer com que o interesse pelo jornalismo econômico cresça ou permaneça nos mesmos níveis já alcançados.

E é provável também que um eventual crescimento do interesse pelas notícias de economia dê-se de forma independente do uso ou abandono de seus termos mais técnicos e singulares. Como no caso da informática, citado no capítulo 2, se houver necessidade de aprendizado ou interesse massivo pelo tema, as palavras incomuns, os termos em língua estrangeira e os neologismos acabam por se incorporar ao vocabulário de quem entra em contato com eles.

Quanto ao o blog de jornalismo econômico de Miriam Leitão, considera-se que cumpriu com os objetivos de informar adequadamente o leitor (que no caso do jornalismo on-line é cada vez mais um interlocutor midiático) sobre temas referentes à economia e aconselhá-lo sobre o melhor ou o “menos pior” caminho a seguir em relação a determinado problema ou situação em que precise ou deseje tomar decisões em relação à sua vida financeira.

Não há, pelo menos no período avaliado, de agosto de 2008 a janeiro de 2009, previsões visionárias ou “exercícios de futurologia” nas postagens sobre o que se descortinaria no futuro imediato da semana ou do mês seguinte. Em vez de revelações bombásticas, há análises de dados, projeções sobre desdobramentos econômicos e sociais com base em dados e em fatos econômicos e sugestões sobre tomadas de decisão aos interessados⁴³.

Quanto ao jornalismo praticado on-line, inclusive o econômico, vale ainda a consideração de que algumas particularidades o favorecem. Sem níveis de custo equiparáveis aos de meios como a televisão ou o impresso, e portanto sem pressões equivalentes como demanda por mais público, o que significaria a necessidade de um discurso acessível a um público mais amplo, ele tem mais liberdade para experimentações.

Embora haja livros com dicas sobre como escrever jornalismo econômico, eles têm como pressuposto a busca pela clareza de um discurso voltado à média do público leitor⁴⁴. Mas o jornalismo on-line não precisa necessariamente assumir tal pressuposto. E isso tem reflexos em sua linguagem vista como gênero textual, pois como tal ele se torna mais instável.

⁴³ Um exemplo disso é a postagem de 31 de agosto de 2008 sobre dados macroeconômicos e demográficos relativos aos chamados BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), em que Míriam Leitão e Débora Thomé sugerem a necessidade de um sistema de previdência que funcione e incentive as pessoas a poupar, de forma a contrabalançar o aumento do número de idosos previsto para as décadas seguintes nesses países. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/31/a-forca-da-gente-123312.asp>>.

⁴⁴ Esse é o caso, por exemplo, das obras de Sidnei Basile (2002) e Suely Caldas (2008), analisadas para produção deste trabalho.

Se não há um conjunto mínimo de características comuns à produção em jornalismo econômico para caracterizá-lo como gênero no sentido literário do termo, menos ainda é o caso para o jornalismo econômico on-line. Há diversidade de estilos entre autores até mesmo quando compartilham um mesmo espaço. Um bom exemplo disso é a diferença entre o texto mais técnico de Alvaro Gribel em comparação com a redação mais “amigável” de Míriam Leitão no mesmo blog.

Há ainda as diferenças básicas explicadas no capítulo 3. Para a literatura, por mais objetivos, econômicos nas adjetivações e diretos na construção textual que alguns escritores porventura sejam, a questão da busca pela estética possui grande relevância. Para o jornalismo em geral e para o jornalismo econômico em particular, conforme demonstrado, tal busca é acessória.

E ainda que a narratividade seja um ponto em comum entre a literatura e o jornalismo, ela não tem a mesma importância para jornalismo econômico, mais apegado à explicação, à interpretatividade, ou seja, a discutir as implicações do que foi narrado (os fatos econômicos) para a vida do leitor.

Para Bakhtin, a variedade dos gêneros do discurso é infinita, pois diz respeito à variedade das atividades humanas, que é potencialmente inesgotável. E cada esfera de atividade, por sua vez, engloba um repertório de gêneros do discurso que se diferencia e amplia-se à medida que sua esfera se desenvolve (BAKHTIN, 2000, p. 279). Portanto, aplicando esse raciocínio à produção do jornalismo econômico, temos que ele está relacionado às relações econômicas entre as pessoas na sociedade e estas determinam as condições em que ele é produzido. E é nessa dinâmica que ele vai constituindo-se como gênero.

Assim, pode-se concluir que o jornalismo econômico é mais determinado do que determinante da relação que as pessoas têm com os fatos e fenômenos econômicos. Ele é um dos instrumentos dessa relação, pois quem faz uso dele deseja entender e posicionar-se em relação a esses fatos e fenômenos. Mas a forma como o jornalismo econômico será lido e o nível de interesse que despertará nos leitores dependerão mais da relação dos leitores com a economia do que de sua linguagem ou da forma como os temas são tratados.

Em outras palavras, pode-se dizer que o jornalismo econômico faz parte da dinâmica das relações econômicas na sociedade, é um de seus instrumentos, mas não tem papel protagonista a ponto de determinar a forma como essas relações acontecem.

Referências bibliográficas

AMARAL, A.; RECUERO, R. & MONTARDO, S. P. Blogs: mapeando um objeto. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, NO GT HISTÓRIA DA MÍDIA DIGITAL, 6., 2008, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/AmaralMontardoRecuero.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2011.

AZEVEDO, Reinaldo. **Assim não, Miriam Leitão!**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/assim-nao-miriam-leitao/>>. Acesso em 20 nov. 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, Antonio & DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BASILE, Sidnei. **Elementos de jornalismo econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

BOBBIO et al. **Dicionário de ciência política**. 11. ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.

BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CALDAS, Suely. **Jornalismo econômico**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2008.

CADERMATORI, Lúcia. **Períodos literários**. São Paulo: Ática, 1985.

CAFEIO, Reinaldo. **Jornalismo econômico: análise dos editoriais da Folha de São Paulo**. Bauru, 2002. Número de páginas 143. Mestrado em comunicação e poéticas visuais. Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação, UNESP.

COLUMBIA UNIVERSITY. **Journalism School Announces 2005 Maria Moors Cabot Prize-Winners**. Disponível em: <<http://www.columbia.edu/cu/news/05/06/cabot.html>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

DOCTOR, Ken. **Newsonomics**: doze novas tendências que moldarão as notícias e o seu impacto na economia mundial. São Paulo: Cultrix, 2011.

DONOS de casa desesperados. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/011008/p_084.shtml>. Acesso em 20 ago. 2011.

DUARTE, J. & BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

EGYPT Erupts in Jubilation as Mubarak Steps Down. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/02/12/world/middleeast/12egypt.html>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

FEIJÓ, Ricardo. **Economia e filosofia na Escola Austríaca**: Menger, Mises e Hayek. São Paulo: Nobel, 2000.

FERRARA, Lucrécia. Por uma cultura epistemológica da comunicação. In: CAPPARELLI S., S. SODRÉ M. SQUIRRA S. (orgs.). **A comunicação revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

FRANCISCO, Kárita Cristina. Barreiras na produção de conhecimento pelo jornalismo econômico. In: **Estudos de Jornalismo e mídia**, vol. III, n. 2, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GREECE's sovereign-debt crunch: A very European crisis. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/15452594>>. Acesso em: 20 set. 2011.

HAYEK, Friedrich. **Economics and Knowledge**: presidential address delivered before the London Economic Club. Disponível em: <http://www.logoslibrary.eu/document.php?document_id=56887&code_language=EN>. Acesso em: 30 mar. 2011.

HEILBRONER, Robert. **A história do pensamento econômico**. São Paulo: Ed. Abril, 1996.

JACOBINI, Maria Lúcia de Paiva. O jornalismo econômico e a concepção de mercado: uma análise de conteúdo dos cadernos de economia da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. In: **Brazilian Journalism Research** (versão em português), vol. 1, número 1, 2 de set 2008.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo econômico**. 3. ed., São Paulo: Edusp, 2007.

LAGO, Cláudia & BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

LEITÃO, Míriam. **Saga Brasileira**: a longa luta de um povo por sua moeda. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LENE, Hérica. O consumo como agente modificador da imprensa econômica no final do século XX: rumo a um “jornalismo pedagógico”. In: ENCONTRO DO NÚCLEO DE PESQUISA DA INTERCOM, 5., 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/.../R0636-1.pdf>. Acesso em 30 jun. 2011.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação**. 6. Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo, Atlas: 2010.

MARTINO, Luís. “Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo da comunicação”. In: CAPPARELLI S., S. SODRÉ M. SQUIRRA S. (orgs.). **A comunicação revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARX, Karl. **Kar Marx’s Grundrisse**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/marx/works/1857/grundrisse/>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

NORTE, Diego Braga. **Quem tem medo da economia?**. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11801>> Acesso em: 20 jun. 2011.

PEREIRA, Wellington. **Crônica**: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso. Salvador: Calandra, 2004.

QUINTÃO, Aylê-Salassiê Filgueiras. **O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

RICHARDS, Dan. **The subprime crisis explained**. In: Strategic Imperatives, Oct 27, 2008.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Chang-Sheng, Shu. **Do grande salto para frente à grande fome**: China de 1958-1962. Disponível em: <<http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=199&path%5B%5D=0>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

SILVA, Edna Melo. Vertentes do jornalismo econômico no telejornalismo brasileiro: as colunas de Míriam Leitão e Joelmir Beting. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 8., 2010, São Luís. **Comunicações livres...** São Luís, 2010. Disponível em: <http://www.sbpjor.org.br/8encontro/?page_id=232>. Acesso em: 10 mar. 2011.

TORRES, E. & BORÇA JR., G. Analisando a crise do subprime. In: **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 30, p. 129-159, dez. 2008.

ANEXOS

RELAÇÃO DE POSTAGENS DO BLOG DE MÍRIAM LEITÃO USADAS NO TRABALHO

ANEXO A – Bancos precisam ser fiscalizados

Enviado por Míriam Leitão - 16.9.2008

A AIG agora é a bola da vez nos mercados. Ontem, suas ações caíram 60% e as agências de risco rebaixaram sua classificação. Isso significa que a crise está chegando também ao mercado de seguradoras.

Essa contaminação financeira está acontecendo porque muitos bancos e fundos compraram ativos 'contaminados' pelas hipotecas subprime.

Tudo começou assim: as financeiras americanas financiaram a compra de imóveis para pessoas com baixo histórico de crédito. Essa dívida foi reempacotada e misturada com a de pessoas de bom crédito. Esse produto financeiro, o derivativo, foi se espalhando pelo mercado sem que o Fed fizesse nada. Como a economia estava crescendo, ou o Fed não via, ou fingia que não via. Ao mesmo tempo, as agência classificadoras davam aval a esses papéis, dizendo que eles estavam sólidos.

O que estamos vendo nos últimos meses, são esses papéis podres vindo à tona. E como os bancos emprestam muito uns para os outros, fica impossível prever qual o tamanho do buraco. Esses papéis podem estar espalhados pelo mundo e ninguém sabe quanto eles somam.

O que fica claro desde já, é que é preciso mais fiscalização e transparência sobre os bancos. O sistema financeiro mundial terá que ser revisto e estruturado de uma nova forma, para que isso não aconteça novamente. Ouçam [aqui](#) o comentário de hoje pela manhã na CBN.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/09/16/bancos-precisam-ser-fiscalizados-126493.asp>>

ANEXO B – Babá do mercado

Enviado por Míriam Leitão e Leonardo Zanelli - 9.9.2008

As empresas salvas da falência neste fim de semana pelo Tesouro americano têm um tamanho igual a 40% do PIB dos EUA. A chantagem de “grande demais para quebrar” cabe perfeitamente nelas. A operação é uma enorme transferência de renda para os mais ricos, para os credores das dívidas imobiliárias. A operação se enquadra no que o economista americano Dean Baker define como “o Estado babá”.

Ninguém tem dúvidas de que Fannie Mae e Freddie Mac são os dois pilares do sistema financeiro americano, mas elas só chegaram à situação de terem que ser resgatadas com um cheque de US\$ 200 bilhões porque o mercado, o Tesouro e o Fed falharam.

Os bancos burlaram regras prudenciais, aceitando que seus avatares nos mercados de mais riscos assumissem posições inaceitáveis. Os fundos fraudaram a confiança dos investidores maquiando ativos podres com um pouco de papéis bons. As agências de classificação de risco falharam por má-fé ou incompetência quando deram boas classificações a estes papéis híbridos. Fannie Mae e Freddie Mac falharam quando aumentaram sua exposição a todos esses riscos. O Fed e o Tesouro falharam porque não viram a bolha, os riscos e as fraudes. Bom, agora só resta a eles todos saber o que fazer com o discurso conservador (ou liberal, como se diz no Brasil) de que o mercado tem correções para seus próprios erros.

O principal comentarista de economia do Financial Times, Martin Wolf, disse, num vídeo gravado para a edição online do jornal, que essa crise nos EUA é comparável à crise japonesa que durou uma década. Com uma vantagem e uma desvantagem para os Estados Unidos.

A vantagem é que ambas foram detonadas pela queda de valor de ativos, no caso os imóveis, mas no Japão houve uma queda de 70% e nos EUA ainda não se chegou a esse ponto. O estado agiu antes de uma desvalorização maior, ainda que isso não signifique que os preços dos imóveis vão parar de cair. A desvantagem é que o Japão, quando entrou em crise, era um credor líquido, e os EUA são devedores líquidos. “Os Estados Unidos precisam da confiança do mundo para continuar se financiando”, disse Wolf.

Ele acredita que a crise será longa e que haverá percalços no caminho. Sobre a operação deste fim de semana, Wolf disse que era inevitável e que puniu os acionistas das duas empresas. Admite que a operação poupará todos os credores do sistema. Esses credores estão sendo resgatados junto com Fannie Mae e Freddie Mac.

Exatamente este é o ponto: quem emprestou irresponsavelmente, quem foi imprudente, quem se alavancou mais do que devia, quem vendeu papéis podres como se fossem bons, quem avaliou esses papéis podres como bons, errou. Mas não pagará. A conta, de novo, foi para o contribuinte.

O economista Dean Baker, crítico da imprensa de economia nos Estados Unidos, é autor do livro “The Conservative Nanny State. How the wealthy use the government

to stay rich and get richer” (O Estado babá conservador. Como os ricos usam o governo para permanecer ricos e ficar mais ricos). O caso deste fim de semana é um flagrante disso. A tese dele é que, numa economia de mercado, os empreendedores sabem que nem sempre as coisas acontecem como se previu. “Ninguém espera que o governo vá garantir a demanda por um produto ruim, mas, quando são tomadas decisões erradas na concessão de crédito, os conservadores, sim, esperam que o governo vá resgatá-los.” Ou seja, no pequeno negócio, no nível pessoal, se alguém conceder um empréstimo irresponsável terá que ficar com o mico; no grande negócio financeiro, o erro é coberto com o dinheiro dos contribuintes.

Isso desnuda o discurso republicano na corrida à Casa Branca, mas certamente pouca gente vai perceber a contradição. Na convenção, semana passada, a idéia mais repetida foi a de que os republicanos querem um estado menor e menos impostos. Na prática, o governo republicano está estatizando duas enormes empresas do mercado financeiro e aumentando o gasto com o dinheiro do contribuinte, apesar de estar com as contas públicas em total desordem.

Um dos oradores a sustentar a tese ultraliberal de que o Estado só atrapalha foi o candidato derrotado nas primárias Mike Huckabee. Ele chegou a dizer o seguinte:

— Eu sou republicano não porque cresci rico, mas porque não queria ficar o resto da minha vida pobre, esperando que o governo viesse me resgatar.

Pelo que se viu neste domingo, fica confirmado que os muito ricos é que acabam resgatados pelo governo quando se metem em gigantescas encrencas, como a dessa crise no mercado financeiro.

Uma prova de subdesenvolvimento é pacote econômico de fim de semana. Lembra quando era assim no Brasil? Nesta crise, já não é a primeira vez que as autoridades americanas ficam reunidas no fim de semana fazendo pacote.

Este socorro, mesmo enorme, não é o fim da crise. Ela continuará, apesar da comemoração dos mercados ontem. Até o caso das duas garantidoras do mercado imobiliário, Fannie Mae e Freddie Mac, não está encerrado. O problema terá que ser resolvido pelo próximo governo.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/09/09/baba-do-mercado-125181.asp>>

ANEXO C – Crise pode dar alívio ao petróleo até 2011

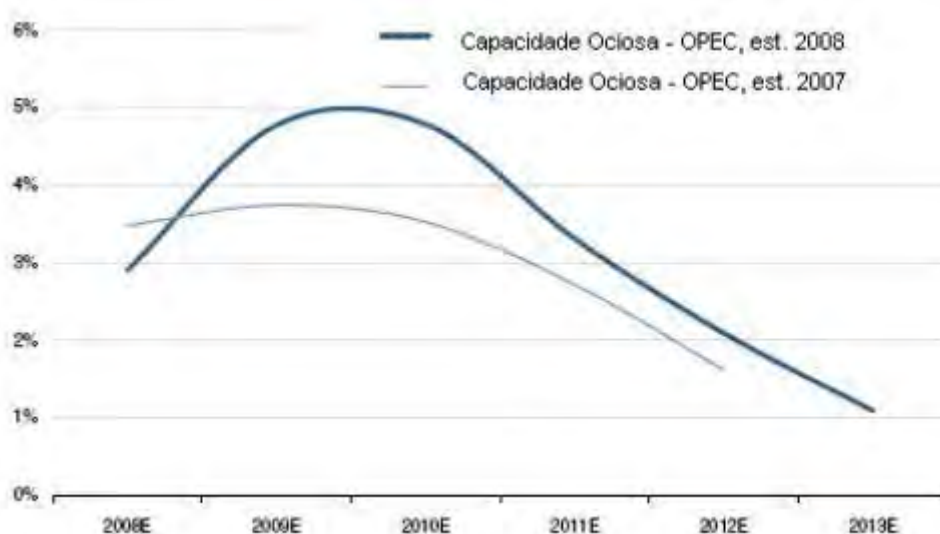
Enviado por Alvaro Gribel - 5.8.2008

Um relatório da International Energy Agency (IEA) indica que os preços do petróleo podem ficar menos pressionados até 2011, para então voltar a ter tendência de alta até 2013.

Isso tudo como resultado do desaquecimento da economia mundial, puxada pela crise americana. Segundo a IEA, nesse primeiro momento haverá crescimento da capacidade ociosa da OPEP (como mostra o gráfico abaixo). Depois, com o mundo voltando a consumir, a capacidade ociosa irá diminuir, até atingir a mínima em 2013.

A IEA coloca razões de mercado (e não especulativas) para a disparada dos preços que vimos nos últimos meses. Eles ressaltam, no entanto, que é preciso um aumento na produção de 3,5 milhões de barris por dia para que a relação demanda e oferta fique equilibrada nos próximos três anos.

O estudo também diz que a demanda global por derivados do petróleo crescerá em média 1,6% ao ano até 2013, aumentando dos atuais 86,9 milhões de barris por dia para 94,1 mil b/d em 2013. Ásia, Oriente Médio e América Latina serão responsáveis por cerca de 90% do aumento da demanda nos próximos 5 anos.



Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/05/crise-pode-dar-alivio-ao-petroleo-ate-2011-118014.asp>>

ANEXO D – Regras de comentários do blog

Enviado por Míriam Leitão - 31.7.2009

O blog da colunista Míriam Leitão mantém um sistema de comentários para estimular a troca de ideias e informações entre seus leitores, além de aprofundar os debates sobre assuntos econômicos, políticos, ambientais e sociais.

Este espaço respeita as opiniões dos leitores, independentemente da corrente ideológica ou divergência de ideias.

Mas o blog tem regras de conduta que devem ser respeitadas e que consideram princípios de moralidade, ética e bons costumes.

Este blog não aceita comentários que:

- a) Contenham cunho racistas, discriminatórios ou ofensivos de qualquer natureza contra pessoas e instituições;
- b) Configurem qualquer outro tipo de crime de acordo com a legislação do país;
- c) Reúnam informações de natureza pessoal (e-mail, endereço, telefone etc) do próprio ou de terceiros;
- d) Tenham cunho comercial ou de propaganda.

Não cumpridas essas regras, o blog reserva-se o direito de excluir o comentário sem aviso prévio. O leitor que insistir em desrespeitar essas regras será bloqueado do nosso sistema de comentários.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2009/07/31/regras-de-comentarios-do-blog-210047.asp>>

ANEXO E – Obama: cenas nunca vistas

Enviado por Míriam Leitão - 29.8.2008

Até os jornalistas admitiam: nunca tinham visto isso na história daquele país. Nunca tinham visto uma convenção tão grande, uma multidão tão impressionante numa reunião política. Também nunca viram um negro chegar tão longe.

O discurso de Barack Obama não decepcionou a multidão de democratas, porque ela estava ali para beber cada palavra dele. Mas mesmo sabendo que aquela fosse a sua platéia, já preparada para aplaudir é preciso admitir: ele fez um grande discurso.

Focou no objetivo principal, criticar o governo, criticar John McCain, oferecer seu programa. Quis também combater a idéia difundida pelos republicanos de que eles têm monopólio da defesa do país. Para dizer aquilo que os americanos mais gostam: "Serei melhor comandante em chefe". Fez a promessa que os americanos querem ouvir neste momento de crise econômica, de fortalecer a classe média, cortando seus impostos. Depois no momento mais importante homenageou o dia histórico em que Martin Luther King declarou diante de uma multidão que tinha o sonho da superação da divisão racial.

Fez um discurso com senso de História: nós nos encontramos num daqueles momentos decisivos - um momento em que nossa nação está em guerra, nossa economia em terremoto e as promessas americanas estão sendo ameaçadas uma vez mais. No começo da campanha ele falava como se fosse possível ser candidato dos democratas e dos republicanos ao mesmo tempo. Mas neste discurso ele era definitivamente um democrata contra um republicano.

Foi uma festa bonita, com boa música, mas principalmente política com emoção e senso de História.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/29/obama-cenas-nunca-vistas-123070.asp>>

ANEXO F – Queda nas commodities e crescimento brasileiro

Enviado por Alvaro Gribel - 19.8.2008

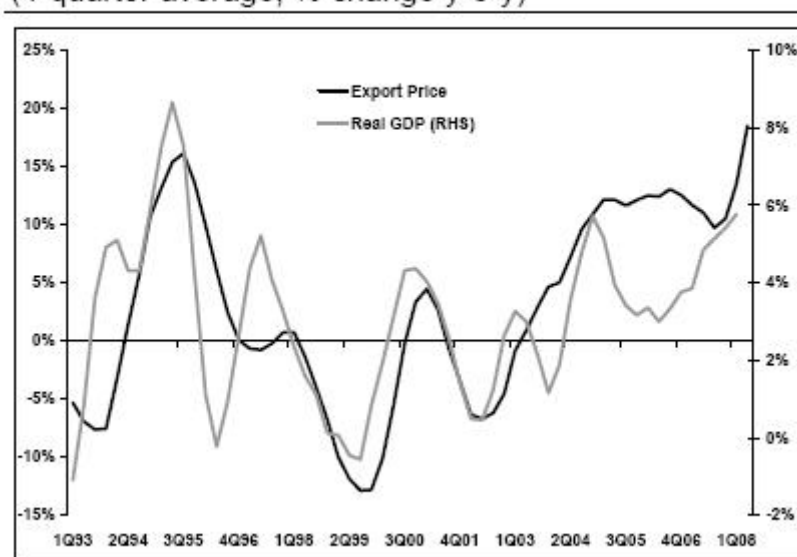
A queda no preço das commodities é ótima para a inflação, mas também é um problema para a balança comercial. Ao mesmo tempo em que ajuda a derrubar os preços dos alimentos e também de energia, a redução no preço faz com que o volume financeiro das exportações seja reduzido, já que o Brasil é um grande exportador de commodities agrícolas e minerais.

Segundo estudo da Morgan Stanley, se a queda persistir nos próximos meses, o Brasil poderá sofrer uma redução na taxa de crescimento. O banco de investimentos afirma que a correlação entre exportações e crescimento do PIB é muito mais forte do que se imagina.

O gráfico abaixo dá uma boa idéia da correlação entre exportações brasileiras e taxa de crescimento. Reparem que as curvas estão sempre seguindo a mesma tendência. Nos últimos anos, as commodities dispararam, e não por acaso, segundo o banco, o crescimento do Brasil tem sido elevado. Agora, este "paraíso" estaria ameaçado.

Exhibit 4

Brazil: Export Prices vs. Real GDP Growth (4-quarter average, % change y-o-y)



Source: BCB, Funcex, Morgan Stanley Latam Economics

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/19/queda-nas-commodities-crescimento-brasileiro-121111.asp>>

ANEXO G – Fim dos descolados

Enviado por Míriam Leitão e Débora Thomé - 17.8.2008

A tese dourada do mercado financeiro no ano passado, que ainda tem defensores, é a do descolamento: o mundo continuaria crescendo a despeito da crise americana. A tese acaba de sofrer mais um duro golpe. A Europa e o Japão encolheram no segundo trimestre, e a inflação subiu nos Estados Unidos. O que continua válido é que um dos piores desafios é enfrentar, ao mesmo tempo, os riscos de inflação e recessão.

O encolhimento simultâneo dos 15 países da Zona do Euro foi numa proporção que não tinha acontecido desde a entrada da nova moeda em circulação, em 1999. O Japão encolheu forte de abril a junho, 0,6% em comparação com o primeiro trimestre, e 2,4% em relação a um ano antes. Os Estados Unidos estão com a pior inflação em 17 anos: 5,6% em julho contra o mesmo mês do ano passado.

O PIB ficou negativo no segundo trimestre em todos os grandes países da Europa — Alemanha, França, Itália — entre 0,3% e 0,5%. No Japão, caíram o consumo privado, os investimentos e as exportações. As explicações mostram os dilemas atuais: no Japão, os especialistas disseram que a economia caiu por causa da inflação; na Europa, por causa da elevação da taxa de juros para conter a inflação; nos Estados Unidos, o presidente do Fed, Ben Bernanke, espera que a fraqueza geral das economias reduza a inflação. Ou seja, ele espera que a recessão o salve da inflação, contra a qual decidiu não lutar.

Nos acontecimentos da semana passada, ficou claro que não há solução fácil em economia: a Europa encolheu porque elegeu a inflação como inimigo número um e subiu os juros; os Estados Unidos tiveram inflação porque o Fed avisou que sua prioridade era evitar a recessão, e reduziu os juros. O Japão disse que não cresceu por causa da inflação. Em resumo, não há como escolher que inimigo combater quando esses dois aparecem juntos. Eles criam o pior dilema que os banqueiros centrais têm que enfrentar.

Por outro lado, os "descolados" continuam apostando no vigor da sua tese, porque os BRICs permanecem crescendo. As economias dos quatro grandes emergentes, Brasil, Rússia, Índia e China, vão, de fato, fechar o ano com sólido crescimento, ainda que menor que no ano passado. Segundo a análise da Goldman Sachs, os quatro países juntos vão representar 50% do crescimento mundial este ano e em 2009, quando, em 2006, equivaleram a 30%. As exportações do Brasil e da Rússia continuam crescendo; até agora, apenas graças aos preços das commodities, porém, em volume, elas começam a cair. Na China, o ritmo está em queda e, na Índia, mais ainda. A China é uma máquina de crescer, mas deve dar alguma engasgada com a paralisação das fábricas para reduzir a poluição do ar nas Olimpíadas. Ainda que essas quatro economias continuem crescendo, há vários sinais de problemas em cada uma delas. O Brasil depende demais do preço das commodities para manter o saldo comercial, que ainda é o que evita a deterioração mais rápida do déficit em transações correntes. O problema é que a queda das commodities, desejada por causa da inflação, é um momento de risco para o Brasil.

A queda do preço do petróleo pode trazer menos efeitos benéficos para a economia americana do que se calcula. Quem diz é a análise semanal do Banco Itaú. É fato que o petróleo chegou a US\$ 147 e vem caindo forte. Mas quando se olha o que aconteceu nos últimos quatro meses, apesar das oscilações, a tendência é ascendente. O petróleo está mais caro agora — mesmo considerando as últimas quedas — que no final de março. Ou seja, o ganho para o consumidor americano será menor do que se imagina.

Nos Estados Unidos, alguns dados bons dos últimos meses levam os analistas a acreditar até num bom número na revisão do PIB no segundo trimestre, porém o país continua mostrando o pior desempenho comparado aos outros desenvolvidos. E a razão principal permanece sendo a crise de crédito detonada pela crise imobiliária, cujo infeliz aniversário os mercados acabaram de comemorar. Desde o pico em 2006, as novas construções residenciais caíram 50% e não há sinal de que haja algum alívio a curto prazo. As previsões são de que os investimentos residenciais prosseguirão encolhendo este ano, e também no próximo.

A economia mundial continua passando por maus momentos, com tempo ruim sujeito a surpresas piores, como a do encolhimento do Japão e da Europa no segundo trimestre do ano. Os Estados Unidos só se recuperaram depois de 2009; é o que dizem mesmo os analistas mais otimistas. As economias emergentes continuam crescendo, mas com vários tipos de problemas. Apesar de os BRICs terem ficado, nos últimos anos, menos dependentes dos mercados dos países ricos em geral, a dependência em relação ao mercado americano como destino das exportações cresceu. Isso põe mais uma dúvida na capacidade de eles permanecerem crescendo de forma descolada dos países ricos.

No Brasil, indiferente a esse quadro, o governo anuncia aumento de gastos, criação de ministérios, gastos extra-orçamento semanais, subsídios para empresas, novas estatais. Comemora o vôo da economia, ignorando que o mundo em volta está em turbulência. Os dados da semana passada mostraram que quatro das cinco maiores economias do mundo — os Estados Unidos, o Japão, a Zona do Euro e a Inglaterra — estão com sinais, mais fortes ou mais fracos, de recessão. Não é tempo de aventuras.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/17/fim-dos-descolados-120455.asp>>

ANEXO H – Maiores economias estão com problemas

Enviado por Míriam Leitão - 26.8.2008

A situação nas maiores economias do mundo está ficando pior, com o encolhimento das economias da Alemanha e do Japão. Ao mesmo tempo, a China está preparando um pacote para estimular o consumo interno. Hoje, houve um número bom da economia americana, que foi uma pequena recuperação do mercado de imóveis americano. Mesmo assim, os economistas dizem que isso não é sustentável. A crise imobiliária ainda continua.

Ouçam [aqui](#) na CBN e entendam melhor como está o xadrez macro nas principais economias do mundo.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/26/maiores-economias-estao-com-problemas-122469.asp>>

ANEXO I – Sim, eles puderam fazer uma revolução

Enviado por Míriam Leitão - 5.11.2008

Sim, os americanos conseguiram. Eles fizeram uma revolução no meio de uma tragédia econômica. Eles conseguiram pouco mais de quarenta anos depois da mais abjeta das separações raciais, a segregação, eleger um presidente negro.

Eles conseguiram fazer uma eleição emocionante, eletrizante, e abrir de novo as portas da esperança num país que já se reconstruiu tantas vezes.

Sim, eles elegeram Barack Obama e neste momento são olhados com admiração e torcida pelo mundo.

Ao longo do dia analisarei aqui os vários aspectos desta vitória. Mas essa é uma forma de dizer Bom Dia a você internauta!

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/11/05/sim-eles-puderam-fazer-uma-revolucao-138134.asp>>

ANEXO J – Por que os economistas erraram tanto em 2008?

Enviado por Míriam Leitão - 30.12.2008

Os economistas erraram muito em 2008. E isso aconteceu porque eles embarcaram na idéia furada de que mesmo com a desaceleração da economia americana, os países emergentes se descolariam e garantiriam o crescimento mundial. A tese, que não veio do Brasil, se mostrou completamente equivocada. Todos foram atingidos, inclusive a China, que era apontada como carro-chefe do descolamento.

A verdade é que a globalização é um processo de aumento de relações comerciais entre os países. O que vale para o bem, também vale para o mal. Essa foi a premissa básica ignorada.

Outro erro foi o de achar que a economia americana iria só desacelerar, mas não entrar em recessão. O ponto fora da curva aqui foi que ninguém contava com a crise de confiança no sistema financeiro. A incompetência do governo americano, dos bancos e das agências de risco foi tão grande que um banco do porte do Lehman Brother decretou falência.

Isso criou pânico, e o pânico nunca está na previsão dos economistas.

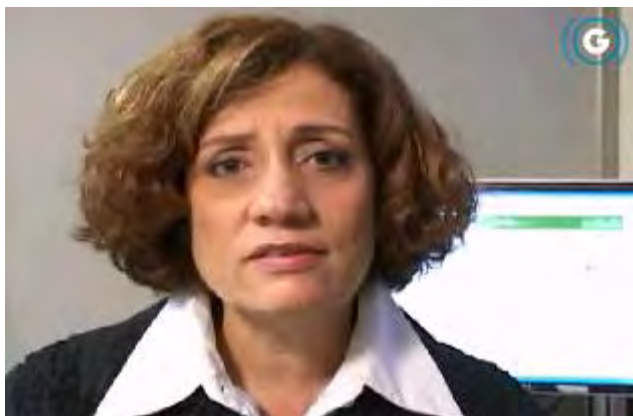
Ouçam [aqui](#) o comentário da CBN.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/12/30/por-que-os-economistas-erraram-tanto-em-2008-150304.asp>>

ANEXO K – Eleições americanas foram eletrizantes

Enviado por Míriam Leitão - 3.11.2008

As eleições americanas mobilizaram o país num momento de crise econômica. Os partidos conseguiram envolver muito eleitores, principalmente os democratas. Hillary Clinton, durante as primárias, mesmo tendo perdido, conseguiu 18 milhões de votos. Obama usou novas tecnologias e contagiou os mais jovens, que estavam desencantados com a política. Se vencer, Obama conseguirá aumentar a influência americana pelo mundo, mas não de uma forma velha, pelo uso da força, mas da forma correta, com autoridade moral. Se perder a disputa para John McCain, com certeza será um momento de luto pelo mundo. Assitam a análise no comentário abaixo, no vídeo feito com exclusividade para o blog.



Em tempo: o site do Wall Street Journal acaba de divulgar mais uma das muitas pesquisas feitas sobre a eleição presidencial. Mas esta foi feita pelo WSJ e a rede de TV NBC, e tem muita credibilidade. Os números dão 51% para Barack Obama contra 43% de John McCain, com 6% de indecisos e um terço desses pensando em votar num terceiro candidato. Esses oito pontos de diferença são dois pontos a menos que a mesma pesquisa divulgada há uma semana. Diminuiu, mas ainda é uma boa margem a favor de Obama.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/11/03/eleicoes-americanas-foram-eletrizantes-137590.asp>>

ANEXO L – Ministro diz que não fará acordo

Enviado por Míriam Leitão - 4.9.2008

O ministro Carlos Minc me ligou, após ler a coluna Penorama Econômico de hoje (vejam mais abaixo), e garantiu que não vai fazer acordo para adiar o cumprimento da resolução do Conama que obriga a Petrobras a fornecer o Diesel menos poluente (com 50 partes de enxofre por milhão) e as indústrias automobilísticas a produzirem ônibus e caminhões adaptados a esse novo combustível.

- A resolução estabelece que em janeiro de 2009 as empresas têm que estar preparadas e o Ministério não aceitará adiamento. O assunto está na Justiça. Elas só podem descumprir a resolução se conseguirem liminar - garantiu o ministro.

Minc disse que a única mudança que fará será propor a antecipação da segunda etapa do acordo que é a produção de um combustível ainda menos poluente que é o diesel com o enxofre na proporção de 10 partes por milhão, o padrão europeu, para o ano de 2012.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/09/04/ministro-diz-que-nao-fara-acordo-124278.asp>>

ANEXO M – Indicadores da China e Alemanha derrubam bolsas

Enviado por Alvaro Gribel - 1.12.2008

Dois indicadores divulgados pelas economias da China e da Alemanha levaram pessimismo aos mercados neste início de semana. Na China, foi divulgado o índice da atividade industrial, que caiu para 38,8 pontos em novembro, com queda de 5,8 pontos frente outubro. É o pior resultado desde o início da pesquisa, em 2005. Quando o indicador marca abaixo de 50 pontos significa contração da atividade industrial.

Na Alemanha, as vendas no varejo tiveram forte queda em outubro, 1,6%. O resultado pegou o mercado de surpresa, que projetava alta de 0,5%. Este é o segundo mês consecutivo de queda nas vendas.

Aqui no Brasil, o índice Ibovespa operava com -3,70% por volta do meio-dia. Na Europa, as principais bolsas também operavam no vermelho, e o índice futuro do Dow Jones indicava abertura de pregão também em queda.

Os investidores estão atentos a todos os indicadores e sinais da economia chinesa, que é considerada por muitos como a única locomotiva capaz de impedir uma queda maior do PIB mundial.

A Alemanha depende muito do comércio internacional para crescer. Com o agravamento da crise, não há muito o que o governo possa fazer para evitar a desaceleração de sua economia.

Disponível

em:

<<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/12/01/indicadores-da-china-alemanha-derrubam-bolsas-143935.asp>>

ANEXO N – Tesouro não deveria se endividar para capitalizar o BNDES

Enviado por Míriam Leitão - 23.1.2009

O governo está transferindo dinheiro para o BNDES, que vai repassar às empresas sem estabelecimento claro de critérios. Esse dinheiro vai acabar parando na caixa das grandes empresas do país, que já tem acesso ao crédito, como Petrobras, Vale, e outras empresas do setor petroquímico e de commodities. Com taxas mais baratas, obviamente elas vão pegar dinheiro com o BNDES.

Enquanto isso, as pequenas, micro, e médias empresas continuarão sofrendo para ter acesso ao sistema bancário, que não está emprestando. São elas quem estão estranguladas pela crise do crédito, não as grandes.

Esta semana, por exemplo, o BNDES investiu R\$ 2,4 bilhões para a concretização da fusão entre a VCP e a Aracruz, como já cometamos ontem aqui no blog. Além de ajudar duas empresas grandes, o BNDES está virando sócio de uma empresa nova que tem R\$ 10 bilhões de prejuízo por apostas erradas antes do agravamento da crise.

De acordo com o presidente do BNDES, Luciano Coutinho, isso foi feito para que as empresas não se "espatifassem". Mas elas estão mal porque fizeram movimentos errados. Então seus grupos que arquem com o prejuízo, e não o BNDES.

A forma mais eficiente de liberar dinheiro público para a economia é reduzir impostos. Se reduzir para pessoa física, aumenta o consumo. Se reduzir sobre a folha de pagamento, diminui o ritmo de demissões.

Agora o Tesouro e vai se endividar em R\$ 100 bilhões para capitalizar o BNDES. Tudo indica que o gasto público está sem rumo. Estamos voando às cegas.

Ouçam [aqui](#) a análise completa na CBN.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2009/01/23/tesouro-nao-deveria-se-endividar-para-capitalizar-bndes-155798.asp>>

ANEXO O – BC atua para combater diminuição do crédito

Enviado por Míriam Leitão - 24.9.2008

A decisão que o Banco Central acabou de baixar (leiam [aqui](#)) mostra que o BC está atento ao que está acontecendo no mercado de crédito brasileiro desde a semana passada: uma forte redução da oferta de dinheiro.

Por isso, o Banco Central está usando a ferramenta clássica: reduzindo compulsório, reduzindo as exigibilidades e aumentando o dinheiro livre para oferta de empréstimo por parte do banco. Uma parte de todo o dinheiro depositado no banco, seja na conta corrente, seja nas aplicações, tem que ser recolhida ao Banco Central; outra parte tem que ser aplicada em coisas específicas, como agricultura e construção civil, as chamadas "exigibilidades".

O que o Banco Central fez nesta resolução foi aumentar a parcela livre das exigibilidades e adiar o recolhimento que recairia sobre as empresas de arrendamento mercantil. Em poucas palavras, o BC quer irrigar mais o mercado de crédito, que deu uma travada na semana passada.

São efeitos da crise americana no Brasil.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/09/24/bc-atua-para-combater-diminuicao-do-credito-128171.asp>>

ANEXO P – A força da gente

Enviado por Míriam Leitão e Débora Thomé - 31.8.2008

(Leia abaixo a coluna publicada no Globo, neste domingo)

Há um inimigo oculto atuando contra a Rússia neste momento e tornando ainda mais insensato o caminho bélico da dupla Putin-Medvedev. A demografia não recomendaria a eles que iniciem guerras colocando em risco os jovens. A população russa encolheu em sete milhões na década entre 1997 e 2006. As projeções indicam que o declínio vai continuar, e eles encolherão mais 13 milhões até 2025.

Hoje os russos são 141 milhões em ação; 3 milhões a menos que em 2002. Em 2025, serão 128 milhões. Há algum tempo, o país entrou num forte declínio da taxa de natalidade, a qual ficou abaixo da reposição. Isso a levará a perder as pessoas em idade produtiva e ter um aumento dos idosos. Até 2025, as projeções indicam que a população de 15 a 64 anos vai diminuir em 16%. Os russos com 65 anos ou mais vão aumentar em 18%. A idade mediana no país já é perto de 40 anos. Uma sociedade assim, com velhos aumentando e a população ativa diminuindo, enfrenta riscos e dúvidas. Esta deveria ser a hora de o governo poupar os recursos do petróleo e preparar o futuro, em vez de alimentar expansionismos geopolíticos da guerra fria. O governo tem feito campanhas a favor da natalidade, e está subsidiando o terceiro filho; mesmo assim, essas políticas não têm tido muito efeito.

Má hora para abrir várias frentes simultâneas de conflito com o Ocidente. Por gestos e palavras, a dupla do barulho que ocupa o Kremlin pode reagir contra outros governos pró-americanos da região, como a Ucrânia, por exemplo. Putin e Medvedev fizeram declarações fortes contra os mísseis americanos na Polônia. Imagine se acabam se envolvendo em conflito em todas essas frentes? Demograficamente falando, não deveriam.

Se for olhado apenas por esses dados — retirados do US Census Bureau —, que raramente entram na conta dos economistas, o Brasil está na melhor situação dos BRICs. A população chinesa e indiana é gigantesca, e vai permanecer crescendo até atingir, cada um, perto de 1,5 bilhão de pessoas, em 2025. O Brasil tem uma população de tamanho razoável. Com as taxas de fecundidade caindo aqui mais que o esperado, os dados estão sendo revistos. Na sexta-feira, o IBGE informou que cálculos novos indicaram que o país continuará crescendo até 2040, quando chegaremos a 220 milhões de habitantes; depois a população começa a cair.

Até 2025, segundo os últimos dados detalhados do IBGE, o país vai diminuir um pouco a população de 0 a 14 anos, dobrará o número de idosos, mas vai continuar ampliando o grupo em idade produtiva — de 15 a 64 anos —, que aumentará 21%. A China ficará com essa faixa da população praticamente estagnada, e vai quase dobrar o número de idosos, o que significa o ingresso de aproximadamente 100 milhões de pessoas a mais nessa faixa de idade. Para eles — e para nós também — é fundamental ter um sistema de previdência que funcione e incentive as pessoas a poupar para que o peso não recaia quase inteiramente sobre o Estado.

A Índia tem a população mais jovem dos quatro e continua crescendo de forma mais acelerada. Acrescentará, até 2025, uma multidão de 320 milhões à sua população.

Ela tem um indicador que é olhado como ativo — o aumento da população em idade produtiva será o maior dos quatro BRICs, de 31%. Por outro lado, isso é um enorme desafio, dado o tamanho monstruoso de sua população, dada a dimensão do número de excluídos. Esse crescimento exigirá muito da economia. Um estudo publicado no site do FMI calcula que a Índia tem que criar 13 milhões de empregos por ano pelos próximos 40 anos. O país ainda tem atrasos na educação que fazem o Brasil até parecer bem-sucedido nesta área, como, por exemplo, quase 50% de taxa de analfabetismo entre as mulheres. A educação das mulheres tem um reflexo direto na taxa de natalidade e, mais importante, na educação dos filhos. É impossível se modernizar apenas investindo numa elite super educada, deixando metade das mulheres na ignorância, como faz a Índia. A China, apesar de todo o enriquecimento recente, tem também muitos excluídos.

Pelos grandes números da China e da Índia, pelo encolhimento e envelhecimento rápido da Rússia, pela nossa relativa juventude e tamanho equilibrado da população, o Brasil é o que tem o melhor quadro demográfico. Mas que nos apressemos. Nossa chance de dar o salto é nos próximos 20 anos; e o custo da previdência é alto demais para uma população tão jovem.

Quando se compara o Brasil com a Índia, a China e a Rússia, elas parecem mais perto do perfil de potência. Principalmente os dois últimos países. A Rússia renascendo pela força do petróleo, depois do colapso de dez anos atrás; a China com seu crescimento acelerado. Mas os três estão em áreas conflagradas. A Índia é vizinha do Paquistão, com quem tem disputas territoriais antigas. Ambos têm bomba atômica, e o Paquistão virou o que a imprensa americana chama de "país mais perigoso do mundo". Lá se refugiaram os talibãs e a Al Qaeda. A Rússia reabriu a temporada de instabilidade e encomendou o que pode ser uma sequência de episódios de conflitos. A China tem conflitos internos reprimidos pela ditadura e também pretensões expansionistas. Perto deles, o Brasil parece viver numa região pacífica. Aqui, a ameaça de guerra entre Venezuela e Colômbia durou 12 horas. Os demais BRICs têm mais o perfil de potência pelo poderio bélico e atômico. Mas sabe qual a diferença? O Brasil não tem esse tipo de pretensão sobre território alheio. Aqui o que faz falta não é o míssil russo, o exército chinês, a bomba nuclear indiana. O que nos faz falta mesmo é a educação da Coreia.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/31/a-forca-da-gente-123312.asp>>

ANEXO Q – As chances de 2009

Enviado por Míriam Leitão e Leonardo Zanelli - 1.1.2009

Dos riscos de 2009 você já sabe, e eu não quero estragar seu primeiro dia do ano falando deles. Tempo haverá. Vamos pensar nas chances. O governo Bush está por apenas mais 19 dias e isso é um alívio! Portanto, a primeira chance vem de lá, fonte dos nossos problemas atuais: os Estados Unidos. Não há milagres, mas o mundo pode esperar um novo estilo de liderança.

Há uma chance razoável de que uma mudança decisiva ocorra na política climática. Tudo o que Obama fez e falou até agora, todas as pessoas que nomeou, permite que o mundo aposte realisticamente que a primeira potência vai fazer parte da solução da questão climática. Fica para trás a política de negação das evidências visíveis e das provas científicas de que o excesso de emissão de carbono provocada pelos seres humanos está pondo o planeta em risco, e o maior emissor é exatamente o país que lidera o mundo. As equipes de energia e meio ambiente do novo governo trazem a vantagem da coerência: todos se comprometeram, ao longo de suas vidas profissionais, com a proteção ao meio ambiente, a busca de fontes de energia sustentável e a condenação à economia do carbono.

Mais do que isso, Obama tem apostado na onda verde como parte do processo de reconstrução da economia. A reunião de Copenhague pode não ser a do acordo global, mas terá sentado à mesa de negociação um representante americano com o qual se poderá conversar. Grande chance de a Humanidade começar a salvar o único planeta que nos acolhe, protege e alimenta.

O ano de 2009, que começa sob tanto medo econômico, pode ficar na História como aquele em que se evitou a repetição da crise de 29. Se evitar, acabará com saldo positivo. O ectoplasma daquele ano terrível continua entre nós, as bolsas estão em frangalhos, depois da enorme perda de valor de 2008, a indústria automobilística americana está por um fio, mas a grande vantagem é que o mundo já conhece 1929. Por que teria de repetir, 80 anos depois, a mesma tragédia? Os economistas sabem o que aprofundou a crise e o que funcionou no combate a ela. Se as decisões forem tomadas de maneira coordenada e sábia, pode-se evitar o pior.

Em 1929 havia um problema: o mesmo Herbert Hoover — o Bush da época — permaneceu no poder em 30, 31 e 32. Agora, o governo americano será inteiramente renovado. Há, primeiro, o efeito psicológico. A economia precisa da confiança das pessoas, e um novo governo é sempre uma injeção de ânimo. Que bom que as democracias acreditam em alternância no poder! Há também o efeito das medidas concretas que a equipe de Obama está preparando.

Se você estiver com um pouco de ressaca de 2008, pode pensar: que diferença fará um novo pacote de US\$ 800 bilhões numa economia que já recebeu US\$ 1 trilhão e não reagiu? A diferença é que o que foi gasto no fim do governo Bush foi de forma defensiva, para evitar a quebra dos bancos. Agora, o governo americano jogará no ataque, tentando criar empregos, aumentando os investimentos públicos.

O terceiro fator favorável é o preço da energia. Em 2008, parte da descapitalização das famílias americanas foi o preço do petróleo, que atingiu um pico

inimaginável e sangrou o orçamento familiar. O que eles compravam por US\$ 4 dólares, o galão de gasolina, agora está por um terço disso e caindo. Sobrará mais para outros gastos.

Alguns países perderam poder de fogo com a queda do preço do petróleo, e isso poderá trazer bons resultados. A Venezuela chavista terá que conter sua política expansionista na região, que tem sido um fator de perturbação na área onde está o Brasil. Temos recebido respingos dos governos financiados e insuflados por Chávez. Agora, o caixa do grotesco caudilho está bem mais magro. Do outro lado do planeta, a Rússia também foi abatida pela queda dos preços do petróleo. A disparada do produto havia turbinado as pretensões militares do país, que começaram na Geórgia e iriam adiante. A idéia era recriar a Grande Rússia.

A crise do fim de 2008 encerrou o período dos delírios. No Brasil, a disparada irracional dos preços dos ativos em bolsa criou uma falsa impressão de empresas inatingíveis, fez surgir milionários que nada produziam, permitiu que empresas sem ativos se alavancassem no mercado de capitais. O aumento da arrecadação permitiu ao governo aprovar gastos irracionais. As descobertas do pré-sal, com o petróleo a US\$ 143, levaram a arrogância petrolífera ao ponto do ridículo. As reservas cambiais recordes fizeram o governo apostar numa improvável blindagem contra a crise mundial. Prefiro o pé no chão, o preço real dos ativos, a consciência de que o futuro se constrói com muito trabalho e não golpes de sorte. O fim do ano foi um banho de realidade para um governo que estava sendo atacado por um perigoso surto de grandeza. O país entra em 2009 consciente das suas forças e fraquezas na dimensão exata que elas têm.

Como sempre na vida, o ano terá momentos difíceis e boas surpresas. Mas um ano em que os economistas apelidaram de “perdido”, antes de ele começar, tem a vantagem de um nível de expectativa tão baixo que qualquer ganho será valorizado. Não há dúvida que será um ano em que o mundo crescerá menos. Mas pode ser, também, o ano que lançará pontes para o futuro.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2009/01/01/as-chances-de-2009-150488.asp>>